Daniela Della Torre

**CLARICE LISPECTOR: DA *SOLIDÃO DE NÃO
PERTENCER À QUARTA DIMENSÃO***

Mestrado em Psicologia Clínica

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO - 2006**

Daniela Della Torre

**CLARICE LISPECTOR: DA *SOLIDÃO DE NÃO
PERTENCER À QUARTA DIMENSÃO***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica sob orientação do Professor Doutor Gilberto Safra.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO - 2006**

Banca Examinadora

*Para meus pais,
Lourdes e Euzébio (Paco).*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Gilberto Safra. Agradeço profundamente a generosidade com que me acolheu quando vim de longe, a paciência de esperar minhas andanças, minhas paradas, meus silêncios. Agradeço por iluminar através de seus ensinamentos e de seu carinho esses meus últimos anos. Muito obrigada.

Ao Prof. Dr. Kleber Duarte Barreto pela leitura e sugestões cuidadosas no exame de qualificação. Agradeço sua atenção, seu carinho, seu apoio nos momentos difíceis. Obrigada pelo sorriso.

A Profa. Dra. Maria Valéria P. H. Salles Lima pela afetuosa leitura e preciosas contribuições no exame de qualificação. Obrigada pelas doces palavras.

À Profa Dra. Yudith Rosenbaum pela atenção e por aceitar compor a banca de defesa.

Aos meus pais, Lourdes e, *in memoriam*, Euzébio (Paco) pelo amor ao *cachorrinho de pata machucada*, confiança e presença constante.

A Djane Della Torre, pelo incansável apoio e dedicação em todos esses anos: desde a vinda a São Paulo até a última leitura deste texto. Ao Hugo Almeida, pelo apoio e sugestões.

A Djalmo, Miriam, Franco e Enzo Della Torre por estarem com os meus pais enquanto eu estava longe.

A amiga Raquel Spaziani pelo apoio, incentivo e, principalmente, pela sua amizade.

Ao Prof. Dr. Fábio Herrmann (*in memoriam*), à Prof. Dra. Leda Herrmann e a Bernardete Ribeiro da Costa pelos ensinamentos, carinho e apoio.

A Rubia Nascimento Zecchin pela sua confiança e amizade.

A Sonia Novinsky e Sílvio Lefèvre pelo afeto e cuidado com que tem me tratado.

A Ilana Novinsky pelo seu jeito afetuoso de ser.

Aos amigos, Ricardo Telles de Deus, Ricardo Gomide dos Santos, Cristiano Cemim, Vera e Domingos Palma, Sérgio Perez, Paulo Barbosa, Naíza França, Raquel Furgeri de Oliveira, Rosemary Bulgarão, Manoela Rosa, Maria Mercedes Samudi Santos, Roberto Carvalho, que carinhosamente me acompanharam e me acolheram nesta vida paulistana de ser.

A Lauro e Inácia Fraga por me receberem em sua família.

A Renato Kovacsik Carvalho por alegrar minha solidão.

Aos meus pacientes que compartilham suas vidas comigo e que muito me ensinam a cada encontro.

Ao CNPq por viabilizar dois anos de pesquisa.

Às minhas incansáveis companheiras: Cris, Cléo e Naomi.

RESUMO

O estudo *Clarice Lispector: da solidão de não pertencer à quarta dimensão* reflete sobre as principais questões constitutivas o modo de ser das pessoas. O diálogo com Clarice Lispector, pessoa conhecida e com modo especial de ser, ilumina essa reflexão e contribui para apresentar sua singularidade. Este estudo é norteado pelos pressupostos psicanalíticos de Donald W. Winnicott e, principalmente, baseado nas concepções de Gilberto Safra sobre o *idioma pessoal*. A história de Clarice, os estudos clariceanos, os “depoimentos” deixados ao longo de sua obra e a releitura dela apontam para o desvelamento de seu idioma pessoal – missão/questão, pertencer/não, solidão e silêncio – que deságuam na sua palavra. “Tentativa de artesão” busca reconstruir essa trajetória, esse jeito de ser. Em “*Da solidão de não pertencer à quarta dimensão*” o idioma pessoal vai se desenhando dentro de uma perspectiva ontológica. No começo há uma missão, que impede o devir. No entanto, ao longo da existência foi re-posicionada em *questão*, surge o não pertencer e o anseio de pertencer como elementos constitutivos. A solidão clariceana é o núcleo do segredo, do mistério, do *atrás do pensamento*. Enquanto o silêncio, *fonte de minhas palavras*, se faz presença esperada. É a palavra, *quarta dimensão*, que ao emergir toca sua face oculta e a salva. A lucidez de Clarice diante da existência e da contingência humana revela, para além dela mesma, a humanidade assentada nestes registros. Com a palavra ela encontra o destino de suas questões, ergue a ponte ser-ser na qual se encontram as singularidades do ser gente.

ABSTRACT

The work *Clarice Lispector: about the loneliness of not belonging to the fourth dimension* discusses the major constitutive issues of people's way of being. The dialogue with Clarice Lispector, a well known person, with a special way of being, brings light to this discussion and gives its contribution while presenting its singularity. This study is based on Donald W. Winnicott's psychoanalytical assumptions and especially on Gilberto Safra's ideas about the *personal idiom*. The story of Clarice, the studies about her, the testimonials she left during her life and the new reading of her works allow us to unveil her personal idiom – the mission/issue of belonging/not belonging, her loneliness and silence – that appears in her writings. An “Artisan's essay” tries to reconstruct this career, this way of being. From “The loneliness of not belonging to the fourth dimension” the personal idiom designs itself in an ontological perspective. In the beginning there is a mission that does not allow a future. But, during her life, it was positioned as an *issue* and the not belonging and the wish of belonging appear as fundamental aspects. Clarice's loneliness is the center of a secret, of a mystery, *behind her thoughts*. While the silence, *source of my words*, becomes her expected presence. The word, *fourth dimension*, when it appears, touches her hidden face and saves her. Clarice's clarity in face of existence and human condition allow us to discover her humanity, beyond herself. With the word she discovers the destiny of her issues, she builds the bridge between to be and not to be in which we find singularities of the human being.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 Uma travessia pessoal.....	1
1.1 Entre Cacás e Cenildas.....	1
1.2 Entre Clarices.....	4
1.3 Um encontro.....	5
1.4 E a Clarice?.....	7
2 Objetivo.....	9
3 Metodologia.....	12
3.1 Clarice e os críticos – um levantamento.....	15
3.2 Clarice e a psicanálise.....	23
4 Justificativas.....	25
5 Apresentação dos capítulos.....	28
PARTE I – TENTATIVA DE ARTESÃO.....	30
Os ancestrais ucranianos.....	31
Do Oriente ao Ocidente.....	33
A mudança: Alagoas para Pernambuco.....	35
A infância em Recife.....	37
Histórias intermináveis: guardiãs de um segredo.....	42
<i>Amizade, matéria de salvação</i>	45
Ainda bem! Restaram as formigas.....	47

A procura de não ser.....	50
<i>Eu era o único eu.....</i>	52
Tesouro disfarçado e revelado.....	59
De Recife ao Rio.....	63
O salvo-conduto.....	65
Banhos de mar: celebração da presença do pai.....	69
Novos encontros: <i>Perto do coração selvagem.....</i>	71
Rio-Belém.....	76
<i>A cor esmaecida de Nápoles.....</i>	79
<i>O silêncio de Berna.....</i>	86
<i>Estou me controlando para não ficar alegre demais.....</i>	92
<i>O cheiro de Berna.....</i>	94
Da Inglaterra ao Brasil.....	96
Em Washington, <i>pensando sem parar.....</i>	98
Dois meses no Rio.....	100
<i>Não me incomodo muito de ficar embotada.....</i>	101
De volta para casa.....	106
PARTE II – DA SOLIDÃO DE NÃO PERTENCER À QUARTA DIMENSÃO.....	135
1 <i>A solidão de não pertencer.....</i>	136
A missão.....	137
Pertencer.....	140
Não pertencer.....	142
Da missão à questão.....	145

2 <i>Atrás do pensamento</i>	151
3 No <i>Rosto</i> , o silêncio.....	163
4 A palavra, <i>quarta dimensão</i>	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185
ANEXOS.....	191
Obras de Clarice Lispector: primeiras edições.....	192
Antologias.....	194
Correspondências.....	195
Imagens/citações.....	196

INTRODUÇÃO

1 Uma travessia pessoal

1.1 Entre Cacás e Cenildas

Parece-me difícil precisar o ponto de partida deste estudo. Talvez tenha começado na época em que eu contava os meus 10 anos e tricotava meias de lã para os vovôs do asilo, ou quando me arriscava no teatro amador interpretando a personagem Emília do *Sítio do pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato, em escolas e creches, ou quando já me aventurava pelos caminhos da Psicologia e parei em um hospital psiquiátrico.

Não houve apenas uma situação ou experiência que me levou a este estudo. Foi durante o curso de Psicologia, e com a análise pessoal, que comecei a me inquietar. Além disso, me deparei com algumas dificuldades que também colaboraram para novas reflexões.

Apesar de me identificar com a psicanálise e me dedicar a ela, parecia que a minha concepção sobre *ser gente* se afastava daquilo que me ensinavam alguns livros e professores. Sim, tudo era muito racional, talvez técnico demais. Deste modo eu me sentia presa e, entre grades, não poderia ser uma psicóloga ou, quiçá, uma psicanalista. Andava por caminhos solitários à procura de alguma coisa que não sabia o que era; entretanto, sentia que deveria continuar.

E continuando fui parar na Oficina de Criatividade de um manicômio em Porto Alegre. Homens e mulheres depositados, a doença mental e a

institucionalização arrancaram-lhes a dignidade. Alguns, sem nome, ganhavam no prontuário um apelido: Cacá, aquele monossilábico cá-cá-cá-cá; Maria Muda, muda; Sorriso, o mudo que sorria. Outros, com nome, mas sem sobrenome, como o Seu Luís, que pintava relógios e os recobria com uma nova camada de tinta; Ângela, anjo que presenciou a morte de seu amor eletrocutado; Cenilda, que se orgulhava quando seus pêlos cresciam porque ganharia características masculinas e com isso teria forças para resistir aos ataques sexuais do irmão.

De acordo com a minha orientação psicopatológica, ali, naquelas pessoas, não havia ninguém, a não ser um conjunto de sintomas que delimitavam um diagnóstico e que poderiam ser objetos para um belíssimo estudo. As pessoas desapareceram, permaneciam apenas os corpos ambulantes, nus em busca de lugar ao sol e à sombra. Suas histórias pareciam começar na internação, a partir de registros médicos. Essas pessoas, em sua maioria, foram abandonadas pelas famílias e entregues a instituição para se “recuperarem”.

Como voluntária deveria promover intervenções que, de alguma forma, contribuíssem para o aprendizado técnico. Não fui uma boa estagiária, não cumpria a maioria das tarefas. Eu só queria saber de conversar com a Maria Muda; correr pelos corredores com o Cacá, que mal andava, puxando um carrão de plástico amarelo; sorrir com o Sorriso; apressar-me para presenciar o relógio pintado pelo Seu Luís que, em seguida, desapareceria sob a tinta fresca; abraçar, pela manhã, o anjo triste; e testemunhar o penugar de Cenilda. Como poderia, diante destas pessoas, aplicar algum tipo de técnica? Eu, pelo menos, não conseguia.

O que eu encontrava entre os Cacás e Cenildas era algo bastante diferente da orientação psicopatológica descrita nos prontuários médicos. Existia em mim

uma outra compreensão, ainda não nomeada, indefinida – sabia, apenas, que estava às avessas da instituição. Porque entre os Sorrisos e Marias-Mudas não havia apenas a impossibilidade da fala, mas havia a nossa incapacidade de perceber quem habitava aqueles corpos marcados pelo sofrimento e pelo abandono. Eram os Seus Luíses que contavam rapidamente sobre suas questões mais fundamentais, porém, nós, sem tempo, só conseguíamos ver a camada mais aparente, uma tela pintada com uma única cor.

Toda essa situação me intrigava, me incomodava porque, do modo como deveriam ser as minhas intervenções, eu perdia de vista aquilo que considerava essencial, perdia de vista o relógio de Seu Luís. Eu não queria ser condecorada pelo bom desempenho, queria tentar reencontrar aqueles que haviam sido jogados no mundo e que estavam esquecidos, queria apenas sintonizar com o sofrimento deles e aprender um pouco mais sobre a alma humana.

É possível que minha vontade tenha excedido minha capacidade de minorar a dor do anjo que enlouquecera com a morte de seu amor. De fato, nada pude fazer, apenas testemunhei o sofrimento daquelas pessoas que foram estilhaçadas pela existência. No entanto, restaram em mim as marcas daquilo que presenciei, restou a vontade de encontrar algo que sustentasse essas experiências, que sustentasse esses encontros, a vontade de apreender o não-dito, de me dedicar à compreensão da maneira de ser de cada Cacá, de cada Maria, de cada Ângela que por acaso se juntaram à minha trajetória. Porque em cada um deles havia uma história pessoal, porque em cada um deles havia a nossa história, em cada um deles encontramos um pouco de nós mesmos.

1.2 Entre Clarices

Há muito não tenho notícias dessas pessoas que me incitaram a procurar o humano onde aparentemente não havia ninguém. Mesmo assim não desisti, o anseio de tentar compreender um pouco da alma humana se manteve, então descobri na literatura um novo jeito de me reconectar com o Sorriso ou com Seu Luís. Com isso, não quero dizer que estou interessada em estudar sintomas ou patologias, quero, todavia, me debruçar sobre as questões que fundamentam o percurso de determinada pessoa no mundo.

Foi na literatura que me deparei, para minha surpresa, com Clarice Lispector. Clarice há muito ocupava a minha cabeceira, eu lia e relia sua poesia em prosa, ela me acompanhava continuamente, porém eu não a via como um recurso para um possível estudo, estava próxima demais. De repente ao reler *Água viva*, de Clarice Lispector, como o relógio oculto de Seu Luís, me apressei e vi:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente ¹.

O encontro se fez: posso pescar, em Clarice, o não-dito?

Depois da reflexão surgiu uma nova questão: como fazer para tentar apreender os aspectos mais fundamentais de Clarice? Isso é possível? Não sei.

¹ LISPECTOR, Clarice (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 25.

1.3 Um encontro

Apesar de achar difícil dar conta de um projeto como este, resolvi me arriscar. (Só em pensar suava de ansiedade). Então, o que fazer em primeiro lugar?

Comecei a me perguntar: Como leio Clarice? Procuo interpretar sua fala? É, às vezes sim. Outras, me entrego, lendo-a em voz alta.

Se me entrego a claricear, imediatamente me aproprio de suas palavras: *Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada*². São composições literárias como estas que me levam a outro lugar, me levam a olhar o ser humano sob outro vértice, que me levam a outra perspectiva clínica, ao encontro das Cenildas.

A princípio fui orientada por uma perspectiva psicanalítica nos moldes clássicos. No entanto, sentia que a maioria dos estudos de que participava conduzia-me a uma idéia bastante fechada dos processos vividos pelo homem. Quero dizer, a psicanálise que acreditava existir era diferente daquela ensinada, aquela em que se estabelecia uma relação de sujeito-objeto. Eu sonhava em trabalhar com pessoas e não com objetos, sonhava com outra psicanálise, com uma relação sujeito-sujeito. E foi nesta busca que encontrei em Donald Winnicott a possibilidade de sustentar este meu jeito. Contudo, foi no trabalho de Gilberto Safra que, de fato, descobri que as telas de Seu Luís falavam do tempo, do que passou, mas atualizado a cada pincelada, que o Sorriso, às vezes, tornava-se desalento, seu rosto ficava sóbrio sem

² *Ibidem*, p.26.

perder a ternura.

Em 1999, Gilberto lança *A face estética do self: teoria e clínica*. No mês do lançamento tive a imensa alegria de ler esse livro e, que ninguém me ouça, não entendê-lo. Então fiz uma segunda leitura, uma terceira, quando li pela quarta vez já estava arrumando as malas para ir ao encontro do autor. Naquele momento, encontrara o psicanalista que, em meu sonho, dava-me a mão para fazer a travessia.

Safra (1999), na introdução do livro, diz:

*Estamos habituados à escuta do desejo, e a nossa clínica funda-se na revelação desse desejo na situação transferencial. Entretanto, estamos lidando com indivíduos que nem mesmo se constituíram: buscam existir para que então possam, quem sabe, vir a ter algum desejo. Para nós ficam as perguntas: como ouvir o ser? Como cuidar do ser?*³ .

A partir deste olhar encontrei um clínico que estava voltado para a singularidade do ser, para um trabalho que ultrapassava a exclusividade dos processos psíquicos e mentais. Antes de qualquer explicitação acerca das afirmações safrianas, considero fundamental ressaltar que, do meu ponto de vista, este psicanalista mostrava, ao longo do texto, o seu jeito de se relacionar com o paciente: era um encontro matizado pela devoção. A devoção do analista me fisgou. Passei a me dedicar ao estudo de sua obra. Seu trabalho, portanto, me abriu possibilidades para apreender uma nova prática clínica validando, epistemologicamente, minhas precárias divagações.

³ SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco, 1999, pp.13-4.

1.4 E a Clarice?

Depois de me deparar com a perspectiva winnicottiana e com as concepções de Safra me aventurei a claricear mais.

Como contei, Clarice Lispector, desde que a li pela primeira vez, deixava-me desassossegada: gostava de ler, mas não conseguia contar o que havia lido, as palavras estavam tão carregadas de sentidos que me impediam de narrar, as palavras desvelavam concepções no mesmo instante que as ocultavam; mesmo assim, não me rendia ao desentendimento e continuava. Porque no claricear estavam as nossas próprias questões, porque o claricear fazia do íntimo e pessoal um verbo, fazia-se ação, fazia-se mistério. Logo, as palavras da autora me encaminhavam para algo que ia além daquilo que se mostrava à primeira vista. Sentia que a autora se entregava à escrita de maneira tão profunda que ao ler qualquer conto, romance, crônica eu não conseguia separar a criatura de seu criador. Sentia que a pessoa da autora estava o tempo inteiro muito presente. Perdoem-me os estudiosos mais rigorosos, Clarice parecia, do meu ponto de vista, o universo que compunha as narrativas, a própria obra, Clarice estava em cada letra.

A partir destas sensações e sem um julgamento crítico me entreguei ao desafio de me aproximar de Clarice. Procurei olhá-la na própria escrita, como se ela se apresentasse através das palavras, como se falasse de si própria e, ao mesmo tempo, revelasse uma semântica comum aos outros, comum a todos. Diante disso, percebi que deveria tomar cuidado para não tamponar as fendas deixadas pela escritura clariceana.

Ouve-me, ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo “águas abundantes” estou falando da força de corpo nas águas do mundo. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está em meu silêncio. Ah tenho medo do Deus e do silêncio⁴.

À medida que eu relia a obra e procurava investigar a biografia da escritora, me perguntava quais poderiam ser as questões que a fundamentavam, contavam sobre o âmago de Clarice Lispector. Nesta via, caminhei para o vértice da singularidade, ultrapassando a exclusividade dos processos psíquicos tão típicos da psicologia e da psicanálise tradicional.

4 LISPECTOR, Clarice (1973). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 34.

2 Objetivo

Os fenômenos nos humanos nos oferecem uma multiplicidade de interpretações e nos encaminham para múltiplas reflexões. De acordo com o meu interesse teórico e clínico, o objetivo é *refletir acerca das principais questões que constituem o modo de ser de determinada pessoa.*

Cada pessoa tem um jeito de se pôr diante do mundo, de se apresentar à existência. No consultório, o paciente, desde a chegada, vai contando sobre o seu movimento no mundo: nascimento, tanto pela história que lhe foi contada, quanto pela que ele mesmo criou, de sua infância, seu dia-a-dia, suas angústias, aspirações e seus desejos. Enfim, revela e vela suas questões essenciais e com isso faz-se conhecer.

Não pretendo usar “casos clínicos” na investigação. Mas dialogar com Clarice a fim de encontrar elementos que possam contribuir para apresentar sua singularidade.

Clarice Lispector se mostrou amplamente através de sua escrita, apresentava um modo de escrever que surpreendia e, ao mesmo tempo, causava estranheza.

Estou atrás do que fica o pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais⁵.

Então, surgem perguntas, derivadas da idéia central: Como é possível

5 LISPECTOR, Clarice (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.17.

apreender a singularidade de determinada pessoa sem aprisioná-la? Penso que a singularidade é composta por elementos que dão matiz inédito à pessoa. Como encontrar esses elementos que compõem o modo de ser? No mesmo veio, dialogando com Clarice Lispector, é possível apreender os aspectos mais fundamentais que acompanham sua marcha pela vida rumo ao fim?

Pessoal e intransferível. Uso o termo singularidade no sentido lato. Singular é um adjetivo de etimologia latina – *Singularis*⁶ – que significa particular, próprio, pessoal. Portanto, compreendo a singularidade como qualidade daquilo que é único, caracteriza, explicita um modo de ser: um modo único de ser.

É importante esclarecer o que chamo de elemento constitutivo. Entendo, conforme a concepção safriana, que os elementos constitutivos fazem parte da composição inicial da vida do sujeito. O sujeito chega à comunidade humana com uma história iniciada por seus antepassados, entretanto, está em uma situação em que tudo é inédito. É recebido por seus pais e começa a viver as primeiras experiências, tem sensações e percepções que, aos poucos, vão povoando, marcando seu ser. Há uma história que lhe foi dada e há uma outra que se inicia. Porém, a história pré-existente une-se à nova e transforma-se em outra. Quero dizer, o que inicia uma nova história são os novos elementos e estes ganham a qualidade de constitutivo. Esses novos elementos apontam para alguma coisa original, uma configuração que será a base do modo de existir do sujeito.

Estes mesmos elementos, que se formam na origem do indivíduo e preconstituem um modo de viver, são aqueles que o acompanham pela vida e se

⁶ TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto (Portugal): Gráficos Reunidos LDA, 1942.

mantêm até a morte. Esta noção está assentada nas concepções de Safra sobre idioma pessoal.

3 Metodologia

Para este estudo fiz, primeiro, uma investigação voltada para a história pessoal de Clarice Lispector. Os dados biográficos foram recolhidos de importantes trabalhos de estudiosos clariceanos e articulados com “depoimentos” deixados ao longo da obra dela. Depois, na releitura de livros, contos, crônicas, etc. identifiquei as principais questões que compõem e atravessam sua narrativa pessoal.

Começo com uma viagem à Ucrânia, antes do nascimento de Clarice.

Todavia, é a própria Clarice quem fala:

De camada em camada subterrânea chego ao primeiro homem criado. Chego ao passado dos outros. Lembro-me desse infinito e impessoal passado que é sem inteligência: é orgânico e o que me inquieta. Eu não comecei comigo ao nascer. Comecei quando dinossauros lentos tinham começado. Ou melhor: nada se começa. É isso: só quando o homem toma conhecimento através do rude olhar é que lhe parece um começo. Ao mesmo tempo – aparento contradição – eu já comecei muitas vezes. Agora mesmo estou começando ⁷.

Seguindo o percurso pela história de Clarice, veremos a família Lispector deixando a Ucrânia rumo à América e o nascimento de Haia, quer dizer, Clarice.

Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora. Existe por acaso um número que não é nada? que é menos que zero? que começa no que nunca começou porque sempre era? e era antes de sempre? Ligo-me a esta ausência vital e rejuvenesço-me todo, ao mesmo tempo contido e total. Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar ⁸.

⁷ LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p.28.

⁸ *Ibidem*, p.11.

O nascimento acontece em meio à viagem, na travessia da Rússia em direção ao Brasil.

*Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses, poderia ser brasileira nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor*⁹.

A chegada dos Lispector ao Brasil. Aportaram em Maceió e, três anos depois, mudaram-se para Recife. É no Nordeste, entre a capital alagoana e a pernambucana, que se desenrolará a infância de Clarice.

A escrita clariceana e os dados biográficos contam um pouco sobre o universo infantil: brincadeiras, passeios, traquinagens e preocupações. E como não poderia ficar de lado, seu encontro com a literatura e o germe da escrita.

Seguindo a trajetória de Clarice e sempre entremeando com suas palavras, vêm a adolescência e a entrada no mundo adulto, subsídios de nossa reflexão. Por exemplo, a apropriação da escrita, trabalho, amigos, família, casamento, viagens.

À medida que apresentar os acontecimentos da vida de Clarice, a intenção é compor um texto em que Clarice dialogue com a humanidade, em muitos momentos apoiado em seus personagens; em outros, em publicações a respeito da escritora. Busco mostrar, sempre que possível, o seu modo de sentir e perceber as experiências relatadas, a fim de acompanhar o seu jeito de apreender vivências. Ressalto não se tratar de um estudo assentado no campo da literatura, enquanto disciplina. A idéia não é privilegiar os aspectos formais da obra nem a via da interpretação tradicional da maioria dos estudos referentes à Clarice. Trilho

⁹ LISPECTOR, Clarice (1970). Esclarecimentos – explicação de uma vez por todas. In. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 320.

um caminho um pouco diferente .

Pela psicanálise, norteadada por Donald W. Winnicott e, principalmente, por Gilberto Safra busco uma reflexão própria acerca de meu objetivo. Também utilizarei, se necessário, outros autores que dialoguem tanto com Winnicott quanto com Safra.

Não obstante, é fundamental apresentar, dentro do campo literário, autores que de alguma maneira contribuíram para o estudo da obra, abriram as portas para o estudo do mundo clariceano e de alguma maneira contribuíram para compor a singularidade de Clarice Lispector. Sob esse ângulo, trarei aqueles que julgo essenciais.

Se uma corrente da crítica literária se opõe à possibilidade de aproximar vida e obra de determinado autor, acredito, tem seus motivos. Afinal, a obra se coloca como objeto de estudo e, portanto, cabe interpretar, avaliar conforme a orientação teórica e técnica de determinada perspectiva, seja no plano da literatura, da filosofia, ou da psicanálise.

De fato, quando vida e obra parecem se ligar de um modo tão íntimo, como é o caso de Clarice, há o risco de se enveredar por um caminho e cair em um espaço bastante perigoso. Todo o cuidado é pouco, principalmente em se tratando de um estudo em que se cruzam literatura e psicanálise.

A multiplicidade de estudos a respeito de Clarice Lispector torna difícil enumerá-los (também não é minha intenção). Apresentarei, de maneira breve, alguns autores. As primeiras críticas merecem destaque por, de algum modo, repercutirem em Clarice. No caso de outros estudiosos, se destaca a capacidade de olhar a obra sem perder a autora de vista.

3.1 Clarice e os críticos – um levantamento

Clarice escreve *Perto do coração selvagem*, seu primeiro livro, em 1942. No final de 1943 é publicado. No início de 1944, um mês após a publicação, a imprensa especializada começa a dar resenhas e críticas do livro. No mesmo ano, *Perto do coração selvagem* ganha o Prêmio Graça Aranha, relativo a 1943.

As críticas variam, ora amargas ora aclamando a estréia da escritora. De qualquer modo, este momento gerava uma certa tensão e, em carta para a irmã Tania Clarice desabafa: (...) *as críticas, de um modo geral, não me fazem bem* (...) ¹⁰.

Durante todo o ano de 1944 o livro ficou na mira dos especialistas. Nos jornais de várias partes do país havia algum tipo de manifestação sobre o romance. Tanto que Ledo Ivo, amigo de Clarice ¹¹, em carta, brinca: *Pelo que pude calcular pois estou trabalhando em A Manhã e leio sempre notícias sociais, há atualmente no Brasil uma moda de se colocar nos recém-nascidos o nome de Joana* ¹². *E quando nasce homem, já sabe, é João ou Joano* ¹³.

Nesta moda de *Joana, João* ou *Joano*, o clima de *début* de Clarice e o Prêmio Graça Aranha trazem à baila vozes marcantes da crítica, tais como Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Antonio Candido, Lúcio Cardoso.

Uma das primeiras críticas foi de Sérgio Milliet, pelo menos uma das mais conhecidas. Em 15 de janeiro de 1944, Milliet, colunista do jornal *O Estado de S.*

10 LISPECTOR, Clarice (1944). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.38.

11 Clarice, nesta época, morava na Europa.

12 Protagonista do romance *Perto do coração selvagem*.

13 LISPECTOR, Clarice (1944). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.46.

Paulo, publica um artigo no qual expressa sua estranheza diante de tal livro. Em seus comentários faz referências que contemplam, por um lado, o valor do romance e, por outro, um certo receio, afinal a escritora tinha um nome estranho e até desagradável – um “pseudônimo”. Depois de quase desistir da leitura, se deparou com um trecho que o fez reconsiderar seu ponto de vista. Segundo Nádía Gotlib ¹⁴, o crítico argumenta que é difícil separar a personalidade da protagonista e da escritora, tanto que em determinado momento do artigo enquanto fala da originalidade de Clarice refere-se à Joana.

Clarice, em carta para as irmãs, afirma que se abateu com a crítica de Álvaro Lins, que leu o romance antes da publicação. Francisco de Assis Barbosa, jornalista e amigo, leu os originais do romance e sugeriu que enviasse a Álvaro Lins a fim de tentar a publicação. Portanto, Lins teve acesso aos originais de *Perto do coração selvagem* antes da edição do livro. Conta Clarice: *Eu peguei, mandei o livro e telefonei para o Álvaro e perguntei se valia a pena publicá-lo. Ele disse: “Telefona daqui uma semana.” Aí eu telefonei. – Olha, eu não entendi seu livro não, viu? Fala com o Otto Maria Carpeaux que é capaz dele entender* ¹⁵.

Álvaro Lins, em fevereiro do mesmo ano, escreve um ardido artigo no qual qualificava o romance como uma *experiência incompleta*, argumento assentado no conceito de romance. Além disso, filiava a escritora a Virginia Woolf e James Joyce.

Clarice reage à crítica e envia uma carta a Álvaro Lins. Escreve para seu

14 GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

15 *Apud* SANT’ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). “Dezembro sem Clarice”. *Escrita*, ano III, n 27, 1978, p.21.

amigo Lúcio Cardoso desabafando:

Imagine que depois que li o artigo de Álvaro Lins, muito surpreendida, porque esperava que ele dissesse coisas piores, escrevi uma carta para ele, afinal uma carta boba, dizendo que eu não tinha “adotado” Joyce ou Virginia Woolf, que na verdade lera a ambos depois de estar com o livro pronto. Você se lembra que eu dei o livro datilografado (já pela terceira vez) para você e disse que estava lendo o Portrait of the artist e que encontrara uma frase bonita? Foi você quem me sugeriu o título. Mas a verdade é que senti vontade de escrever a carta por causa de uma impressão de insatisfação que tenho depois de ler certas críticas, não é insatisfação por elogios, mas é um certo desgosto e desencanto – catalogado e arquivado¹⁶.

Antonio Candido, que se tornaria um dos renomados críticos brasileiros, confessa ter levado um choque ao ler *Perto do coração selvagem*. No ensaio *No raiar de Clarice Lispector*, publicado em julho de 1944. Candido diz: (...) *tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é Perto do coração selvagem, da sra. Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim*¹⁷. Com esta mesma intensidade, Candido prossegue elogiando o trabalho de Clarice, reposicionando a crítica a favor da escritora:

*A sra. Clarice Lispector aceita a provocação das coisas à sua sensibilidade, e procura recriar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, (...), a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem*¹⁸.

Os críticos citados são aqueles que, com maior frequência, foram lembrados pela Clarice. Entre eles está, talvez, a voz mais importante: a de Lúcio Cardoso.

Lúcio Cardoso, além de escritor e de crítico, era amigo de Clarice. Foi o

16 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, pp.43-4.

17 CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira e outros ensaios*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.97.

18 *Ibidem*, p.99.

primeiro leitor do romance, quando ainda não tinha título. Na ocasião Clarice comenta que estava lendo Joyce e cita uma frase. Cardoso sugere que ela seja a epígrafe do livro. E, da epígrafe, nasceu o título *Perto do coração selvagem*.

Ao analisar o livro, o crítico reconhece a existência da singularidade da escritora e não se preocupa em distingui-la da protagonista. Isto porque considera Clarice maior do que os conceitos utilizados pelos especialistas para analisar o romance. E empenha-se em destacar a poesia do livro e em defendê-lo das críticas mais ásperas.

Está em *Perto do coração selvagem* o germe para os estudos que se desenvolverão sobre a vida e obra de Clarice Lispector. O público é atraído, segundo Abdala Júnior e Campedelli, *pela problematização radical da linguagem e pela tematização de motivos existenciais que pautavam o trabalho artístico de Clarice Lispector*¹⁹. No princípio os leitores concentram-se principalmente dentro do círculo especializado da literatura, mas, aos poucos, a escritora vai se tornando mais conhecida e desperta o interesse de outras áreas de conhecimento e de estudo, entre eles a filosofia e a psicanálise.

Benedito Nunes em *Leitura de Clarice Lispector* faz uma análise das temáticas presentes ao longo da obra até então publicada (*Perto do coração selvagem*, *O lustre*, *A cidade sitiada*, *Laços de família*, *A maçã no escuro*, *A legião estrangeira*, *A paixão segundo G.H.*, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, *Felicidade clandestina*) e se debruça sobre as questões filosóficas que se

19 JÚNIOR, Benjamin Abdala; CAMPEDELLI, Samira Youssef. "Vozes da crítica". LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*; Edição crítica; Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996, p.197.

apresentam nos textos clariceanos. Segundo ele, as diferentes questões que compõem as temáticas se articulam formando uma *concepção-do-mundo*; portanto, uma temática *marcadamente existencial*. Temática essa que pode aparecer isolada ou combinada mas que se repete nos romances e nos contos, atravessando a obra de Clarice. Nunes assinala:

(...) *a inquietação, o desejo de ser, o predomínio da consciência reflexiva, a violência interiorizada nas relações humanas, a potência mágica do olhar, a exteriorização da existência, a desagregação do eu, a identidade simulada, o impulso ao dizer expressivo, o grotesco e/ou o escatológico, a náusea e o descortínio silencioso das coisas*²⁰.

Portanto, partindo desses motivos citados, segundo Nunes, é que se pode entrever a forma de sentir e pensar uma *concepção-do-mundo* em Clarice. Alfredo Bosi²¹ em *História concisa da literatura brasileira* também assinala esta perspectiva filosófica dos textos.

Bosi relaciona os romances de Clarice entre os aqueles que são denominados *romances de tensão transfigurada*. Assim, o protagonista procura ultrapassar as questões que o constituem existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade. É dentro desta perspectiva que se assenta a interpretação, do autor, para quem toda a obra da escritora *é um romance de educação existencial*.

Massaud Moisés em *História da literatura brasileira* considera o núcleo da temática clariceana o centramento no EU. A partir do EU se desdobram outros sinais, que fazem parte de toda a obra de Clarice. Como Nunes e Bosi, Moisés também aponta o caráter existencial da ficcionista, entretanto, o faz

20 NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973, p.95.

21 BOSI, Alfredo (1970). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

aparentando o EU dos protagonistas ao EU de própria autora. Diz Moisés:

A ficção de Clarice Lispector flui exatamente no hiato em que o drama existencial se delinea: o seu objetivo era o de captar o in fieri, registrar em palavras, como um flagrante fotográfico, a fímbria em que o ser se converte em não-ser, o mistério se entreabre sem deslindar-se, a contemplação defronta-se com a fatal imanência da morte. Esse trânsito fugaz e sutil é assinalado por “momentos privilegiados” em que o “eu” toma consciência do que ocorre dentro/fora dele, e descobre-se habitado e circundado pelo mistério, pelo insondável, pelo incompreensível (...) De onde o viver significa a inconsciência do oculto do ser, e o existir, a consciência do oculto, do misterioso e do relativo ao ser²².

Tais estudiosos consideram Clarice filha do existencialismo, mas ela resiste a essa classificação. Em entrevista (1974), ao ser perguntada se havia preocupação com questões filosóficas, diz:

Não. Há críticos que acentuam muito o aspecto existencialista de minha obra. Coisa nenhuma! Eu não li existencialistas. Fui saber da existência de Sartre depois que já tinha publicado meu primeiro romance. Quanto à preocupação de organizar a alma em linguagem é algo que qualquer artista pode pretender. Não é preciso ler Heidegger²³.

O questionamento sobre as bases filosóficas que compõem a obra clariceana continua. Em 1976, também em entrevista, Afonso Romano de Sant’Anna pergunta a Clarice se ela teve influências específicas ou fez leituras existencialistas para fazer seu livro *A maçã no escuro*. Clarice responde:

Não, nenhuma. Minha náusea inclusive é diferente da náusea de Sartre. Ela é sentida mesmo. Quando eu era pequena não suportava leite e quase vomitava quando tinha que beber. Eu sei o que é náusea do corpo todo, de alma toda²⁴.

22 MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, v.5, 1989, p.457.

23 *Apud* SEM ASSINATURA. *Clarice Lispector*. Entrevista concedida à Revista Textura. São Paulo: Letras/Universidade de São Paulo, maio de 1974, pp.23-4.

24 SANT’ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976); MIS. “Dezembro sem Clarice”. In. *Escrita*. São Paulo: Vertente, ano III, n.27, 1978, p. 22

Por um lado, se Clarice negava esta filiação e sofria com as críticas, por outro sabia reconhecer aqueles que contribuía com seu trabalho. Quanto ao estudo de Benedito Nunes, disse: *Ele é muito bom. Ele me esclarece muito sobre mim mesma. Eu aprendo sobre o que escrevi*²⁵.

Posteriormente, outros estudiosos procuraram esclarecer Clarice através da própria história. A primeira biografia de Clarice, feita nos anos 1960 por Renard Perez, serviu de referência até a década de 80-90. Depois foi Olga Borelli, amiga de Clarice, quem trouxe um pouco mais da intimidade da autora em *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, articulando vida e escrita.

Em 1995, foi a vez de Nádia Battella Gotlib fazer uma biografia: *Clarice: uma vida que se conta*. Gotlib excedeu à biografia: integrou a escrita à vida de Clarice. Como uma tecelã, vai simultaneamente entrelaçando os aspectos biográficos com a obra e a obra com os aspectos pessoais.

Em 1999, é Teresa Cristina Montero Ferreira quem investiga e publica *Sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Passa a ser a biógrafa oficial de Clarice.

Além desses estudiosos clariceanos há muitos outros. É preciso citar alguns: Olga de Sá, *A escritura de Clarice Lispector* e *Clarice Lispector: a travessia do oposto*; Regina Pontieri, *Clarice Lispector: uma poética do olhar e Leitores e leituras de Clarice Lispector* (Org); José Rosa de Almeida, *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector*; Edgar Cezar Nolasco, *Restos de*

²⁵ Apud SEM ASSINATURA. *Clarice Lispector*. Entrevista concedida à Revista Textura. São Paulo: Letras/Universidade de São Paulo, maio de 1974.

ficção: a criação biográfica-literária de Clarice Lispector; Gilberto Figueiredo Martins, *As vigas de um heroísmo vago (três estudos sobre A maçã no escuro)*, Yudith Rosenbaum, *Metamorfozes do mal: uma leitura de Clarice Lispector*, Claire Varin, *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*, Berta Waldman, *A paixão segundo Clarice Lispector*, etc.

3.2 Clarice e a psicanálise

Tanto na literatura quanto na psicanálise muito já foi escrito a respeito de Clarice. Citarei apenas Dany Al-Behy Kanaan por estar mais próximo do modo como penso a singularidade de Clarice.

Kanaan, em *À escuta de Clarice Lispector: entre o biográfico e o literário, uma ficção possível*, fez o que parte dos estudiosos e críticos de literatura condena, uma ponte entre o biográfico e o literário. Entretanto, foi bastante cuidadoso ao aproximar a escrita de Clarice da sua vida pessoal. O autor se deteve na questão da subjetivação apoiando-se nos textos judaico-cristãos. Essa escolha colaborou para que o texto revelasse algumas questões pessoais da autora sem ferir ou invadir a personalidade de Clarice.

Além de ser um belíssimo trabalho, Kanaan tem importância maior: abriu possibilidades de se fazer, dentro do contexto psicanalítico-literário, novas leituras da obra clariceana e de outros autores. Outro vértice, a publicação de um trabalho que tem uma escuta clínica com rigor teórico, que está assentado principalmente na obra de Clarice sem, contudo, perder de vista a singularidade da escritora.

Ao mesmo tempo em que tenta manter o rigor ele introduz sentenças dos textos como se fossem palavras pessoais de Clarice, entretanto é a voz do personagem. Para mim são palavras pessoais de Clarice porque não vejo, ao contrário de muitos especialistas, como separar a escrita do escritor. Mesmo que seja ficção, a escritura passa, segundo Clarice, por aquilo que está atrás do

pensamento. Deste modo, Kanaan vem para confirmar algumas indagações, refutar outras, mas, de qualquer modo, aprofundar reflexões.

4 Justificativas

Acredito que o tema proposto tenha sua importância principalmente como *objeto de reflexão a respeito das principais questões que constituem o ser humano*. E um modo de iluminar essa reflexão foi tomar Clarice Lispector pela mão e contar com ela para fazer a travessia.

Os pacientes ao chegarem no consultório estão em busca de alguma coisa. Aparentemente não sabem o que é, mas têm a certeza de que alguma não está caminhando bem. É comum chegarem com o diagnóstico pronto, apontando os sintomas e as conseqüentes dores. Por outro lado, queixam-se de que mesmo conhecendo todos os sinais, fruto de psicoterapias anteriores, não encontram alívio para o sofrimento. Relatam que em muitos momentos não se sentem compreendidos, não apenas pelo analista, mas pelos familiares e amigos. Se sentem como se muros fossem levantados em torno de si, evitando a comunicação com os outros.

Esta questão poderia ser tratada sob diferentes ângulos: político, econômico, histórico, enfim depende da necessidade daquele que está vivendo a experiência. Este estudo elege olhar o sujeito sob o vértice da psicanálise, tentando reconhecer as questões que compõem a essência de determinada pessoa.

Há um certo desencontro com colegas no momento de discutir determinada situação clínica. De certo modo repetem-se as inquietações vividas, durante a graduação em psicologia. A intenção não é julgar a prática de meus colegas, mas ressaltar uma espécie de estranhamento – um fora do ninho, tal qual os pacientes.

Além disso, percebo que não se trata apenas do ponto de vista teórico, mas da falta de abertura diante das diferentes questões que o ser humano porta.

Voltando a Clarice. Muitas e muitas vezes ouvi as pessoas falarem de Clarice como se ela fosse uma alienígena, como se não fosse filha deste mundo. Talvez tenham razão. Afinal, não só pela sua escritura, mas seu modo de estar e compreender o mundo, desvelava um profundo conhecimento de si e da condição humana, diferentemente da maioria das pessoas.

Por exemplo, vamos tomar seu nome: Clarice Lispector. No início de sua carreira, Sérgio Milliet considerou seu nome tão estranho a ponto de acreditar ser um pseudônimo. E daí para a frente muito se falou, não necessariamente em relação a seu nome, mas ao mistério que rondava o seu jeito de ser.

Não só de estranha denominavam Clarice, mas também de *louca*. Em entrevista um escritor afirmou que ela havia sido *hospiciada*. A propósito, não há em sua biografia nenhuma menção de internação por surto psicótico. No entanto, consigo compreender tais afirmações, porque, como veremos ao longo deste trabalho, Clarice está assentada no originário. Safra diz:

O aparecimento de um número cada vez maior de pessoas nos consultórios, que experimentam modos de subjetivação e de sofrimento inusitados, em consequência de processos educativos e, às vezes, até mesmo de tratamentos psicoterápicos ou psicanalíticos orientados por perspectivas excessivamente abstraídas da experiência de vida, aponta para a necessidade de uma revisão de nossa prática clínica. Essa problemática vem sendo assinalada, exemplarmente pelos pacientes que afirmam sofrer a agonia do totalmente pensado. Eles se referem a um mundo em que tudo é excessivamente nomeado e racionalizado, sem que seja levada em conta a dimensão do ser humano que está para além de qualquer possibilidade de conhecimento e para além de qualquer tentativa de apreensão da

experiência humana, por excessiva nomeação ²⁶ .

Pelo já exposto, Clarice é uma boa companhia. Pessoa conhecida, facilita a discussão. A escolha derivou, fundamentalmente, do seu modo de ser.

Portanto, contando com Clarice, este trabalho pretende refletir o ser humano a partir de uma perspectiva ontológica ²⁷, apoiado, principalmente, nas reflexões e nos pressupostos de Gilberto Safra.

26 SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, pp. 19-20.

27 Na perspectiva ontológica, de acordo com Safra, o ser humano se constitui fundamentalmente a partir de sua condição originária, que não é apreensível pelos sentidos, mas sustenta o acontecer humano .

5 Apresentação dos capítulos

O cerne deste trabalho tem duas partes. “Tentativa de artesão” é dedicada à vida de Clarice Lispector. “*Da solidão de não pertencer à quarta dimensão*” relaciona aspectos que considero essenciais da constituição de seu modo de ser.

Na primeira parte está a história de Clarice entrelaçada com sua escrita e com “depoimentos” deixados ao longo de sua obra. São 24 capítulos, alguns breves, outros mais extensos, a maioria em formato de crônica. Em “Os ancestrais ucranianos”, a família Lispector deixa a Ucrânia rumo à América e nasce Clarice. Depois a chegada, “Do Oriente ao Ocidente”. Nos seguintes, a mudança de Maceió para Recife e os quintais da infância de Clarice: “A mudança: Alagoas para Pernambuco”, “A infância em Recife”, “Histórias intermináveis: guardiãs de um segredo”, “*Amizade, matéria de salvação*”, “Ainda bem! Restaram as formigas”, “A procura de não-ser”, “*Eu era o único eu*”, “Tesouro disfarçado e revelado”. Nos capítulos subseqüentes, veremos o trânsito pela adolescência e pelo início da vida adulta: “De Recife ao Rio”, “O salvo-conduto”, “Banhos de mar: celebração da presença do pai”, “Novos encontros: *Perto do coração selvagem*”. A partir do capítulo intitulado “Rio-Belém” se iniciam longos anos de viagens pelo mundo: “*A cor esmaecida de Nápoles*”, “*O silêncio de Berna*”, “*Estou me controlando para não ficar alegre demais*”, “*O cheiro de Berna*”, “Da Inglaterra ao Brasil”, “Em Washington, *pensando sem parar*”, “Dois meses no Rio”, “*Não me incomodo muito de ficar embotada*”. Por fim, “De volta para casa”.

Na segunda são quatro capítulos. Em “*A solidão de não pertencer*”, além de contar outra história de Clarice, como se apresenta a missão, o pertencer e o não pertencer e o encaminhamento desses fatores rumo à *questão*. “*Atrás do pensamento*” mostra como a solidão se faz elemento constitutivo do modo de ser Clarice. “No Rosto, o silêncio” aborda o lugar do silêncio. A escrita como dimensão icônica está em “*A palavra, quarta dimensão*”.

Nas considerações finais são retomadas e reformuladas as principais questões do originário de Clarice feitas ao longo do estudo.

PARTE I

Tentativa de artesão

Os ancestrais ucranianos

Gotlib ²⁸ conseguiu recolher alguns dados dos antepassados de Clarice Lispector, principalmente do pai. Os avós paternos eram judeus e chamavam-se Samuel e Echerved Lispector, tiveram nove filhos, entre eles Pedro, pai de Clarice. Pedro nasceu em 9 de março de 1885 em uma aldeia, Teplek, na Ucrânia. Dos avós maternos, os Krimgold, também judeus, segundo Gotlib, pouco se sabe, não há registros deles e nem de Marieta, mãe de Clarice. Nem datas nem a procedência da família, tampouco o lugar do nascimento de Marieta. Sabe-se apenas que Marieta tinha quatro irmãos, chamados Joel, Sara, Zina e Anita. É através deles que se começa a desenhar a trajetória da família Lispector.

Zina, uma das irmãs de Marieta, namorava José Rabin, que decidira dar novo rumo à sua vida. Mesmo antes da Primeira Grande Guerra e da Revolução Bolchevique, as condições de sobrevivência na Rússia eram muito complicadas. A fome predominava pois os camponeses eram obrigados a entregar a colheita ao governo; a violência era a força motriz contra os opositores do regime czarista e depois bolchevique. O clima era de tensão. Saques, estupros, assassinatos estavam no cotidiano daquelas pessoas. Uma das alternativas era migrar à procura de melhores condições de vida. Foi o que José Rabin fez.

José Rabin viajou para o Brasil. Aportou em Maceió e se estabeleceu como comerciante. Quando se sentiu mais seguro, mandou buscar sua Zina. Casaram-se

28 GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
e tiveram dois filhos: Sarita e Henrique.

Consciente das dificuldades enfrentadas na Ucrânia, José, por correspondência, convida os irmãos de Zina para virem para o Brasil. A primeira a aceitar o convite foi Marieta com o marido Pedro Lispector e as três filhas: Elisa, Tânia e a pequena Clarice, Clarice Lispector, talvez com dois meses. Em seguida vieram Joel Krimgold casado com Berta e seus filhos: Anita, Sônia, Tânia, Clarice, primas de Clarice Lispector e Jacó. Depois, vieram a irmã Sara, casada com Marcos Chut e os filhos Isaac e Clarice. Por fim, chegaram Anita, a mais nova, e Boris Asrilhant, seu marido e o filho, Isaac.

Do Oriente ao Ocidente

Pedro e Marieta Lispector, de origem judaica, viviam em uma cidade chamada Savran, na Ucrânia, onde nasceu a primeira filha, Elisa. Depois se mudaram para Teplik, lugar de nascimento de Pedro, e da segunda filha, Tania.

A situação na Rússia pós-Revolução Bolchevique (1917) era insustentável, e a família Lispector decide partir para a América, pois contava com parentes tanto no Brasil como nos Estados Unidos.

A família inicia a viagem de imigração. Ainda antes de embarcar surgem muitas dificuldades, assaltos e surtos epidêmicos, o que aumenta a preocupação com Marieta, que sofria de paralisia progressiva. E está grávida, pela terceira vez.

Em 10 de dezembro de 1920, em Tchechelnik, uma aldeia da Ucrânia, nasce Clarice, terceira filha do casal. A família segue viagem em direção à América. O ponto de partida foi Teplik, passara por Tchechelnik, seguira para Odessa (cidade do Mar Negro), em direção à Romênia. Na passagem por Bucareste (Romênia) Pedro conseguiu no consulado da Rússia passaporte para todos os membros da família. Este documento permitiu que prosseguissem a jornada. O rumo estava tomado: viajariam para o Brasil. Atravessaram a Europa Oriental em direção à Alemanha, para o porto de Hamburgo, onde Pedro procura emprego, não consegue e isto contribui para que se ponham a bordo do navio *Cuyabá* e encaminhem-se para o Brasil.

É provável que os Lispector tenham chegado ao Brasil depois de uma

viagem de cerca de trinta dias. De acordo com Gotlib ²⁹, a família Lispector estava na Romênia em fevereiro e, em março, aportou em Maceió, Alagoas. Esta mesma autora apresenta uma foto de toda a família e registra que havia sido tirada para o passaporte coletivo, em fevereiro de 1922. Entretanto, em obra anterior (1995), a mesma autora refere outra data de chegada: fevereiro de 1921. Porém a própria Clarice relata em uma crônica de 14 de dezembro de 1970: *Cheguei ao Brasil com apenas dois meses* ³⁰. Portanto, é difícil precisar algumas datas, o que deixa certa dúvida em relação ao tempo da viagem e à idade de Clarice.

No Brasil a família é recebida por Zina, irmã de Marieta, e por José Rabin, casal que fizera o convite e viabilizara a entrada dos Lispector no país.

Inicialmente Pedro trabalha como mascate, vendendo os produtos que José Rabin financiava. Depois José torna-se proprietário de uma fábrica de sabão e Pedro colabora aplicando técnicas aprendidas na Rússia.

A família Lispector permanece em Maceió por três anos e meio. Pedro, insatisfeito com seus negócios, decide buscar alternativas de trabalho e resolve se mudar de Alagoas para Pernambuco.

29 GOTLIB, Nádía Battella, MIS, Equipe. "A descoberta do mundo". *Cadernos de literatura brasileira: Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, ed. especial, n 17 e 18, 2004.

30 LISPECTOR, Clarice (1970). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.320.

A mudança: Alagoas para Pernambuco

É provável que Pedro tenha sido atraído pela pujança que a indústria açucareira e o comércio promoviam em Pernambuco, em especial em Recife.

A família se instala no bairro de Boa Vista, onde predominava a comunidade judaica e onde viviam outros parentes de Marieta. Foram morar no segundo andar de um velho casarão, na praça Maciel Pinheiro, esquina da travessa do Veras com a rua Aragão. O chefe da família dedica-se ao comércio, como mascate, vendendo tecido para roupas e roupas já prontas. Na época, em Recife, não havia núcleos comerciais nos bairros, o comércio se concentrava no centro da cidade. Assim, eram os mascates que levavam os produtos aos fregueses, percorrendo os bairros, de porta em porta, vendendo de tudo e aceitando encomendas. Dona Marieta permanecia o tempo todo em casa, em cadeira de rodas, consequência da grave paralisia. Relata Samuel Lispector que além de enfrentar as dificuldades físicas, Marieta era muito nervosa. Samuel é primo de Clarice, filho de Salomão e Mina Lispector. Esta família também migrou da Ucrânia para o Brasil em busca de uma vida melhor.

A vida em Recife estava longe do que Pedro havia sonhado. O que ganhava era insuficiente, a família passava por muitas privações e o estado de Marieta piorava. Em 1976, em entrevista concedida a Affonso Romano de Sant'Anna e a Marina Colasanti Clarice diz: *Nós éramos muito pobres e ainda havia doença em*

casa. E eu era tão alegre que escondia a dor de ver aquilo tudo ³¹. A responsabilidade recaía sobre a filha mais velha, Elisa, que assumia tanto o cuidado da mãe como das irmãs mais jovens e os afazeres domésticos.

31 *Apud* SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. "Dezembro sem Clarice". *Escrita* São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

A infância em Recife

A infância de Clarice não foi fácil, foi de muito sofrimento, a menina convivia com muitas faltas, entre elas uma que lhe era vital: o colo materno. A solidão era sua companheira no desamparo, a angústia era o seu mal de estar viva, e para compensar entregava-se à imaginação. Brincava de faz-de-conta. Até os seus pequenos delitos, como roubar rosas e pitangas e invenção do jogo *essa casa é minha*, relatados na crônica *Cem anos de perdão*³², de 25 de julho de 1970, apontavam a necessidade de possuir, ter algo seu.

Clarice morava em um velho casarão, muito pobre e, como toda criança que deseja um mundo diferente, sonhava com castelos, com príncipes e princesas. Surgiu, desta forma, uma brincadeira que chamou de *essa casa é minha*. Em Recife havia ruas em que as propriedades pertenciam a pessoas abastadas, eram construções semelhantes a palacetes, com jardins imensos, que encantavam a menina. Com uma amiga, brincava de escolher a quem pertencia cada castelo, assim, de acordo com seus desejos, discutiam qual das duas seria a nobre proprietária.

Os “palacetes” eram sempre rodeados por lindos jardins e nos fundos localizavam-se suculentos pomares. Uma vez quando estavam brincando de *essa casa é minha*, Clarice foi tomada pela visão de uma rosa cor-de-rosa-vivo: *Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo do meu coração, eu queria aquela rosa*

32 LISPECTOR, Clarice (1970). “Cem anos de perdão”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

*para mim*³³. Continua: *No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume*³⁴. A menina não resistiu ao seu ardente desejo. Preparou um plano: entrou com muito cuidado pelo jardim, enquanto sua amiguinha vigiava qualquer aproximação. Clarice pegou a rosa e correu para bem longe da casa: agora a rosa era sua.

Esta aventura se repetiu várias vezes: (...) *a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava*³⁵. Pitangas também a levavam ao delíto. O processo era semelhante: olhava em volta, vendo que não havia ninguém, metia a mão pelas grades, apalpava, sentia as frutinhas e as tirava. Deliciava-se com as pitangas ali mesmo.

Pequenos acidentes podiam se tornar divertimentos. Foi assim quando Clarice quebrou um termômetro. O metal de cor prata se espalhava, com um pequeno toque se reconstituía, e separava-se novamente, e assim por diante, era impossível segurá-lo, prendê-lo. Ao relatar essa experiência ímpar, vivida na infância e conteúdo da vida onírica quando adulta, diz: *O espírito, através do corpo como meio, não se deixa contaminar pela vida, e esse pequeno e faiscante núcleo é o último reduto do ser humano (...) núcleo de pureza e integridade*³⁶.

Como o mercúrio, metal que sempre mantém a essência, quando livre pode

33 *Ibidem*, p.298.

34 *Ibidem*.

35 *Ibidem*, p.299.

36 LISPECTOR, Clarice (1972). "A festa do termômetro quebrado". In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.425.

se multiplicar em fragmentos e retornar ao estado original, eram os passeios que Clarice fazia com seu pai. Pedro acreditava que se deveria fazer, uma vez ao ano, um tratamento preventivo de saúde com banhos de mar, de preferência em jejum e antes do sol nascer. Pai e filha saíam de Recife rumo a Olinda ainda de madrugada, tomavam o bonde e chegavam à praia ao amanhecer. Clarice relata que não sabe da infância alheia, mas para ela:

*(...) essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária*³⁷.

A felicidade começava a dar indícios no dia anterior, diante da expectativa do passeio. Na madrugada em que a viagem ocorreria, a menina acordava todos na casa com sua agitação, tinha pressa em sair. No trajeto, dentro do bonde, observava a cidade escura e o despovoamento da noite. À medida que o tempo passava, surgiam os primeiros sinais do amanhecer, cruzavam o campo, e extasiada ela gritava coisas como: *Olhe um porco de verdade*³⁸. Quando chegavam à praia, o cheiro do mar a invadia, a embriagava, então com as mãos em concha tomava a água do mar, unindo-se para sempre a ele. Não demoravam muito, pois seu pai tinha que trabalhar, mas sabia que no dia seguinte a viagem se repetiria, o que a deixava (...) *séria de tanta ventura e aventura*³⁹. As viagens com o pai não serão

37 LISPECTOR, Clarice (1969). "Banhos de mar". In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.170

38 *Ibidem*.

39 *Ibidem*, p.171.

esquecida, o momento de unir-se ao mar será, sempre que possível, repetida no futuro através de banhos de mar ou de sua literatura aparentando-a ao prateado metal líquido.

Outra lembrança da infância registrada por Clarice⁴⁰, no entanto sem auto-referência, eram os passeios dominicais ao cais do porto. Juntos, pai e filhas. O pai, na época, tinha nos olhos aquelas *águas oleosas* da tristeza, as meninas, inquietas, tentavam desviar a atenção do pai mostrando-lhe coisas melhores, parece que nada ajudava. Até que a filha mais nova quis sentar em um dos bancos altos e giratórios de um bar, o pai achou aquilo engraçado. A menina percebeu que alegrara o pai e, para mantê-lo alegre, fez mais graça. Pediu para o pai uma bebida, escolheu a mais barata: *Ovomaltine*. O leite com espuma a deixou nauseada, não gostou, quer dizer, detestou mas fingiu o contrário. Aquele bar em banco alto e giratório e o ovomaltine custavam caro, e ela não poderia decepcionar a família que a assistia, era como se dela dependessem para acreditar ou não em um mundo melhor:

Domingo ia ser sempre aquela noite imensa e meditativa que gerou todos os futuros domingos e gerou navios cargueiros e gerou água oleosa e gerou leite com espuma e gerou a Lua e gerou a sombra gigantesca de uma árvore apenas pequena e frágil. Como eu
41

É possível que esta experiência tenha pertencido a sua meninice como *a sombra gigantesca de uma menina apenas pequena e frágil* que se preocupava com o mundo. Apreensiva com as dificuldades que enfrentavam, com a tristeza paterna, com o dinheiro que haviam gastado no passeio, o que era para ser alegria tornava-se

40 LISPECTOR, Clarice (1971). "O passeio da família". *A descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

41 *Ibidem*, p.343.

tormento. Então, para não agravar a situação, fazia-se de satisfeita, feliz. Quer dizer, a menina se abalava com os problemas que via colocando-se como aquela que deveria responder pelo bem-estar dos seus; entretanto, pouco podia fazer para modificar tal situação, podia, apenas, fazer-de-conta.

Tania Kaufmann, em depoimento a Nádía Gotlib, conta sobre a menina observadora e engraçada que foi Clarice:

Naquela época não se usava mulher sair sozinha na rua. Quando uma mulher saía, levava uma outra pessoa junto. Se Elisa precisava ir ao médico, por exemplo, geralmente era Clarice que a acompanhava. Elisa entrava para ser atendida e Clarice ficava na sala de espera. E ao chegar em casa, o espetáculo começava. Clarice imitava as pessoas que estavam na sala de espera. Imitava como as pessoas ficavam, enquanto esperavam. Mas imitava percebendo como cada uma era, como se comportavam, com gestos engraçados. E todo mundo ria muito. Ela era engraçada⁴².

42 *Apud*, GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p.85.

Histórias intermináveis: guardiãs do segredo

O mergulho em cenários imaginários acontecia entre a fantasia e a difícil realidade, apresentava-se sob a forma de histórias inventadas muito antes de saber ler ou escrever: *eram histórias que não acabavam nunca*⁴³, diz Clarice em entrevista à TV Cultura. Essas histórias intermináveis podem ter sido escritas, mas jamais publicadas. Tornaram-se guardiãs do segredo da atualidade, nada atravessará a sua continuidade. O mistério não publicado vive para sempre no que não se acaba nunca.

Não se sabe ao certo com que idade Clarice ingressou na escola. Talvez aos seis ou aos sete anos. Sabe-se, porém, que a primeira série foi cursada no Grupo Escolar João Barbalho, na rua Formosa, em Recife, onde aprendeu a ler e escrever. A partir deste então, a imaginação ganha o corpo da escrita e a escrita apresenta a alma de Clarice. Por um lado, está capacitada para a leitura, lê *O patinho feio* e *Aladim*, duas histórias que pertenciam a um mesmo livro, que a inicia no universo da literatura. Por outro, pode escrever suas próprias histórias.

No universo dos contos infantis tudo pode acontecer. Clarice⁴⁴ fica deslumbrada com o mistério da história do patinho feio. O patinho que era feio vivia entre outros patos, que eram considerados bonitos. Por ser diferente, era sempre excluído. O tempo passou, o patinho cresceu e tornou-se um belo cisne: *Essa história me fez*

43Recurso audiovisual. Entrevista de Clarice Lispector concedida a TV Cultura, São Paulo, 1º de fevereiro de 1977.

44 LISPECTOR, Clarice (1973). "O primeiro livro de cada uma de minhas vidas". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

*meditar muito, e identifiquei-me com o sofrimento do patinho feio – quem sabe se eu era o cisne?*⁴⁵. A partir da identificação com o sofrimento do personagem é possível perceber a presença daquilo que a faz mergulhar no mundo imagético. A menina se coloca no lugar daquele que foi deixado em ninho estrangeiro, daquele que se tornou um forasteiro no próprio lugar onde nasceu, denunciando sua terrível condição, experimentando, desde a origem, o sabor da solidão. Por outro lado, a transformação do patinho em cisne dava-lhe esperança. E ser o cisne era a possibilidade de buscar quem se quer ser e o que se quer ser, era a possibilidade de encontrar um lugar onde se pudesse ser, o lugar do devir.

A capacidade de fantasiar mediava a triste realidade de Clarice, como se o impossível pudesse a qualquer momento receber a consagração de uma realização e tudo se modificar. Assim é na história de Aladim: *A idéia do gênio que dizia: pede de mim o que quiseres, sou teu servo – isso me fazia cair em devaneio*⁴⁶. Quando voltava ao mundo real, o colorido do sonho se desfazia em um preto-e-branco angustiante de quem não tem graça a receber: *Quieta no meu canto, eu pensava se algum dia um gênio me diria: “Pede de mim o que quiseres”*. Mas desde então revelava-se que sou daqueles que têm que usar os próprios recursos para terem o que querem, quando conseguem⁴⁷.

Por si mesma, fez do fantasiar sua salvação.

Assim surgiu a possibilidade de viver através das palavras. Foi a surpresa do nascimento da escrita. Então, a escrita vive. A própria Clarice conta: *Depois de*

⁴⁵*Ibidem*, p.425.

⁴⁶*Ibidem*, p.452.

⁴⁷ *Ibidem*.

aprender a ler e a escrever, devorava os livros. Eu pensava que livro era como árvore, como bicho, coisa que nasce. Não sabia que era um autor por trás de tudo. Lá pelas tantas, eu descobri e disse: “Eu também quero” ⁴⁸. Então, o movimento da menina é de querer ser uma autora, dar origem, ser agente daquilo que se encarna pelo caminho da imaginação, como o gênio da lâmpada que realiza os anseios mais íntimos.

48 *Apud* SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). “Dezembro sem Clarice”. *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

Amizade, matéria de salvação

As fábulas criadas não bastavam para driblar o cotidiano. A pequena, que era envergonhada, carecia de alguma presença que lhe indicasse que não haviam desistido dela. Ficava sentada na escada de sua casa esperando que viesse alguém com quem pudesse brincar e, quando via algum menino ou menina, deixava de lado sua timidez, tomava coragem e perguntava: *Quer brincar comigo?* Sobre essa atitude, diz Clarice: (...) *quando eu era pequena em Recife meu encabulamento nunca me impediu de descer do sobrado, ir para a rua, e perguntar a moleques descalços: “Quer brincar comigo?” Às vezes me desprezavam como menina*⁴⁹.

Na escola conheceu um menino que não a desprezou como menina, pelo contrário, tornou-se seu amigo. Era Leopoldo Nachbin. Clarice o conheceu no primeiro dia de aula do Jardim da Infância, no Grupo Escolar João Barbalho. Juntos fizeram muitas traquinagens. Mantiveram-se unidos até o terceiro ano. Considerados alunos inteligentes, com boas notas, com exceção daquela que avaliava o comportamento, foram encaminhados para participarem de uma pesquisa, solicitada pelo governo estadual, de avaliação da capacidade intelectual das crianças. Devido a facilidade de aprenderem tiveram de fazer o teste do quarto ano, porque, na opinião da professora, o do terceiro seria fácil demais para a dupla. A menina entrou em pânico. Como era muito chorona, no início chorou baixinho, depois as lágrimas banhavam-lhe o rosto e o peito, mas lá estava Leopoldo para consolá-la. Ele

⁴⁹LISPECTOR, Clarice (1972). “Vergonha de viver”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.429.

tranqüilo, ela desesperada. Clarice não conseguia escrever uma só palavra, chorava e sofria – foi uma das dores de sua vida.

Quanto a Leopoldo, diz: *Leopoldo – além de meu pai – foi o meu primeiro protetor masculino, e tão bem o fez que me deixou para o resto da vida aceitando e querendo a proteção masculina* ⁵⁰. E prossegue: *Leopoldo, além de escrever, ocupava-se de mim* ⁵¹. Então, mais tarde, vem a dizer: *Amizade é matéria de salvação* ⁵².

50 LISPECTOR, Clarice (1967). “A grandes punições”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.41.

51 *Ibidem*.

52 LISPECTOR, Clarice (1973). “Os grandes amigos”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.455.

Ainda bem! Restaram as formigas

Clarice teve Leopoldo, assim quis o destino que ele ficasse, pelo menos durante alguns anos de sua infância, ao seu lado. O mesmo não aconteceu com os animais de que tanto gostava.

O casarão em que morava era muito grande, em Recife, na praça Maciel Pinheiro, tinha quintal, e ela tentava criar bichos. Parece que teve um macaco e, provavelmente, galinhas.

Certo mesmo é que quando criança teve uma gata vira-lata, que tinha a seu cargo, além de alegrar a menina, dar cria. Frequentemente, novos habitantes surgiam na casa dos Lispector para a felicidade e infelicidade de Clarice: *Eu queria ficar com todos os gatinhos e ter uma verdadeira gataria em casa*⁵³. Isso não lhe era permitido, davam todos os filhotes e ela nem sabia para quem. Mesmo reclamando a ausência dos animaizinhos, nada acontecia. Foi até pior. Um dia, enquanto estava na escola, deram sua gata. Foi um choque. Desesperada, adoeceu. Teve febre. Então, para consolá-la, deram-lhe um gato de pano. Todavia, tal presente leva-a dizer: (...) *como é que aquele objeto morto e mole e “coisa” poderia jamais substituir a elasticidade de uma gata viva*⁵⁴. Para ela as relações entre homem e animal são singulares, insubstituíveis por qualquer outra: *Ter bicho é uma experiência vital*⁵⁵.

53 LISPECTOR, Clarice (1971). “Bichos (I)”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.333.

54 *Ibidem*.

55 *Ibidem*.

Talvez Clarice tenha também tentado criar galinhas, pois tinha grande afeição por tais aves. No conto *História de tanto amor*⁵⁶ relata a experiência de uma menina que tinha duas galinhas, Pedrina e Petronilha, e sua grande capacidade de amar sem esperar reciprocidade. Preocupava-se com a saúde das aves e ao cheirar embaixo das asas das galinhas achava que estavam doentes, talvez do fígado, afinal passavam o dia ciscando e comendo porcarias. Administrou-lhes um certo remédio, dado por uma tia. A menina desconfiava que se tratava de água com alguns pingos de café mas, mesmo assim, com muito esforço abria o bico e dava-lhes o elixir da boa saúde. Preocupava-se também com o fato de estarem um tanto magras, apesar de comerem o dia todo. A menina ainda não havia percebido que engordá-las seria um risco, o risco de serem assadas.

Aqui se repete a história, a da gata. A menina sai de casa e a sua galinha, Petronilha, se torna a principal refeição do dia. Quando soube passou a odiar todos aqueles que haviam comido sua querida galinha. Sua mãe, porém, lhe explicou que Petronilha ficaria para sempre dentro daqueles que a haviam ingerido. Pedrina morreu por outros motivos. A menina, ao perceber que a galinha não estava passando bem, resolveu enrolá-la e aquecê-la próxima do fogão. A ave morreu. Em lágrimas, a menina tomou consciência de que apressara a morte. Mais tarde, teve outra galinha: Eponina. Quanto a esta, foi mais realista. Eponina foi servida ao molho pardo, e a menina, lembrando-se das palavras da mãe, saboreou-a, pois assim seria mais sua do que em vida. Teve ciúme de quem comeu Eponina.

Como não podia ter animais, a pequena resolveu tomar conta das formigas.

⁵⁶LISPECTOR, Clarice. "História de tanto amor". *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

Clarice relata que era (...) *nos quintais da infância no sábado é que as formigas subiam em fila pela pedra* ⁵⁷. E ali estava a menina cuidando das formigas, observando os seus diálogos e suas tarefas. As formigas eram do mundo e, também, suas. Não poderia tê-las só para si, mas também ninguém poderia impedir que fossem suas.

⁵⁷LISPECTOR, Clarice (1970). "Sábado". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.297.

A procura de não-ser

Aos 8 anos um quase nada a deixava feliz. Clarice criava o seu mundo entre fadas, duendes, príncipes encantados e entre pessoas com seus mistérios. Lembra da festa de carnaval e uma *agitação íntima*⁵⁸ a tomava nas escadarias de sua casa em Recife. Apenas olhava os outros se divertirem, não podia participar. Nunca havia ido a um baile de carnaval e nem mesmo usado uma fantasia. As máscaras denunciavam que no seu avesso havia um rosto humano, e para a pequena isso dava medo. O medo de que o rosto humano pudesse ser um tipo de máscara. Mesmo assim, sonhava em um dia ser fantasiada, em que pudesse, com isso, não ser ela mesma. Na época, a doença de sua mãe se agravava, sobrecarregando todos da família, portanto ninguém se preocupava com o anseio de uma criança de 8 anos.

Inesperadamente, o mundo estourou em fogos de artifícios mudos: Clarice ganha uma fantasia de rosa. Era a felicidade perdida no meio do descampado. A menina, enfim, era uma rosa. Entretanto, foi atingida pelo destino e este lhe foi impiedoso. De súbito a saúde de sua mãe piorou muito e a mandaram depressa comprar um remédio na farmácia e ela, vestida de rosa, foi correndo, assustada, perturbada entre confetes e serpentinas. Horas depois a atmosfera familiar acalmou-se mas, como diz Clarice:

alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina (...) com remorso

58 LISPECTOR, Clarice (1970). "Sábado". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo morria ⁵⁹.

Clarice assiste a uma peça de teatro. Influenciada pela experiência vivida escreve, aos 9 anos, uma história para o teatro em três atos, intitulada *Pobre menina rica*. Uma história de amor em quatro folhas de caderno. Não mostrou para ninguém. Tinha vergonha de escrever e escondeu atrás de uma estante, mantendo-a em segredo. Mais tarde, precisou recuperá-la, já que estava havendo uma mudança, iriam para um novo endereço. Por medo de descobrirem que já pensava sobre o amor decidiu desfazer-se dela, a rasgou.

59 LISPECTOR, Clarice (1968). "Restos de carnaval". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.85.

Eu era o único eu

Em 21 de setembro de 1930, aos 41 anos, morre Marieta. Clarice fala pouco sobre a morte da mãe, faz alguns comentários misturados aos enredos de alguns textos e discorre um pouco mais na crônica *Lição de piano*⁶⁰, escrita em 1967 para o *Jornal do Brasil*.

Sem Marieta, Pedro, que estimava livros e música, oferece às filhas o estudo da música: aulas particulares e um piano comprado com muita dificuldade. Clarice conta que considerava as lições de piano uma tortura, exceto por:

Uma era um pé de acácia que aparecia empoeirado a uma curva do bonde e que eu ficava esperando que viesse. E quando vinha – ah como vinha. A outra: inventar músicas. Eu preferia inventar a estudar. Tinha nove anos e minha mãe morreria. A musiquinha que inventei, então, ainda consigo reproduzir com dedos lentos. Por que no ano em que morreu minha mãe? A música é dividida em duas partes: a primeira é suave, a segunda meio militar, meio violenta, uma revolta suponha⁶¹.

Na mesma crônica, Clarice lembra que à noite seu pai pedia que tocassem piano e comenta: *Lembro-me de uma tarde, ele estava dormindo, acordou com o rádio e perguntou emocionado que música era aquela. Era Beethoven⁶²*. Pedro se emocionou com Beethoven e Clarice o traduziu: *Beethoven é a emulsão humana em tempestade procurando o divino e só o alcançando na morte⁶³*.

Entre aulas de piano, um pé de acácia, a criação de música, Beethoven e

60 LISPECTOR, Clarice (1967). “Lição de piano”. In. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

61 *Ibidem*, pp.51-2.

62 *Ibidem*, p.52.

63 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p.14.

uma tesoura aberta sobre a mesa está a falta de Marieta. Anita Levy, uma colega de escola, é quem conta sobre o estado em que ficou Clarice com a morte da mãe:

*Naquela época fazia pouco tempo que mãe dela tinha morrido. Alguns meses. Ela ficou muito impressionada com a morte da mãe. E ia para o colégio. E falaram para ela que não se podia deixar na mesa uma tesoura aberta. E ela viu uma tesoura aberta na mesa, na casa dela. Então ela disse que foi por isso. Foi por isso que a mãe morreu. Porque alguém deixou uma tesoura aberta*⁶⁴.

É provável que a noveleta *Desastres de Sofia* ou *Travessuras de uma menina*, publicada em diferentes livros (*A legião estrangeira*, *Felicidade clandestina*, *A imitação da rosa* e *A descoberta do mundo*), fale da própria Clarice, já que alguns dados biográficos se encaixam com o conteúdo literário. Nesta, a personagem é uma menina que se “apaixona” pelo professor, que nem era bonito, era até desajeitado, todavia tinha um silêncio e uma controlada impaciência que a atraíam. Sem saber o que fazer com este sentimento, reage atrapalhando as aulas, despertando no homem a ira: (...) *amava-o como uma criança que tenta desesperadamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros curvos*⁶⁵.

Ela, instrumento agudo, tentava feri-lo, às vezes conseguia e isto a deixava *em glória de martírio*. No dia seguinte, quando voltava à escola, abalava-se ao encontrar aquele homem que a fazia (...) *devanear por um abismal minuto antes de dormir. Em superfície de tempo fora um minuto apenas, mas em profundidade eram velhos séculos de escuríssima doçura*⁶⁶, e tudo isso a jogava numa assustadora

64 Apud GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p. 94

65 LISPECTOR, Clarice. “Os desastres de Sofia” In. *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1987, p.11.

66 *Ibidem*, p.12.

esperança. Para a menina, seu pecado maior era ter tal esperança.

Os dias se seguiam. O ritual obsessivo de amar/massacrar o professor continuava com a intenção de retirá-lo do perigo iminente que o rodeava. Sem descanso, enredada pelas sombras que havia criado, diz:

*Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um só fio; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar – uma palavra mais verdadeira poderia de eco em eco fazer desabar pelo despenhadeiro as minhas altas geleiras*⁶⁷.

E cada vez mais ocupada em atingir seu mestre e cada vez mais preocupada em protegê-lo, diz: (...) *não me sobrava tempo para estudar*⁶⁸. Também, havia os livros de histórias que a menina lia (...) *roendo de paixão as unhas até o sabugo, nos primeiros êxtases de tristeza, refinamento que eu já descobrira*⁶⁹.

A menina não só roía as unhas até o sabugo angustiada pela leitura, mas também pelos amores impossíveis. Explica que elegera meninos para receber seus afetos e eles, por sua vez, não haviam feito o mesmo. Rejeitada, sofria.

Além disso, estava absorvida em íntimo conflito, em querer e não querer ser quem era, sabia apenas que toda não poderia ser, afinal, como disse (...) *ter nascido era cheio de erros a corrigir*⁷⁰. Na verdade, ela só tinha tempo para crescer e nessa sua urgência, crescia sem saber para onde: *O que eu fazia para todos os lados, com uma falta de graça que mais parecia um erro de cálculo: as pernas não combinavam com os olhos, e a boca era emocionada enquanto as mãos se*

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*, 14.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ *Ibidem*.

esgalhavam sujas ⁷¹. Esse estado desordenado era restrito a sua concepção de si mesma, enquanto sua imagem fixada em fotografia revelava algo um tanto distinto: (...) *uma menina bem plantada, selvagem e suave com olhos pensativos embaixo da franja pesada, esse retrato real não me desmente, só faz revelar uma fantasmagórica estranha que eu não compreenderia se fosse a sua mãe* ⁷². A menina não conseguia se reconhecer quando comparava sua expressão plástica à estética, sua representação física não a escondia, mas demonstrava coisa diferente do que era. Esse enredo fora parte daquilo que emergiu enquanto esperava que o tempo passasse. O tempo passou e a menina ficou um pouco mais segura arriscando-se a estudar, porém não poderia aventurar-se a aprender. Aprender poderia colocá-la em risco, risco de perder a serenidade de espírito que parcialmente conquistara: (...) *tomava cuidado com o que era, já que não sabia o que era* ⁷³.

Em meio a isso tudo e de volta à sala de aula, diz a menina: *Foi talvez por tudo o que contei, misturado e em conjunto, que escrevi a composição que o professor mandara, ponto de desenlace dessa história e começo de outras* ⁷⁴. O professor contou uma história e mandou os alunos escreverem com suas palavras a mesma história, e depois estariam livres para o recreio. Assim, a menina o fez e saiu correndo para brincar. Em meio às brincadeiras, a menina decide buscar alguma coisa em sala de aula, vai correndo, chega na sala e não percebe que ali estava seu professor. Quando se deu conta já era tarde: estavam os dois sozinhos, frente a frente. A menina ficou paralisada, sem saber o que fazer. Tentou sair lentamente da

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ *Ibidem*, pp.14-5.

⁷⁴ *Ibidem*, p.15.

sala, mas de súbito ouve o seu nome. O professor a chamava. Então lá estava a menina: *Pequena, sonâmbula, sozinha, diante daquilo a que a minha fatal liberdade finalmente me levara* ⁷⁵, jogada na sua própria teia, arrependida e desamparada: *Meu pai estava no trabalho e minha mãe morrera há meses. Eu era o único eu* ⁷⁶.

Então o professor lhe pergunta sobre a história que havia feito: *Como é que lhe veio a idéia do tesouro que se disfarça?* ⁷⁷. A menina se surpreendeu ao ver que ele já não a odiava e isso a deixou completamente perturbada a ponto de dizer: (...) *eu vi o abismo do mundo* ⁷⁸, e prossegue em sua perplexidade:

Era cedo demais para eu ver como nasce a vida. Vida nascendo era tão mais sangrento do que morrer. Morrer é ininterrupto. Mas ver matéria inerte lentamente tentar se erguer como um grande morto-vivo ... Ver a esperança me aterrorizava, ver a vida me embrulhava o estômago ⁷⁹.

E nesta situação, a menina só pensava em fugir, refugiar-se em algum lugar que lhe desse a medida de quem era, mesmo que não soubesse quem era, um lugar, que algum modo, já havia registrado as suas pegadas:

Aquele meu colégio, alugado dentro de um dos parques da cidade, tinha o maior campo de recreio que já vi. Era tão bonito para mim como seria para um esquilo ou um cavalo. Tinha árvores espalhadas, longas descidas e subidas e estendida relva. Não acabava nunca. Tudo ali era longe e grande, feito para pernas compridas de menina, com lugar para montes de tijolo e madeira de origem ignorada, para moitas de azedas begônias que nós comíamos, para sol e sombras onde as abelhas faziam mel. Lá cabia um ar livre imenso. E tudo fora

⁷⁵*Ibidem*, p.18.

⁷⁶*Ibidem*, p.19.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸*Ibidem*, pp.20-1.

⁷⁹*Ibidem*, p.21.

*vivido por nós: já tínhamos rolado de cada declive, intensamente cochichado atrás de cada monte de tijolo, comido de várias flores e em todos os troncos havíamos de canivete gravado datas, doces nomes feios e corações transpassados por flechas; meninos e meninas ali faziam o seu mel*⁸⁰.

O ritual de infernizar o professor foi interrompido pelos elogios que ele fizera à história que a própria menina escreveu, como se o feitiço se voltasse contra o feiticeiro. Ela não resistiu, saiu correndo em direção ao grande pátio da escola, em direção ao fim do mundo: ... *E foi assim que no grande parque do colégio lentamente comecei a aprender a ser amada, suportando o sacrifício de não merecer (...)*⁸¹.

A noveleta apresenta conteúdos que estão de acordo com a vida de Clarice na época. A menina revela Clarice. É possível que Clarice tenha se apaixonado por um professor, é possível que tenha gostado de meninos que não gostaram dela, é possível que a composição tenha sido começo de muitas histórias, é possível que a escola em que a personagem estudava era o Grupo Escolar João Barbalho, conforme a descrição. Sem contar que há a referência à morte da mãe, possivelmente de Marieta, mãe de Clarice, que ocorrera neste mesmo período. Além disso, o universo da personagem é atravessado por Clarice, atravessado por sentimentos que contam a seu respeito: desamparo, solidão, medo, perplexidade. Esta noveleta traz à tona sensações e percepções profundas de quem busca “ser” a partir do encontro com o outro, de quem no desamparo sofre: (...) *humilhada por não ser uma flor, e sobretudo torturada por uma infância enorme*

⁸⁰ *Ibidem*, p.16.

⁸¹ *Ibidem*, p.19.

que eu temia nunca chegar a um fim ⁸². Afinal: *Eu tinha nove anos e pouco, dura idade como o talo não quebrado de uma begônia* ⁸³.

82 *Ibidem*, p.14

83 *Ibidem*, p.12.

Tesouro disfarçado e revelado

Em dezembro de 1931, Pedro inicia, por meio da Secretaria de Justiça do Estado de Pernambuco, um processo para obter nacionalidade brasileira. Junta documentos que comprovam sua filiação, origem, estado civil, tempo de residência no país. Conseqüentemente, se inicia o processo de naturalização de Clarice. Este novo estado lhe garantiria direitos de cidadã brasileira, porém, a naturalização propriamente dita só ocorrerá mais tarde, mas esses documentos permitem a inscrição no Ginásio Pernambucano. A menina muda, novamente, de escola.

Foi mais ou menos nesta época que Clarice iniciou a sua andança pela escrita. Escreveu histórias e, na tentativa de publicá-las, as enviou para o caderno infantil do jornal de Recife, por volta de 1931. Nenhuma foi publicada. Em um texto de 1972, escrito para o *Jornal do Brasil*, intitulado *Ainda Impossível*, nos conta: (...) *ocupada em me lembrar de minhas primeiras histórias aos sete anos, todas começando com “era uma vez”*. *Eu as enviava para a página infantil das quintas-feiras do jornal de Recife, e nenhuma, mas nenhuma mesmo, foi jamais publicada*⁸⁴. Segundo ela, suas histórias não eram publicadas porque narravam sensações. E, em outro texto, do mesmo ano, chamado *Vergonha de Viver*, complementa: *E eu, teimosa, continuava escrevendo*⁸⁵. Assim, comenta: *Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder*⁸⁶. Do mesmo modo,

84 LISPECTOR, Clarice (1972). “Ainda impossível”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.406.

85 LISPECTOR, Clarice (1972). “Vergonha de viver”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.429.

86 LISPECTOR, Clarice (1968). “As três experiências”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.101.

como foi dito, desejou o mar, flores, frutas, palacetes, desejou a si mesma.

Em 1932 Clarice é aprovada no exame de admissão e ingressa no Ginásio Pernambucano. Talvez tenha entrado aos 12 anos, mas a idade pode não estar certa, pois na época era comum alterar documentos para conseguir algum benefício, como antecipar a entrada na escola. E, nesta, Clarice tem uma surpresa: reencontra seu amigo e protetor, Leopoldo: (...) *e foi como se não nos tivéssemos separado. Ele continuou a me proteger*⁸⁷, lembra em 1967.

A menina continuava suspirar por histórias e a fazer qualquer sacrifício para lê-las, vivê-las, apossar-se delas. Ao lado de sua casa, na rua da Imperatriz, havia uma livraria que aguçava sua curiosidade e vontade de ler a ponto de dizer que tudo o que uma criança devoradora de histórias gostaria de ter era um pai dono de livraria. *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, foi livro sagrado de Clarice. Por causa dele experimentou, por um lado, o sofrimento de ser maltratada; por outro, a felicidade. Muito pobre e não tinha condições de comprar o livro. A solução foi pedir emprestado. Em *Felicidade clandestina*⁸⁸, publicado 1971, Clarice narra como tudo aconteceu.

A protagonista da história tinha uma amiga, filha de dono de livraria, a quem pedia emprestados os livros que a menina não lia. Iniciou, assim, a tortura, *tortura chinesa*, como disse Clarice. A amiga informou-lhe que possuía *Reinações de Narizinho*. Com a informação, a protagonista não pensava em outra coisa: *Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o e completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse*

87 LISPECTOR, Clarice (1967). "As grandes punições". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.42.

88 LISPECTOR, Clarice. "Felicidade Clandestina". In *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

*pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria*⁸⁹. No dia seguinte a menina não vivia, nadava devagar em mar suave, as ondas a levavam e traziam. Foi à casa da amiga, correndo de esperança. Corrida em vão, a amiga disse que havia emprestado o livro para outra menina e que ela voltasse no outro dia. Os dias se sucederam, as corridas se repetiram e a amiga insistia que o livro não estava em seu poder, ou que esteve com ela no dia anterior à tarde, enquanto a menina tinha vindo só pela manhã. Isto se tornou o drama do *dia seguinte*. A menina foi a escolhida para sofrer.

O tempo foi passando e nada do livro. Até que um dia, quando a menina estava à porta da casa de sua amiga, apareceu sua mãe. A senhora, estranhando a aparição diária da menina, exigiu uma explicação, as meninas meio confusas mal conseguiram expor o assunto. Porém, a mãe entendeu e, surpresa, afirmou que o livro nunca saía daquela casa. A mulher percebeu o jogo e determinou que a filha imediatamente emprestasse o livro e por prazo indeterminado.

A menina mal acreditava que estava com o livro, até fingia que não o tinha só para ter o susto de ter, fingia que o perdia para poder encontrá-lo. *Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade*⁹⁰.

Quanto a Monteiro Lobato, Clarice, em um pequeno texto de 1968, o trata como companheiro no desamparo: *Ele deu iluminação de alegria a muita infância infeliz*⁹¹. O autor traz à menina mais um universo de fantasias, histórias contadas pelos personagens que vivem no Sítio do Pica-pau Amarelo e, como Clarice,

89 *Ibidem*, p.16.

90 *Ibidem*, p.18.

91 LISPECTOR, Clarice (1968). "Fidelidade". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.142.

mergulhados no mar narrativo, todos vivendo das próprias fábulas.

A *tortura chinesa*, decorrente do anseio de possuir *Reinações de Narizinho*, aconteceu de fato. Quem relata é Suzana Rorovitz, irmã da maldosa amiga, que se chamava Rebeca. Clarice precisava fazer um trabalho escolar, mas não tinha o livro e menina prometeu que o emprestaria. E tudo acontece como em *Felicidade clandestina*.

Clarice naquela época já se sobressaía em português, contou Suzana Rorovitz à Nádia Gotlib⁹². A própria Clarice relata em uma crônica de 29 de maio de 1971, no *Jornal do Brasil*, que ainda muito menina dera aulas particulares de português e matemática. Tania Kaufmann, irmã de Clarice, disse a Nádia Gotlib que desde muito cedo Clarice se dedicava à transmissão do conhecimento: *Desde pequena minha irmã gostava de dar aulas, ensinar. Colocava, para isso, os azulejos arrumados como se fossem alunos, e lhes falava demoradamente*⁹³.

92 Apud GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

93 *Ibidem*, p.137.

De Recife ao Rio

Por volta de 1932, Clarice viaja com seu pai a Maceió para rever a família materna. Ela conta a viagem em *Viagem de trem*, de 5 de junho de 1971 no *Jornal do Brasil*. Tinha 11 anos: *Eu já era altinha, e pelo que se revelou, já meio mocinha*⁹⁴. Neste trajeto conheceu, conforme suas palavras, um rapaz lindo de morrer, de olhos verdes com longos cílios pretos, e que comia laranjas, pelo menos uma dúzia delas. O rapaz pediu permissão ao pai para conversar com a menina. O pai concordou. A mocinha não cabia em si: (...) *namoramos o tempo todo sob o olhar aparentemente distraído de meu pai*⁹⁵.

No ano seguinte, Pedro consegue comprar uma casa no mesmo bairro em que moravam. Os Lispector mudam-se para a avenida Conde de Boa Vista, ali na Boa Vista. Permanecem nesta casa mais ou menos dois anos.

Em 1935, Pedro parte com as três filhas para o Rio de Janeiro. Não há registros dos motivos da mudança, a família continua itinerante. Os Lispector, imigrantes russos judeus, vindos da Ucrânia, acompanham o destino de muitos nordestinos que procuram no Sudeste do Brasil o recomeço.

A família viaja na terceira classe de um navio inglês: *De 12 para 13 anos mudamo-nos do Recife para o Rio, a bordo de um navio inglês*⁹⁶, rememora Clarice.

94 LISPECTOR, Clarice (1971). “Viagem de trem”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.350.

95 *Ibidem*, p.351.

96 LISPECTOR, Clarice (1972). “Vergonha de viver”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.429. Neste texto, há um desencontro de datas. Se Clarice nasceu em 1920 e se saiu, junto de sua família, de Recife em 1935, como pode ter 12 ou 13 anos? Trata-se de uma crônica que procura revelar velando a intimidade da escritora.

O idioma do cardápio de bordo era estrangeiro e a menina o desconhecia, o que a leva contar, em crônica de 5 de junho de 1971: *Foi terrivelmente exciting. Eu não sabia inglês e escolhia no cardápio o que o meu dedo de criança apontasse. Lembro-me de que uma vez caiu-me feijão branco cozido, e só. Desapontada, tive que comê-lo, ai de mim. Escolha casual infeliz. Isso acontece*⁹⁷.

97 LISPECTOR, Clarice (1971). "Viajando por mar (1ª parte)". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.349.

O salvo-conduto

Chegando ao Rio de Janeiro instalam-se no bairro do Flamengo, em quarto alugado na residência dos Malamud, também judeus russos. Permanecem ali alguns dias. Mudam-se para uma casa antiga perto do campo de São Cristóvão. Pouco tempo depois vão para a Tijuca, para a rua Mariz e Barros, onde usavam apenas parte de uma casa.

Pedro trabalha, mas não se sabe a ocupação dele nesta época. Sabe-se apenas que participava do movimento político e religioso judaico, integrando a diretoria executiva da Federação Sionista.

As filhas são matriculadas no Colégio Silvio Leite, na mesma rua em que reside a família Lispector. Clarice cursa o quarto ano do ginásial e tem o primeiro emprego: professora particular de português e matemática. Ela conta:

quando... tinha treze para catorze anos eu era... era professora de português. Ainda tava no ginásio, mas eu era professora particular de português e matemática [...] Mas a matemática me fascinava. Me lembro que eu era tão menina! Botei anúncio no jornal como explicadora. Aí, uma... uma senhora me telefonou e disse que tinha dois filhos, um filho e uma filha. Hernani Fornalha, o pai, um que foi escritor, não me lembro o quê. Aí, eu ... ela mesma me deu endereço, eu fui lá: “Ah, meu bem! Não serve! Você é muito criança!” Eu disse: “Olha, vamos fazer o seguinte: se os seus filhos não melhorarem de nota, então a senhora, a senhora não me paga nada”. Ela achou curiosa a coisa e me pegou. Aí, melhoraram. Sensivelmente⁹⁸.

Até os treze anos Clarice ainda não havia se “apropriado” da escrita. Ela

98 *Apud* GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p.136.

percorria o mundo imaginário das histórias, inventava algumas, escrevia outras, ainda no faz-de-conta. Contudo, foi uma surpresa quando descobriu que o caminho que estava trilhando a levava a um local conhecido e, simultaneamente, inédito – o lugar da escrita – afinal já estava escrevendo pequenos contos. E é ela quem conta: *Quando conscientemente, aos 13 anos de idade, tomei posse da vontade de escrever – eu escrevia quando era criança, mas não tomara posse de um destino – quando tomei posse da vontade de escrever, vi-me de repente num vácuo. E nesse vácuo não havia quem pudesse me ajudar*⁹⁹.

Clarice escolhia os livros pelo título. Ela não fora iniciada na literatura clássica, seguia sua intuição. Os livros eram muito caros, então se associou a uma biblioteca pública onde podia ler aquele que a interessasse. *Isto é o seguinte: eu misturei minhas leituras sem nenhuma orientação. Frequentava uma biblioteca e escolhia os livros pelos títulos. Resultado: misturei Dostoiévski com livro para mocinha*¹⁰⁰, afirma Clarice em entrevista a Affonso Romano de Sant’Anna. Numa dessas idas à biblioteca, encontrou *O lobo da estepe*, de Herman Hesse, o título a interessou imaginando que se tratasse de um livro de aventuras. De fato, tratava-se de aventuras, mas de outro tipo: da experiência daquilo que se vê por trás da retina. Deslumbrada, sorveu o livro página a página. *E eu, que já escrevia pequenos contos, dos 13 aos 14 anos fui germinada por Herman Hesse e comecei a escrever um longo conto imitando-o: a viagem interior me fascinava. Eu*

99 LISPECTOR, Clarice (1970) “Escrever”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.286.

100 SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). “Dezembro sem Clarice”. *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

*havia entrado em contato com a grande literatura*¹⁰¹, conta Clarice.

Ela não podia permanecer nesta espécie de vácuo que surgira com a vontade de escrever, precisava se restabelecer e sair de onde estava aprisionada. A saída era escrever. Estava confusa. O material que já havia escrito era um amontoado de papéis que, aparentemente, não tinha conexões, era uma história interminável, influenciada pela leitura de Hesse. Não suportando o fato de ter assumido o chamamento, rasgou o material escrito, porque não sabia como continuar. Em entrevista à *Revista Escrita*, diz: *Li “O lobo da estepe” aos treze anos. Me deu uma febre danada. Fiquei feito doida. Eu comecei a escrever e imaginei um conto que não acabava mais. O que é que eu vou fazer, me perguntei. Rasguei e joguei fora*¹⁰².

Entre os treze e quinze anos Clarice lia muito, bastava cair em suas mãos um livro, qualquer livro, que imediatamente o devorava. Entre eles estavam Dostoievski, Julien Green, Eça de Queiroz, Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos e muitos outros. A leitura de *Crime e Castigo*, de Dostoievski, a deixou atordoada a ponto de ter febre.

É possível que esta lembrança a tenha levado, bem mais tarde (1970), a escrever o conto chamado *A italiana*, no qual mostra a influência da leitura sobre estado emocional do leitor. Trata-se de uma menina que, após a morte dos pais, entrou para o orfanato de um convento suíço. Viveu lá até os vinte anos. Sem um motivo definido, saiu e empregou-se como criada na casa de uma família. A

101 LISPECTOR, Clarice (1973). “O primeiro livro de cada uma de minhas vidas”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.453.

102 *Apud* SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). “Dezembro sem Clarice”. *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

jovem permanecia enclausurada por vontade própria. Em determinado dia resolveu ler um livro. A família a esperava para servir o jantar, mas ela não aparecia. Foram buscá-la e a encontraram ardendo em febre. Como a febre não cedia, chamaram um médico. Por acaso, durante a consulta, o médico se deparou com um livro intitulado *Le corset rouge*¹⁰³, o examinou e disse à jovem que ela não deveria ler este tipo de livro e tudo o que dizia era mentira. A moça suspirou, sorriu tristemente e disse: *É que eu pensava que tudo o que se escreve num livro e que se publica é verdade*¹⁰⁴.

Clarice conta que aos 15 anos¹⁰⁵, com seu primeiro dinheiro, resultado de seu próprio trabalho, foi a uma livraria. Folheou muitos livros, lia algumas linhas e passava para outro. *E de repente, um dos livros que abri continha frases tão diferentes que fiquei lendo, presa, ali mesmo. emocionada, eu pensava: mas esse livro sou eu! E, contendo um estremecimento de profunda emoção, comprei-o*¹⁰⁶, lembra Clarice. Tratava-se de *Felicidade*, da inglesa Katherine Mansfield.

103 *O espartilho vermelho*.

104 LISPECTOR, Clarice (1970). "A italiana". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.281.

105 Diferente de Clarice, tanto Teresa C. M. Ferreira quanto Nádya Gotlib dizem que Clarice comprou *Felicidade* com o primeiro salário de jornalista por volta dos 20 anos.

106 LISPECTOR, Clarice (1973). "O primeiro livro de cada uma de minhas vidas". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.453.

Banhos de mar: celebração da presença do pai

No final de 1936, Clarice conclui o curso fundamental. No ano seguinte, inicia o curso complementar (nome dado na época aos dois últimos anos do atual ensino secundário) de direito da Faculdade Nacional de Direito, preparando-se para a entrada na Faculdade de Direito propriamente dita. Quarenta anos depois ela esclarece a escolha: *Diziam que eu ia ser advogada porque gostava de reivindicar os direitos. Depois vim pra cá e reparei que nunca cuidaria de papéis. Queria estudar advocacia para reformar as penitenciárias*¹⁰⁷. Ao terminar o primeiro ano, pede transferência para o Colégio Andrews, na praia de Botafogo. Cursa o segundo ano do complementar, portanto, no Andrews. Ao mesmo tempo, continua dando aulas particulares, aprende datilografia e estuda inglês na Cultura Inglesa.

Em 1939, é admitida no curso superior da Faculdade Nacional de Direito. Neste ano, os Lispector deixam a rua Mariz e Barros e se mudam para uma vila na rua Lúcio de Mendonça. Clarice trabalha como secretária em um escritório de advocacia e também em um laboratório e ainda faz traduções de textos para revistas científicas. No ano seguinte, sofre uma grande perda:

Hoje de manhã, quando amanhecer e o sol nascer, irei à praia. Entrarei n'água. É tão bom. Ah, quantas dádivas! Por exemplo, eu ainda estar viva e poder entrar na água do mar. Às vezes, de volta da praia, não tomo chuveiro: deixo o sal ficar na pele, meu pai dizia que era bom para a saúde. Na verdade estou sem doença alguma. Mas doença é coisa imprevisível. Meu pai morreu em plena maturidade:

107 Apud SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). "Dezembro sem Clarice". *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

*choque operatório. Fiquei perplexa. Mas de algum modo as pessoas são eternas*¹⁰⁸.

Este texto foi escrito em setembro de 1971, trinta anos após a morte de seu companheiro e dedicado pai. Durante toda a sua vida Clarice irá celebrar com banho de mar a memória do pai. Pedro morreu em 26 de agosto de 1940, aos 55 anos, após uma cirurgia de vesícula. Foi um choque. Perdeu aquele que havia lhe ensinado a mais preciosa lição sobre ser pessoa:

*Vou falar da palavra pessoa, que persona lembra. Acho que aprendi o que vou contar com meu pai. Quando elogiavam demais alguém, ele resumia sóbrio e calmo: é, ele é uma pessoa. Até hoje digo, como se fosse o máximo que se pode dizer de alguém que venceu numa luta, e digo com o coração orgulhoso de pertencer à humanidade: ele, ele é um homem. Obrigada por ter desde cedo me ensinado a distinguir entre os que realmente nascem, vivem e morrem, daqueles que, como gente, não são pessoas*¹⁰⁹.

108 LISPECTOR, Clarice (1971). "Trechos". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.377.

109 LISPECTOR, Clarice (1968). "Persona". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.80.

Novos encontros: *Perto do coração selvagem*

Após a morte do pai, Clarice e Elisa foram morar com Tania, casada com William Kaufmann, em uma vila da rua Silveira Martins, no bairro do Catete.

Neste ano tão difícil, Clarice escreve vários contos. O primeiro publicado foi *Triunfo*, no semanário *Pan*. Depois *Eu e Jimmy*, publicado na *Vamos ler!*. Esses dois contos serão novamente publicados somente em 2005, em *Outros escritos*. *A fuga*, *História interrompida* e *O delírio* aparecerão em *A bela e a fera*, de 1979.

Clarice continua estudando, se dedicando à escrita e, insatisfeita com a sua função de secretária, resolve procurar uma atividade condizente com sua vocação. Dirige-se ao DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão do governo Getúlio Vargas, pleiteando uma vaga de tradutora. Diante da falta de vaga para esta função, é encaminhada à *Agência Nacional*, onde se transforma em repórter e redatora. Mais tarde vai para o jornal *A Noite*, onde encontra Antonio Callado, José Conde, Lúcio Cardoso, Octávio Thyroso, jornalistas já conhecidos.

Tania Kufmann lembra: *Fazia reportagens. Ela era muito bem tratada lá. Se divertia muito. Acho que ela gostava. Não havia mulheres trabalhando naquela época. E, quando mandavam, ela ia fazer reportagens fora*¹¹⁰.

Clarice se torna amiga do jornalista e escritor Lúcio Cardoso, por quem se apaixona, mas não é correspondida. Em crônica, escreve: *Lúcio e eu sempre nos admitimos: ele com sua vida misteriosa e secreta, eu com o que ele chamava de*

¹¹⁰ Apud GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p.150.

“vida apaixonante”. *Em tantas coisas éramos tão fantásticos que, se não houvesse a impossibilidade, quem sabe teríamos nos casado* ¹¹¹. Diz ainda que Lúcio Cardoso fora a pessoa mais importante de sua adolescência. Em 1941, durante uma viagem a Belo Horizonte, escreve carta a Lúcio. A correspondência revela uma relação intensa, a jovem relata que há mais homens andando pelas ruas da cidade do que mulheres, descreve as características das poucas que são vistas nas ruas e pressupõe que a maioria está guardada em seus lares cuidando dos filhos, assinalando, de certa forma, o contraste com seu próprio retrato. Confidencia sobre um possível admirador e sobre temas particulares:

Meu exílio se tornará + suave, espero. Sabe Lúcio, toda a efervescência que eu causei só veio me dar uma vontade enorme de provar a mim e aos outros que sou + do que uma mulher. Eu sei que você não o crê. Mas eu também não o acreditava, julgando o q. tenho feito até hoje. É que eu não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde é a sua fonte ¹¹².

No terceiro ano da faculdade de direito, Clarice escreve também sobre literatura. No início de 1941 publica uma reportagem sobre a inauguração, pela primeira-dama, Darcy Vargas, de um lar para meninas carentes, com o título *Onde se ensinará a ser feliz*, no jornal *Diário do Povo*, de Campinas (SP). Também são publicados os contos *Trecho*, na revista *Vamos lêr! Cartas a Hermengardo*, no semanário *Dom Casmurro*. Além disso, é editada uma tradução ¹¹³ de *O missionário*, na *Vamos lêr!* e uma reportagem com o título *Uma visita à casa dos*

111 LISPECTOR, Clarice (1969). “Lúcio Cardoso”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.167.

112 LISPECTOR, Clarice (1941). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.16.

113 Provavelmente se trata do idioma inglês.

expostos. Clarice escreve outros contos, não publicados na época: *Gertrudes pede um conselho*, *Obsessão* e *Dois bêbados* (publicados apenas em 1979 em *A bela e a fera*). A jovem colabora com a revista *A Época*, organizada pelos alunos do curso de Direito, com: *Observações sobre o fundamento do direito de punir* e *Deve a mulher trabalhar?*

O envolvimento com a produção literária e jornalística amplia também suas relações pessoais. Clarice começa a freqüentar o bar Recreio, na Cinelândia, com seus amigos Lúcio Cardoso, Octavio de Faria e Adonias Filho, local onde conhece Vinícius de Moraes, Rachel de Queiroz, Cornélio Pena.

Clarice começa a namorar seu colega de faculdade Maury Gurgel Valente. Em 1942, vai passar férias na fazenda Vila Rica, em Avelar, no Rio de Janeiro, de onde se corresponde com seu *Ratinho curioso*, modo como Clarice chamava seu namorado. Escreve: *Mandarei imprimir cartões especiais, com cestinhos de flores e anjos rosados, anunciando que sou sua namorada*¹¹⁴. Mesmo em ambiente rural e em estado de apaixonamento, a inquietação a acompanha: (...) *ando de um lado pra outro, dentro de mim, as mãos abandonadas, pronta para inventar uma tragédia russa, pronta para criar um motivo que me acorde... horrível*¹¹⁵.

Em março, ao voltar de férias, obtém seu primeiro registro profissional, como redatora do jornal *A Noite*. É neste mesmo mês, segundo Clarice, em um de seus depoimentos a Ziraldo, que ela inicia a elaboração de seu primeiro livro: *Perto do coração selvagem*. Em entrevista concedida a Affonso Romano de Sant'Anna, Clarice afirma que foi aos 17 anos que escreveu esse livro (considerava 1925 o ano

114 *Ibidem*, p.20.

115 *Ibidem*..

de seu nascimento).

No mesmo período, solicita sua naturalização. De posse de algumas informações sobre a possibilidade de antecipar sua cidadania, em junho escreve ao presidente Getúlio Vargas pedindo a dispensa do prazo estipulado (um ano). Clarice recebe o apoio do diretor do jornal em que trabalhava, André Carrazzoni. Ele envia uma carta ao ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, pedindo atenção especial ao caso de Clarice: *Foi com surpresa que a soube estrangeira, tal sua maneira de ser, tão nossa que a torna filha legítima do Brasil. Realmente, a nacionalidade, nesse caso, constitui um acaso. Clarice veio para o Brasil com meses de idade. Aqui aprendeu a ler e escrever. Aqui formou seu espírito, como verdadeira brasileira*¹¹⁶. E reforça: (...) *em tudo e por tudo nossa patricia, filha do nosso clima sentimental e moral*¹¹⁷. Não recebem resposta. Somente em outubro, quando o ministro solicita ao presidente seu parecer, o processo tem continuidade.

Getúlio Vargas questiona o pedido, afinal a jovem reside há muito no país e por que somente naquele momento e com tanta urgência requer sua naturalização? Clarice responde, argumentando ter chegado à maioridade, retifica dados e confirma outros declarados na abertura de seu processo de naturalização.

A jovem escritora está no quarto ano do curso de Direito e faz também disciplinas de antropologia brasileira e psicologia na Casa do Estudante do Brasil. Como já iniciara o primeiro romance havia sete meses e precisava concluí-lo, no oitavo mês se recolhe a uma pensão na rua Marquês de Abrantes, no Botafogo, para escrever.

116 Apud GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, pp.165-6.

117 *Ibidem*, p.166.

Em nove meses está pronto *Perto do coração selvagem*, título – como se sabe – sugerido por seu amigo Lúcio Cardoso, o primeiro leitor do romance.

Rio-Belém

Depois de quase um ano de espera, em janeiro de 1943, Clarice recebe os documentos de naturalização. Nesse mês casa-se com Maury Gurgel Valente, já então cônsul de terceira classe. Segundo Tania Kaufmann, em depoimento a Nádia Gotlib, Clarice escolhe, sem muito entusiasmo, o vestido de noiva, porém em alguns momentos Clarice e Maury pareciam apaixonados. O casal, inicialmente, reside na casa dos pais de Maury, no bairro da Glória, no Rio. Em seguida, o casal muda-se para rua São Clemente, no Botafogo.

No final de 1943 Clarice e Maury formam-se no curso de Direito. Entretanto, o casal não chega a colar grau. Maury foi nomeado agente de ligação entre o Ministério das Relações Exteriores e autoridades estrangeiras que residiam ou que visitavam Belém, no Pará. E Clarice estava tentando publicar seu livro. Faz duas tentativas, ambas fracassam, os editores rejeitam seu romance. A jovem autora não desiste. A editora A Noite, do mesmo grupo do jornal em trabalhava, acaba publicando o livro, mas Clarice teve de abdicar os direitos autorais. A primeira edição de *Perto do coração selvagem* uma tiragem de mil exemplares. *Eu não pagava nada e também não ganhava nada. Se houvesse lucro, era deles*¹¹⁸, declara Clarice.

Com 1944 se inicia uma nova etapa de viagens na vida de Clarice, desta vez acompanhando seu marido. Maury, vice-cônsul, é mandado para Belém, onde o

118 *Apud* SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). "Dezembro sem Clarice". *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.21.

casal permanece por seis meses.

Na capital paraense instalaram-se no Central Hotel, de onde Clarice escreve a Lúcio Cardoso. Na carta procura esclarecer o mal-entendido que houve entre ambos antes de sua partida, dizendo que tentava se aproximar dele disfarçando suas perguntas de amizade em perguntas de curiosidade, e prossegue contando sobre seu estado:

*Estou aqui meio perdida. Faço quase nada. Comecei a procurar trabalhar e começo de novo a me torturar, até que resolvo não fazer programas; então a liberdade resulta em nada e eu faço de novo programas e me revolto contra eles. Tenho lido o que me cai nas mãos. Caiu-me plenamente nas mãos Madame Bovary, que eu reli. Aproveitei a cena da morte para chorar todas as dores que eu tive e as que nunca tive. – Eu nunca tive propriamente o que se chama “ambiente” mas sempre tive alguns amigos. Aqui só tem “mutucas” (...)*¹¹⁹.

Acompanhada de Flaubert, Rilke e Proust foi se compondo a estada de Clarice em Belém. Conheceu os professores Francisco Paulo Mendes e Benedito Nunes (depois especialista na obra clariceana). Procurou manter-se ativa, tentando escrever outro romance, e, mesmo licenciada de suas funções jornalísticas, escreve artigo para o jornal *A Noite* relatando a passagem da primeira-dama dos Estados Unidos, Eleanor Roosevelt, por Belém.

Afastada do Rio de Janeiro, Clarice não pôde acompanhar de perto a repercussão de seu livro, que se iniciou um mês após a publicação. Tania Kaufmann colocava Clarice a par das notícias, lhe enviando recortes de jornal em que aparecia qualquer menção ou crítica ao romance. A estréia de Clarice surpreendeu

119 LISPECTOR, Clarice.(1944) *Correspondências* Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.36.

muitos críticos e muitos artigos foram publicados. A respeito de seu livro, em carta a Tania, Clarice diz:

Procuro não me desesperar, ou melhor, nem posso porque estou vagando numa quietude chata. Espero que isso se transforme depressa; as críticas, de um modo geral não me fazem bem; a do Álvaro Lins (...) me bateu e isso foi bom de certo modo. Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virgínia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de “representante comercial” deles¹²⁰.

Neste cenário, Clarice toma conhecimento do artigo publicado por Lúcio Cardoso, e se surpreende. Lúcio diz que o livro talvez seja o mais importante da autora. Ela gosta, mas fica assustada, afinal se tratava de seu primeiro livro:

Tenho vontade de rasgá-lo e ficar livre de novo: é horrível a gente já estar completa (...) quanto ao meu meio sucesso me perturbar, às vezes ele me deixa saciada e cansada. Às vezes, embora possa parecer falso, me desanima, mas não sei por quê. Parece que eu esperava um começo mais duro e, tenho a impressão, seria mais puro¹²¹.

Conta ainda de como tem escrito, de suas dúvidas:

(...) como eu acho horrível o que tenho escrito e como às vezes me parece sufocante de bom o que tenho escrito, e dois dias depois aquilo não vale nada, como eu tenho aprendido a ser paciente, como é ruim ser paciente, como eu tenho medo de ser uma “escritora” bem instalada, como eu tenho medo de usar minhas próprias palavras, de me explorar...¹²².

Em julho recebe carta de seu amigo Lêdo Ivo contando que Antonio Candido publicará um artigo sobre ela, que é (...) *um hino de aleluia kirie eleison e outras coisas. As palavras de restrições são genial, assombrosa, invulgar, etc.*¹²³.

120 *Ibidem*, p.38.

121 *Ibidem*, p.41.

122 *Ibidem*, pp.41-2.

123 *Ibidem*, p.47.

A cor esmaecida de Nápoles

A estada do casal em Belém chega ao fim. Clarice e Maury retornam ao Rio de Janeiro, mas ficam na cidade por pouco tempo. Maury é enviado como vice-cônsul a Nápoles, na Itália. Antes de partirem para a Europa, passam por Natal (RN), onde permanecem alguns dias até Maury receber um documento necessário para continuar a viagem em avião de empresa norte-americana. Ele parte antes de Clarice, pois os responsáveis pela comissão diplomática deveriam chegar antes para instalar o consulado. Ela permanece mais alguns dias na capital potiguar, de onde escreve para Lúcio Cardoso: *Estou lhe escrevendo de Natal, do horrívelzinho Grande Hotel daqui. Maury embarcou ontem e eu estou esperando condução talvez para esse final de semana. Só tomara que isso tudo já siga um rumo claro, porque estou tão desorientada* ¹²⁴.

Parece que ela antevia a possibilidade de não haver um percurso determinado e isso já a deixava um tanto sem norte. No dia 30 de julho embarcou, com um grupo de missionários, em direção ao continente africano. Neste tempo estava em curso a Segunda Guerra Mundial (1944) o que dificultava o transporte, principalmente na Europa. No dia seguinte se iniciaram as escalas: chegou à Libéria, onde passou um dia e uma noite, almoçou em Guiné-Bissau, seguiu para Dacar, no Senegal, onde ficou por duas horas e, por fim, partiu para Portugal. Desembarcou em Lisboa, onde foi recebida pelo diplomata Ribeiro Couto. Na capital, permanece

124 LISPECTOR, Clarice (1944). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.48.

dez dias e em seguida é incumbida de tarefa diplomática: parte para o Marrocos como correio diplomático, levando carta de Ribeiro Couto para o embaixador brasileiro em Roma, Vasco Leitão da Cunha, que se encontrava, temporariamente, em Casablanca. *Fui como correio diplomático, carregando comigo um grande embrulho, sem largá-lo um instante. Mas isso me facilitou arranjar prioridade para Argel, no dia seguinte*¹²⁵.

Na capital argelina Clarice é hospedada em casa da delegação brasileira, local onde também estava hospedado seu cunhado, o diplomata Mozart Gurgel Valente. De Argel escreve às irmãs Elisa e Tania: *Todo esse mês de viagem nada tenho feito, nem lido, nem nada – sou inteiramente Clarice Gurgel Valente*¹²⁶.

Comenta, ainda, a respeito das pessoas que conheceu durante esse período:

*Nunca ouvi tanta bobagem séria e irremediável como nesse mês de viagem. Gente cheia de certezas e julgamentos, de vida vazia e entupida de prazeres sociais e delicadezas. É evidente que é preciso conhecer a verdadeira pessoa embaixo disso. Mas por mais protetora dos animais que eu seja, a tarefa é difícil*¹²⁷.

Após doze dias em Argel, parte para Roma em companhia de Mozart e de Leitão da Cunha, ambos transferidos da Argélia para a Itália. Desta vez, a viagem é pelo Mar Mediterrâneo. O destino é Taranto, na Itália. Clarice relata para Lúcio Cardoso, em carta, como foi a travessia: (...) *em largar um instante o salva-vidas obrigatório, comboiada nos dois destróieres*¹²⁸. O comentário descreve a situação, durante a Guerra. Chegando a Taranto tomaram o avião particular do comandante-

125 LISPECTOR, Clarice (1944). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.49.

126 *Ibidem*, p.50.

127 *Ibidem*, p.51.

128 *Ibidem*, p. 56.

em-chefe das forças aliadas do Mediterrâneo até Nápoles.

Em Nápoles, os membros da comissão diplomática brasileira são alojados em um apartamento, sede do próprio consulado. E Clarice também passa a viver neste local. Nápoles converte-se em sua nova morada: *Passei várias noites sonhando que tinha que arrumar de novo as malas*¹²⁹. Parece que, desde o seu casamento, esta foi a primeira oportunidade que teve para descansar, sabia que tão cedo não mudaria de cidade, o que a leva dizer: *Isso aqui é lindo. É uma cidade suja e desordenada, como se o principal fosse o mar, as pessoas, as coisas (...) E tudo aqui tem uma cor esmaecida, mas não como se tivesse um véu por cima: são as verdadeiras cores*¹³⁰. Entretanto, de algum modo, também sabe que sua permanência em Nápoles não é definitiva: *As pessoas parecem morar provisoriamente*¹³¹.

Em meados de setembro de 1944 Clarice escreve a Lúcio Cardoso contando sobre a estada na Itália. Diz que por vezes está ótima, por outras não vê e não sente nada e por outras está simplesmente “delicada”. Chovia e fazia frio em Nápoles. O seu quarto era independente dos outros no apartamento e isso lhe dava a liberdade de desarrumá-lo, além disso, fora presenteada com o azul mediterrânico do mar. Conta que um novo livro estava acabado e se chama *O lustre*. Possivelmente já estava terminado quando saiu do Brasil mas não estava completo, esta era a impressão de Clarice. Pronto o livro, solicita ao amigo que se encarregue de conseguir a publicação, rapidamente, pela Editora José Olympio. Caso não conseguisse, a

129 *Ibidem*.

130 *Ibidem*.

131 *Ibidem*.

própria Clarice, por intermédio de sua irmã Tania, tentaria algo mais modesto, até mesmo pago, tamanha era a urgência de publicar. Por fim, pede a Lúcio que não a esqueça e que não a considere uma exilada.

Em correspondência posterior diz não saber como descrever o que está vivendo, apenas que está triste e cansada, talvez precisando iniciar um novo trabalho:

*Minha impaciência chega a ser tão grande que às vezes me dói. Assim não tenho gostado verdadeiramente da Itália, como não poderia gostar verdadeiramente de nenhum lugar; sinto que há entre mim e tudo uma coisa, como se eu fosse daquelas pessoas que têm os olhos cobertos por uma camada branca. Sinto horrivelmente ter que dizer que esse véu é exatamente a minha vontade de trabalhar e ver demais*¹³².

Declara-se pobre por dentro e diz ter um rosto que é qualquer coisa feia.

No mês seguinte, Clarice é informada de que ganhara o prêmio Graça Aranha com *Perto do coração selvagem* como o melhor romance de 1943.

Mesmo morando na Europa, Clarice não perde contato com seus amigos brasileiros. Pelo contrário, por meio de cartas, esses contatos se intensificam e deste modo mantém laços tanto afetivos quanto intelectuais com o Brasil. Seus amigos e suas irmãs enviam-lhe livros e notícias. Escreve a Lúcio Cardoso dizendo que recebera *Inácio*, novo livro dele, e que já iniciara a leitura. Relata que na cidade ainda faz frio e por ter respirado tanto o outono napolitano contraíra um resfriado e isso a levou ao encontro da poesia de Emily Brontë. A leitura destas poesias lhe dava a impressão de (...) *ter entrado no céu, no ar livre*¹³³, pois tinha a sensação de

¹³² *Ibidem*, p.63.

¹³³ *Ibidem*, p.66.

que era compreendida pela autora, o que a sensibilizou a ponto de ter vontade de chorar, mas não o fez (...) *porque quando choro fico tão consolada, e eu não quero me consolar dela; nem de mim* ¹³⁴. Clarice sente que as coisas se completam perfeitamente. Depois de ter dito isso, algo a mobilizou tanto que revelou sua necessidade de se conter para não entrar em desespero. Assim, muda o tom da carta tentando tratar de assuntos práticos a respeito da publicação de seu livro.

Clarice também escreveu a Manuel Bandeira, porém esta carta não foi publicada, sabe-se dela pela resposta dada pelo poeta. Bandeira lhe escreve carinhosamente; manda seus dois livros recentemente reeditados (*Poesias Completas e Poemas Traduzidos*) e ainda solicita que entregue os outros volumes aos seus amigos que também vivem na cidade. Encaminhar e entregar correspondências ou outros objetos provenientes do Brasil era tarefa que Clarice cumpria constantemente.

Era tempo de Guerra, 1945, e Clarice via-se convidada a participar. Passou a trabalhar no hospital americano dando assistência aos seus compatriotas feridos na luta. Em carta para Lúcio Cardoso, diz:

Visito diariamente todos os doentes, dou o que eles precisam, converso, discuto com a administração pedindo coisas, enfim sou formidável. Vou lá todas as manhãs e quando sou obrigada a faltar fico aborrecida, tanto os doentes já me esperam, tanto eu mesma tenho saudades deles ¹³⁵.

Este trabalho foi reconhecido pelos médicos da Força Expedicionária Brasileira e, via ofício assinado, recebe agradecimentos pelo serviço prestado.

¹³⁴ *Ibidem*.

¹³⁵ *Ibidem*, p.70.

Em 7 de maio de 1945 ocorre a rendição da Alemanha, encerrando na Europa a Segunda Guerra Mundial, mas é somente em 2 de setembro que ela acaba com a rendição do Japão. Neste dia, Clarice posa, pela última vez, para o pintor italiano Giorgio de Chirico e, neste momento, ouve um jornalista que anuncia: *È finita la guerra!* Clarice enche-se de alegria e vibra. Contudo, se surpreende ao perceber que não houve comemorações nem grande euforia, o povo estava muito cansado até mesmo para celebrar a paz.

Neste mesmo ano, inicia uma série de viagens pela Itália acompanhada do marido. Visita Florença, Veneza, e novamente Roma. Também vai a Córdoba, na Espanha. E volta para Nápoles.

Escreve à sua irmã Tania e queixa-se da dificuldade de comunicar-se por cartas. Considera que às vezes até pessoalmente é difícil, mesmo entre duas irmãs que se gostam e se entendem, porque muitos sentimentos atrapalham. Conta que não tem participado de eventos sociais e confessa: *Tudo o que eu tenho é a nostalgia que vem de uma vida errada, de um temperamento excessivamente sensível, de talvez uma vocação errada ou forçada (...) Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs*¹³⁶.

No término, apesar de mostrar sua angústia, afirma estar bem e feliz, não hesita em pedir: (...) *me abrace, que no abraço mais do que em palavras, as pessoas se gostam*¹³⁷.

Em um passeio pela cidade, Clarice se depara com um cãozinho vira-lata,

¹³⁶ *Ibidem*, p.75.

¹³⁷ *Ibidem*, p.77.

se apaixona, não resiste e o compra. O chamou de Dilermando. Nesta mesma correspondência, declara seu amor ao bicho e o quanto está triste em descobrir que ele apresenta uma doença, aparentemente incurável.

O silêncio de Berna

O casal é comunicado de que deixará a Itália, irá desta vez para Berna, na Suíça. Em 1946, antes de se instalar em Berna, Clarice visita o Rio de Janeiro. Aproveita a oportunidade, enviada como correio diplomático pelo Ministério das Relações Exteriores, para divulgar *O lustre*, que havia sido lançado no final de 1945, reencontrar amigos e fazer outros. Em março, viaja para a Itália e no mês seguinte muda-se para Berna.

Com pesar Clarice deixa Dilermando, porque a haviam informado que não era permitida a presença de animais no hotel onde se instalaria. O abandono do querido cão será a base para o conto *O crime do professor de matemática*. A escritora jamais o esquecerá. Muitos anos depois, 1971, em crônica, escreve:

*Mulher feita, tive um cachorro vira-lata que comprei de uma mulher do povo no meio do burburinho de uma rua de Nápoles porque senti que ele nascera para ser meu, o que ele também sentiu em alegria enorme, imediatamente me seguindo já sem saudade da ex-dona, sem sequer olhar para trás, abanando o rabo e me lambendo. Mas é uma história comprida, a de minha vida com esse cão que tinha cara de mulato-brasileiro, apesar de ter nascido e vivido em Nápoles (...)*¹³⁸.

Clarice era muito ligada a esse italianinho, trocavam confidências e conheciam-se mutuamente: *Nenhum ser humano me deu jamais a sensação de ser tão totalmente amada como fui amada sem restrições por esse cão*¹³⁹.

De Berna, Clarice escreve às irmãs, Tania e Elisa, dizendo que era uma

138 LISPECTOR, Clarice (1971). "Bichos (I)". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 333.

139 *Ibidem*, p. 334.

pena não ter paciência para gostar da tranqüilidade da cidade e complementa: *Em Berna ninguém parece precisar um do outro, isso é evidente. Todos são laboriosos. É engraçado que pensando bem não há um verdadeiro lugar para se viver. Tudo é terra dos outros, onde os outros estão contentes. É tão esquisito estar em Berna e tão chato este domingo...*¹⁴⁰.

A dificuldade de adaptação, a solidão, o silêncio de Berna fazem Clarice pedir a presença, mesmo distante, de suas irmãs. Então, escrever é (...) *um anzol compridíssimo cuja isca bate no Rio de Janeiro para pescar resposta*¹⁴¹. Esta imagem, portanto, aproxima, converte-se em comunicação e o saudoso Rio se apresenta.

Clarice se corresponde também com Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Bluma Wainer, Lúcio Cardoso, entre outros. A Fernando Sabino conta, por exemplo, que teve uma das piores semanas em relação a seu trabalho: *Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar, desesperar é mais fácil ainda do que trabalhar. Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga*¹⁴². Em carta posterior narra para Sabino um sonho:

Sonhei que estava num lugar de cores apagadas, tudo meio dormente, e que eu ia subir uma escadaria imensa, alta, alta. Eu me aproximava para subir e com horror via que a escadaria era apenas pintada – nem pintada, desenhada a lápis com perspectivas certas em claro e escuro, parece que em cima de papel móvel porque havia vento. Nem

140 LISPECTOR, Clarice (1946). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.80.

141 *Ibidem*, p.81.

142 *Ibidem*, p.88.

*lhe posso descrever de como comecei a subir e que dificuldade sentia: era uma imagem de escada e eu pisava em degraus desenhados e sem profundidade*¹⁴³.

Clarice e Sabino compartilham um universo, conseguem trocar tanto angústias quanto textos e sugestões.

Ainda neste ano, Clarice, além de escrever contos, começa a escrever *A cidade sitiada*, seu terceiro livro. São publicados, no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, os contos *O crime* e *O jantar*.

O ano de 1946 é encerrado com uma viagem à França. Clarice e Maury são convidados pelos amigos brasileiros Samuel e Bluma Wainer para comemorarem o final de ano em Paris. O casal permanece na França até fevereiro do ano seguinte. A estada de Clarice em Paris é bastante movimentada. Encontra amigos brasileiros com os quais participa de jantares e almoços, conhece novas pessoas, assiste a concertos e peças de teatro. Entretanto, a respeito dessa vida social relata, em carta, a suas irmãs:

*Não sei se estou louca por Paris. É difícil dizer. Com a vida assim parece que sou “outra pessoa” em Paris. É uma embriaguez que não tem nada de agradável. Tenho visto pessoas demais, falado demais, dito mentiras, tenho sido muito gentil. Quem está se divertindo é uma mulher que eu não conheço, uma mulher que eu detesto, uma mulher que não é a irmã de vocês. É qualquer uma*¹⁴⁴.

Os Gurgel Valentens retornam à Suíça. Clarice, sem conseguir escrever, ocupa suas tardes indo ao cinema – e pouco importava o filme – frequentando a biblioteca pública, passeando pelo jardim zoológico. Se conseguisse escrever,

143 *Ibidem*, pp.106-7.

144 *Ibidem*, p.115.

Clarice estaria salva do silêncio de Berna. Diz:

*A noite de Berna tem o silêncio. Tenta-se em vão trabalhar para não ouvi-lo, pensar depressa para disfarçá-lo. Ou inventar um programa, frágil ponte que mal nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. Silêncio tão grande que o desespero tem pudor. Montanhas tão altas que o desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio. Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te alcançar. É um silêncio que não dorme: é insone; imóvel mas insone; e sem fantasmas. É terrível – sem nenhum fantasma*¹⁴⁵.

E assim se vão os dias. Até que, no final de 1947, Clarice é surpreendida pelo fato de ter encontrado um dos motivos para o qual nasceu: gestar. Clarice está grávida de seu primeiro filho.

Há uma certa mudança no cotidiano. A autora, apesar da angústia, consegue investir mais no seu trabalho, buscando concluir seu terceiro romance, iniciado em 1946. Ocupou-se em copiá-lo quantas vezes achasse necessário, atitude que veio a configurar o seu método de escrita. A decisão de terminá-lo não a impediu que se dedicasse à produção de contos. Neste ano, 1948, escreveu *Mistério de São Cristóvão*, *Laços de família* e *Um jantar*. Em meados de maio dá por terminado o livro *A cidade sitiada* e, com isso, se inicia uma nova batalha, o envia ao Brasil para tentar publicá-lo. Em correspondência a Tania (6/7/48), diz: *O que eu quero é que este livro saia daqui. Melhorá-lo é impossível para mim. E, além disso, preciso com urgência me ver livre dele*¹⁴⁶.

145 LISPECTOR, Clarice (1968). "Noite na montanha". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.128.

146 Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.134

Segundo Olga Borelli, amiga de Clarice, *A cidade sitiada* foi o livro que a autora considerou mais difícil de escrever. Contou a Borelli que durante a elaboração perseguia algo que não conseguia descobrir o que era; trabalhava meio cegamente e às vezes tinha a sensação de que não estava fazendo nada; então ficava sentada esperando e eis que de repente uma frase surgia. O livro vai se compondo com a visita do inesperado.

De certa forma, tanto *Perto do coração selvagem* e *O lustre* quanto *A cidade sitiada* são romances que vão apresentando uma maneira de trabalhar que se tornaria característica da escrita clariceana.

*Meu trabalho vem às vezes em nebulosa sem que eu possa concretizá-lo de algum modo. Passo dias ou até anos, meu Deus, esperando. E, quando chega, já vem em forma de inspiração. No início de uma história, acho que tenho um vago plano inconsciente que vai desabrochando à medida que eu trabalho. Fundo e forma sempre foram uma coisa só. A frase já vem feita, mas não gosto da fase posterior do trabalho que consiste em reunir esses pensamentos e idéias nascidas aos pedaços*¹⁴⁷.

O terceiro romance foi escrito em Berna em uma época bastante difícil da vida da autora. Época em que inadaptação à cidade, a solidão e o silêncio a inquietaram. Não via meios de viabilizar uma quietude.

*O que me salvou da monotonia de Berna foi viver na Idade Média, foi esperar que a neve parasse e os gerânios vermelhos de novo se refletissem na água, foi ter um filho que lá nasceu, foi ter escrito um de meus livros menos gostado, *A cidade sitiada*, no entanto, relendo-o, pessoas passam a gostar dele; minha gratidão a este livro é enorme: o esforço de escrevê-lo me ocupava, salvava-me daquele silêncio aterrador das ruas de Berna, e quando terminei o último capítulo, fui para o hospital dar à luz o menino*¹⁴⁸.

¹⁴⁷ *Ibidem*, pp. 81-2.

¹⁴⁸ LISPECTOR, Clarice (1970). "Lembrança de uma fonte, de uma cidade". In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.270.

E foi assim que recebeu seu bebê Pedro, nome adotado por seu pai quando chegou ao Brasil, em 10 de setembro de 1948. A jovem mãe dedicou-se inteiramente aos cuidados do recém-nascido aprendeu a tricotar e fez, até mesmo um curso de modelagem, é o que escreve para as irmãs: *Estou modelando uma cabeça de... macaco. Nunca pensei ter tanta dificuldade com macacos*¹⁴⁹. Além de cuidar do pequeno Pedro, Clarice continuava tentando a publicação do livro.

149 Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 137.

Estou me controlando para não ficar alegre demais

No ano seguinte (1949), o Ministério das Relações Exteriores transfere Maury Gurgel Valente para a Secretaria de Estado, no Rio de Janeiro. É com grande alegria que Clarice recebe a notícia tão esperada.

Em carta às irmãs, datada de 25 de março de 1949, diz:

... estou escrevendo sob o secador do cabeleireiro, me preparando para ir hoje de noite a Roma para fazer alguma roupa.

Nem sei dizer o que senti quando soube que iremos embora pro Brasil. A grande alegria é inexpressiva. Minha reação foi coração batendo, pés e mãos frios. Em seguida passei a dormir mal à noite e consegui emagrecer ainda mais. Sou tão chata que já estou pensando que irei embora do Brasil de novo. Estou me controlando para não ficar alegre demais.

*Estou tão contente. Quem sabe no Rio conseguirei escrever de novo e me animar*¹⁵⁰.

Na viagem de volta ao Brasil, rumo ao Rio, Clarice aproveita uma parada em Recife para ver tios e primos e visitar alguns lugares que foram especiais durante sua infância. Sua prima Vera Lispector conta que Clarice, Maury e Pedro ficaram poucas horas na cidade, almoçaram na casa de seus pais, foram rever a avenida Conde da Boa Vista. Clarice ficou decepcionada porque a achou estreita. *E já haviam alargado a avenida*¹⁵¹, acrescentou Vera.

Ao chegarem ao Rio fixam residência à rua Marquês de Abrantes, no Flamengo. Clarice, feliz, reencontra familiares e amigos. As relações tanto afetivas quanto profissionais se ampliam. E, finalmente, seu romance *A cidade sitiada* é

¹⁵⁰ Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.138.

¹⁵¹ Apud GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p.121.

publicado pela editora A Noite.

O jornal *Letras e Artes*, da mesma editora, publica duas matérias a respeito da escritora, uma com sua opinião acerca de “Literatura e verdade”; outra sobre a sua volta ao Brasil.

Em 1950, Clarice concede uma entrevista ao jornalista e amigo Paulo Mendes Campos. O jornalista conta que ao chegar na casa encontra Clarice cuidando de seu filho Pedro e que ela havia dito que estava se educando com o crescimento do filho: (...) *descobriu através do garoto ser mais áspera de voz e mais brusca de gestos do que poderia imaginar*¹⁵². No final, ao ser indagada sobre o que estaria escrevendo, declara que só tem feito colaborações para revistas e jornais e que não tinha nenhuma idéia para novo romance. A autora dedica va-se a escrever contos. São deste período *Amor, Uma galinha e Começos de uma fortuna*.

A permanência no Rio de Janeiro é curta. Quando Clarice já estava adaptada à cidade, Maury é novamente transferido e vai integrar a delegação brasileira na Conferência Geral de Comércio e Tarifas em Torquay, na Inglaterra. De novo, é hora de partir.

152 Apud GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p.269.

O cheiro de Berna

Chegando a Torquay, vão para um hotel. Clarice escreve a Tania (23/10/50) contando sobre o novo lugar. Diz que estão bem hospedados, seu filho está gordinho, embora mais pálido do que no Rio, não quer saber de aprender inglês e, quanto às poucas palavras aprendidas, ele mais parece um caboclo falando inglês. Fala das dificuldades com babás: *Estou ainda esperando “a mulher de minha vida”... Se eu pudesse encontrar uma pessoa que passasse a ser “nossa” para sempre nem sei o que daria* ¹⁵³. A cidade é pequena e tem o *cheiro de Berna*. Para Clarice, a época na Suíça foi bastante difícil, o tempo não passava e quanto mais tentava ocupá-lo mais atormentada ficava. Entretanto, em Torquay sabia que a estada seria breve: *De qualquer modo, apesar de Torquay ser tão chatinho, gosto da Inglaterra. A falta de sol, certas praias com rochas escuras, a falta de beleza – tudo isso me emociona muito mais do que a beleza da Suíça. Por falar nesta, cada vez mais a detesto. Espero nunca mais estar nela* ¹⁵⁴.

Na Inglaterra o seu cotidiano parece mais calmo e ela então se volta, principalmente, para Pedrinho. É o que revela a carta, do mês seguinte, enviada às irmãs:

Mas está tão agarrado a mim que é um desespero. Ele está muito bem, cheio de palavras novas, mas tudo em português. Come que é uma beleza, vive faminto, conversando sobre comida, ‘carninha

153 LISPECTOR, Clarice (1950). *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.191.

154 *Ibidem*, p.192.

*gostosa’, ‘peixinho ótimo’, etc. Ele fala tanto que se ele de modo geral não fosse um filho eu ficava cansada. A conversa não varia muito – é sobre comida, carros, ônibus e comida de novo*¹⁵⁵.

Conta ter visitado caverna com vestígios pré-históricos, experiência que a levou pensar que não deveria se preocupar com coisas pequenas, já que antes dela havia tantos e tantos anos. Para logo depois concluir: (...) *nada tenho a ver com a pré-história, a comida de Pedrinho é mais importante*¹⁵⁶.

Apesar da tranqüilidade, a saudade do Brasil e o desejo de voltar estavam sempre presentes. ... *Já tinha vontade de arrumar as malas de novo e de estar no Brasil. Aqui está frio de doer. Às quatro da tarde é noite fechada. O vento corta o rosto, dá uma vontade de gritar. Deixa tudo miserável*¹⁵⁷, diz na mesma carta. Na época conhece Londres, gosta muito da cidade, mas ela não era exatamente como imaginava, não se poderia chamá-la de “misteriosa”: *É preciso ir pouco a pouco entendendo, pouco a pouco reconhecendo. E depois a pessoa começa a gostar*¹⁵⁸.

Entre o fim de 1950 e início de 1951, numa de suas idas a Londres, Clarice passa mal e é levada a um hospital: sofrera um aborto espontâneo. Quando acorda, do seu lado está seu amigo, escritor e poeta João Cabral de Melo Neto, na época vice-cônsul na capital inglesa.

São também deste período as primeiras anotações do futuro romance *A veia no pulso*, que mais tarde será chamado *A maçã no escuro*.

155 Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.139.

156 *Ibidem*.

157 *Ibidem*, pp.139-0.

158 *Ibidem*, p.140.

Da Inglaterra ao Brasil

Seis meses em Torquay. Alegria, é hora de voltar para sua terra. Em março de 1951, Clarice, com a família, regressa ao Rio e dedica o ano aos contos. Convidada a publicar alguns deles na coleção Cadernos de Cultura, editadas pelo Ministério da Educação e Saúde, escolhe aqueles que havia escrito em 1950, no Rio, *Amor, Uma galinha e Começos de uma fortuna* e os da Europa, *Mistério de São Cristóvão, Laços de família e O jantar*.

O cotidiano no Rio aparece na correspondência com o casal Eliane e Mozart Gurgel Valente. Conta que tem trabalhado muito e está com um novo projeto, algo que lhe traga mais dinheiro, reclama da babá e da cozinheira.

Além de ocupar-se de sua família e da literatura, Clarice se dispõe a cuidar de sua amiga Bluma Wainer; separada, que está com câncer. A doença avança rapidamente e a amiga acompanha até o fim.

Em 1952, a seleção de contos se transforma no livro *Alguns contos*. A primeira edição, com seu nome fora escrito incorretamente, com dois “s”, é recolhida. Logo depois sai a nova, correta.

Nesse ano Clarice é convidada por Rubem Braga a escrever no jornal *Comício*. Assume uma página feminina, “Entre mulheres”, assinando com o pseudônimo Teresa Quadros. Nela faz de um tudo, escreve e traduz; dá dicas de beleza e de moda; conselhos de saúde e de economia doméstica; além de receitas tanto de um delicioso bolinho de queijo quanto de assassinato de baratas.

É junho. Clarice está grávida do segundo filho, que nascerá fora do Brasil, afinal, o trabalho de Maury na Secretaria de Estado está em vias de ser concluído.

Em julho, anos depois de ter terminado o curso de Direito, o casal cola grau.

Em Washington, pensando sem parar

De malas prontas. Em setembro de 1952, a família Gurgel Valente embarca para Nova York. E segue para Washington, onde Maury assume o posto de segundo-secretário da Embaixada Brasileira.

Nasce, em fevereiro de 1953, Paulo, segundo filho do casal Gurgel Valente. Em Washington, convivem com vários brasileiros, entre eles o escritor gaúcho Érico Veríssimo e sua família. Saudosa da escrita e querendo ganhar algum dinheiro, Clarice propõe a Fernando Sabino uma coluna para a revista *Manchete*, com formato semelhante a “Entre mulheres”. O projeto é aprovado, mas sem uso de pseudônimo. Clarice passa a escrever semanalmente para a revista. Os assuntos são de sua livre escolha.

Escreve, em 5 de outubro de 1953, ao amigo Fernando Sabino combinando algumas questões técnicas sobre a coluna e falando do cotidiano.

*Tomo menos milk-shake e levo uma vida diária vazia e agitada. Passo o tempo todo pensando – não raciocinando, não meditando – mas pensando, pensando sem parar. E aprendendo, não sei o quê, mas aprendendo. E com a alma mais sossegada (não estou totalmente certa). Sempre quis “jogar alto”, mas parece que estou aprendendo que o jogo alto está numa vida diária pequena, em que uma pessoa se arrisca muito mais profundamente, com ameaças maiores. Com tudo isso, parece que estou perdendo um sentimento de grandeza que não veio nunca de livros nem de influência de pessoas, uma coisa muito minha e que desde pequena deu a tudo, aos meus olhos, uma verdade que não vejo mais com tanta frequência. Disso tudo, restam nervos muito sensíveis e uma predisposição séria para ficar calada. Mas aceito tanto agora. Nem sempre pacificamente, mas a atitude é de aceitar*¹⁵⁹.

159 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.201.

Além da coluna, continua fazendo anotações, iniciadas em Torquay, para outro romance.

No final do ano, o primeiro livro de Clarice *Perto do coração selvagem* é traduzido para o francês. Clarice recebe as provas. Decepção. Envia carta ao editor francês reclamando da tradução, “*escandalosamente má*”¹⁶⁰, e afirma que preferia que seu livro não fosse publicado na França. Ela escreveu “*ao fim de alguns instantes, as chamas subitamente reanimadas*”, o que foi traduzido por “*ao fim de alguns instantes, tudo o que nela o chamava se acordou*”; no original “*o pai estava despenteado*”, na tradução “*o pai estava sem fôlego*”; “*fiquei tonta, disse ela*” virou “*fiquei estúpida, disse ela*”. Tão ruim que tentou se conformar e esquecer a edição.

160 Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.141.

Dois meses no Rio

Em julho, em férias, Clarice viaja com os filhos para o Rio de Janeiro. De Teresópolis escreve à amiga Mafalda, mulher de Érico Veríssimo, que está em Washington. Fala a respeito dela, dos filhos e da cidade, que mudou muito: *Ainda não absorvi o Rio, sou lenta e difícil. Precisaria de mais alguns meses para entender de novo a atmosfera. Mas que é bom, é. É selvagem, é inesperado*¹⁶¹. Dos filhos diz: *Pedrinho e Paulinho têm às vezes brigas, corpo a corpo, de arrepiar os cabelos. (...) Paulinho perdeu o resto do medo que tinha pelo mundo, e agride crianças de 8 anos para cima. Ele está um amor, cada vez mais ocupado e sem-vergonha*¹⁶².

Durante o tempo que está no Rio, Simeão Leal, editor do Caderno de Cultura do Ministério da Educação e Saúde, encomenda-lhe mais contos com o propósito de compor um novo livro e, além disso, paga os direitos autorais adiantados.

161 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.204.

162 *Ibidem*.

Não me incomodo muito de ficar embotada

Em setembro, Clarice e os meninos voltam para os Estados Unidos. Retoma os contos e produz *Feliz aniversário, A imitação da rosa, Devaneio e embriaguez de uma rapariga, Os desastres de Sofia, A mensagem, Os obedientes* e reescreve *O crime do professor de matemática*. Em 1955, retoma as anotações do novo romance e escreve mais dois contos: *Preciosidade* e *A menor mulher do mundo*.

Em carta às irmãs, Tania e Elisa, em 17/3/1956, se declara meio cansada de “fazer força” e empurrar, diz que gostaria de tirar férias de preocupações. *Preferia sinceramente ser Ava Gardner sem caráter... Meu caráter anda me enjoando bastante ultimamente*¹⁶³. Conta que Paulinho levou um tombo, está um amor, engraçado, disposto e malcriado, Pedrinho continua com suas leituras e às voltas com animais, tanto que disse a Clarice que ela é uma mistura de tigre e veado. Érico Veríssimo, conta, é um dos primeiros a ler seu novo romance e tem feito sugestões. Finaliza a carta: *Tinha uma vontade louca de me ocupar muito, mas não em livro, estou muito cansada. Esse livro teve umas oito cópias, cada uma um pouco diferente da outra. Mas queria me ocupar, cabeça sem emprego só dá chateação*¹⁶⁴.

Maior chega e *A veia no pulso*, título provisório do romance, está pronto e à espera de publicação. É, de novo, tempo de contos, nasce *O búfalo*. A pedido do filho Paulo, escreve uma história infantil, depois chamada *O mistério do coelho*

163 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.206.

164 *Ibidem*, p.208.

pensante.

Escreve às irmãs contando que está estudando inglês, mas que não tem jeito para a coisa, sua vida é uma preguiça contínua e tudo lhe parece difícil, fora de hora, fora de mão, fora de interesse: *Se não tomar cuidado, fica-se embotada... Mas não me incomodo muito de ficar embotada*¹⁶⁵. De fato, a rotina diplomática também não a entusiasma, nem mesmo a chegada de João Goulart, vice-presidente da República do governo Juscelino Kubitschek: *...O Jango vem aí, e não me sinto mentalmente pronta para recebê-lo. Sem vê-lo, já o clarividencio completamente. Vai haver recepção na embaixada na terça-feira*¹⁶⁶. Para ela, as festas na embaixada são tão chatas que parecem pesadelo. *...Meu próprio futuro me parece a coisa mais vaga, procuro viver dia a dia, é um esforço essa tentativa*¹⁶⁷.

Apatia, confluência de preguiça contínua, dificuldades em agir, falta de entusiasmo aponta para a indefinição; entretanto, há uma reação e escreve *O búfalo*. Segundo a autora, o conto foi escrito em um dia de ódio, sentimento que nunca se permitiu ter. Tinha necessidade do ódio: *É a história de uma mulher que vai ao Jardim Zoológico para aprender com os bichos como odiar. Essa mulher, que só aprendeu a perdoar e a se resignar e a amar, precisa pelo menos uma vez tocar o ódio de que é feito o seu perdão*¹⁶⁸.

Em 7 de setembro de 1956, já em Washington, a família Veríssimo resolve retornar ao Brasil. O casal Gurgel Valente fica desolado. Antes da partida, Clarice envia o bilhete:

¹⁶⁵ Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.143.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

¹⁶⁸ *Ibidem*.

*Prezados Sr. e Sra. E. Verissimo,
 Como é do conhecimento dos senhores, meu marido e eu, não tendo
 infelizmente uma religião (por enquanto), criamos nossos filhos na
 idéia de Deus, mas sem lhes dar rituais definitivos, e à espera de que
 eles próprios mais tarde se definam. (...)
 Desejo perguntar-lhes se acreditam na possibilidade de padrinhos
 leigos. Eu acredito. No caso do sr. É da sra. Fal também acreditarem,
 esta carta os convida, em nome de uma amizade perfeita, a serem
 padrinho e madrinha de Pedro e Paulo. A condição única é
 continuarem a gostar deles*¹⁶⁹.

É e Fal, quer dizer, Érico e Mafalda aceitam o convite.

A batalha pela publicação de *A veia no pulso* e do livro de contos continua. As primeiras tentativas foram com as editoras Agir e Civilização Brasileira, por intermédio de Fernando Sabino. Ambas não decidem. Rubem Braga procura a editora José Olympio e ela concorda em publicar, mas somente em 1958. Impaciente, Clarice, resolve publicar por conta própria o romance e comunica aos amigos Fernando e Rubem. Eles recomendam que espere. Clarice aceita a sugestão.

No início de 1957, a escritora autoriza os amigos Fernando e Rubem a encaminharem seus contos para a publicação no “Suplemento Cultural” do jornal *O Estado de S. Paulo*. O romance continua sem editora.

A relação com a família Veríssimo é intensa. Tanto Clarice quanto seus filhos escrevem com frequência para os gaúchos. Os meninos mandam bilhetes e Clarice dá notícias de Clarissa, filha de Mafalda e Érico, que vive nos Estados Unidos.

A relação de Clarice e Maury começa apresentar os primeiros sinais de esgotamento. Pouco se sabe da vida pessoal de Clarice em 1958, mas surgem novas

169 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.209.

oportunidades de trabalho. É convidada pelo jornalista Nahum Sirotsky a colaborar com a revista *Senhor*, que será lançada no ano seguinte, com comentários ou crônicas. O convite é reforçado por Paulo Francis, responsável pela seção de ficção da revista. Além disso, segundo o editor, a revista também estaria interessada em publicar seus contos e sugere começar com *A menor mulher do mundo*. Ela topa.

Érico Veríssimo escreve, em 9 de dezembro de 1958, uma carta cumprimentando a comadre pelo aniversário. E lhe dá a notícia de que poderia publicar o romance e os contos pela da Editora Globo, mas esperava uma posição da Editora Civilização Brasileira que anunciara a publicação do romance e, ainda, a liberação dos contos que estavam retidos por Simeão Leal.

A editora Plon, que publicara *Perto do coração selvagem*, comunica à escritora que os exemplares estocados serão destruídos, pois não tem espaço para mantê-los.

Clarice inicia o ano de 1959 com uma viagem à Europa, acompanhando a embaixatriz brasileira Alzira do Amaral Peixoto, filha de Getúlio Vargas. Embarcam rumo à Holanda, passam por Paris. Depois retornam aos Estados Unidos.

Na volta a Washington, Clarice é surpreendida pelas provas do livro de contos enviadas por Simeão Leal. Estes contos foram encomendados em 1954 e até então não haviam sido publicados. A autora não se interessa mais pela publicação via Ministério da Educação, o que comunica em carta para Leal e decide romper o contrato, devolvendo o adiantamento em troca dos originais. Simeão Leal havia engavetado durante anos estes contos sem dar qualquer justificativa. Nesse ínterim, Clarice resolveu publicá-los no “Suplemento Cultural”, mas apenas um saiu. O jornal negava-se a continuar a publicação pois o contrato previa exclusividade. E um

jornal do Rio publicara um dos contos. A autora não sabia da publicação carioca, por isso se desculpa com o jornal paulista e perde o contrato. Leal acaba cedendo e devolvendo os originais à autora.

Clarice os repassa à revista *Senhor*. Em fevereiro, Fernando Sabino a comunica que seu romance fora aceito pela Civilização Brasileira e que seria lançado no mesmo ano. O quarto romance passa a se chamar *A maçã no escuro*.

Em março, no lançamento da revista *Senhor* é publicado o conto *A menor mulher do mundo*. Em junho, *O crime do professor de matemática*; em outubro, *Feliz aniversário*; em dezembro, *Uma galinha*. Clarice não desiste de publicá-los em livro. Negocia com a Editora Agir. Entretanto, procura, via contrato, um controle maior de sua produção, mas isso acaba colaborando para que a editora recuse a publicação.

Enquanto isso, recebe aviso da Civilização Brasileira de que a publicação de *A maçã no escuro* foi adiada para o ano seguinte, talvez maio.

A crise no casamento se aprofunda e após um ano a separação é inevitável.

De volta para casa

Descasada, em junho de 1959 Clarice regressa ao Brasil com os filhos, Pedro e Paulo. No Rio hospeda-se na casa de Tania enquanto procura apartamento. É no bairro do Leme que Clarice decide morar, então se muda para um apartamento na rua general Ribeiro Costa. Dois meses após a separação, Maury quer se reconciliar. De Washington manda uma longa carta na qual usa personagens *Perto do coração selvagem* para tentar se reaproximar de Clarice. Maury encarna Otávio para, via personagens Joana e Lídia, chegar à própria Clarice. Tarde demais, Clarice já havia ido embora e mantém sua decisão.

Agora, mudando de assunto, vou escrever-lhe pedindo perdão. Perdão com humildade mas sem humilhação. Falo-lhe com a autoridade de quem sofre, de quem está profundamente só, muito infeliz, sentindo na alma e na carne a sua falta e dos meninos. Muitas das coisas que você vai ler provocar-lhe-ão raiva e escárnio.

Sei disso, mas nada posso fazer. Os amigos têm-me aconselhado a procurar a reconciliação por vias indiretas. Não sou disso, em primeiro lugar e, em segundo, pouco adiantaria pois você é demasiado perceptiva para aceitar “táticas”, embora as intenções sejam boas¹⁷⁰.

Talvez eu devesse me dirigir a Joana e não a Clarice. Perdão, Joana, não lhe ter dado o apoio e a compreensão que você tinha direito de esperar de mim. Você me disse que não era feita para o casamento, antes de casar. Em vez de tomar isso como uma bofetada, eu deveria interpretar como um pedido de apoio. Faltei-lhe nisso e em muitas outras coisas. Mas intuitivamente jamais deixei de acreditar que coexistissem em você, Clarice, Joana e Lídia. Rejeitei Joana porque o seu mundo me inquietava, ao invés de dar-lhe a mão. Aceitei, demais, o papel de Otávio e acabei me convencendo de que “éramos incapazes de nos libertar pelo amor”. Fui incapaz de desfazer a apreensão de Joana de “se ligar a um homem sem lhe permitir que a aprisione”. Não soube livrá-la da asfixiante certeza de que um

170 Apud GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p. 317.

homem a tomasse nos braços, ela não sentiria através dos noivos nenhuma doçura muito doce; seria ao contrário, como suco ácido de limão” e que “seria madeira seca perto do fogo, torcendo-se prestes a estalar”(estou traduzindo do francês)¹⁷¹.

Um amor tão forte que ela só podia esgotar a paixão através do ódio. (...) Não estava maduro para entender que, em Joana ou em Clarice, “o ódio pode transformar-se em amor”, não sendo mais do que “uma procura de amor”. Não soube liberá-la do “medo de não amar”. Talvez, como Otávio, eu não tivesse amado “como uma mulher que se abandona” e tivesse necessidade de que ela fosse “fria e segura”. Acabei dizendo, “como na infância, quase vitorioso: não tenho culpa”.

(...) Nunca cheguei a compreender a intensidade de um ciúme, sempre negando e profundamente reprimido por Joana e Clarice, que fizesse com que detestassem Otávio e Maury.

(...) Lúcia, ao contrário, e que também é uma faceta de Clarice, “não tem medo do prazer e o aceita sem remorso” (página 173). Perdoe-me, meu benzinho, de não ter sabido, em dezesseis anos de casamento, realizar a reconciliação de ambas. Não ter sabido convencer Joana de que ela e Lúcia eram, e são, a mesma pessoa em Clarice. Joana não precisava invejar Lúcia nem você precisava invejar as famosas “mulheres doces” que se interpuseram entre nós, nesses dezesseis anos, e de quem você sentia ciúme, inconfessado e reprimido, que explodia em raiva¹⁷².

Com essas premissas, não seria de estranhar que Joana visse o casamento como um fim, como a morte (páginas 182 a 183). Não seria de estranhar que Joana quisesse ter um filho de Otávio, para depois abandonar o marido, devolvendo este a Lúcia. Perfeitamente lógico que Clarice, cumprindo mais ou menos o destino de Joana, devolvesse a “beleza” do Maury ao mundo, às “mulheres doces e meigas”. Poderia continuar citando mas teria que copiar inteiro esse grande livro, profundo documento e depoimento de uma alma de mulher adolescente de uma grande artista. Desculpe-me, meu bem, invadir dessa forma e possivelmente com enormes distorções, uma seara que você guarda tão “pudorosamente” (existe a palavra?). Não posso conformar-me, porém. Sem tornar, fora de brincadeira, literalmente a analogia, não posso conformar-me com o fato de você estar palmilhando, de certa forma, na vida real, o destino de Joana. Com toda a sinceridade, sem falar nos filhos que, por força das circunstâncias, acabarão gradativamente “perdendo o pai”, reduzindo este a um mero financiador de sua vida e estudos. Com toda a sinceridade, o propósito desta carta é dizer-lhe que, sofrendo

171 *Ibidem*, p.318.

172 *Ibidem*, p.319.

*eu ou não, voltando você para mim ou não, minha parcela nesse acontecimento é muito, muito grande. Pelo amor de Deus, não interprete esta carta como acusação. Sei que minha imaturidade, minha distração, minha falta de apoio, foram um dos pólos da equação. Eu não estava preparado, por circunstâncias bem conhecidas da minha infância, para dar-lhe mão forte, para ajudá-la a resolver o conflito que você tão eloqüentemente refletiu no primeiro livro*¹⁷³.

De acordo com Gotlib, Clarice se sente muito só, perde alguns amigos e evita aqueles relacionados ao ex-marido. A respeito da separação, fez poucos comentários. Contudo, no *Jornal da Tarde*, escreveu: *Se não se tem dinheiro para comer, de nada adiantam o amor e a amizade. Por outro lado, se a gente tem dinheiro e não tem os outros ingredientes, a vida é vazia, uma fossa constante*¹⁷⁴. Talvez essas fossem as condições com as quais contava para manter um relacionamento amoroso.

Maury enviava mensalmente US\$ 500 à família, insuficiente para cobrir as despesas domésticas, ainda que somados ao pequeno rendimento provindo de direitos autorais. Para complementar a renda Clarice volta-se para o trabalho jornalístico.

Mantém publicações na revista *Senhor*. Começa, em agosto, a fazer uma coluna no jornal carioca *Correio da Manhã*, a “Correio feminino - Feira de utilidades”, sob o pseudônimo de Helen Palmer. No ano seguinte (1960), abre outra frente de trabalho, no jornal *Diário da Noite*, escrevendo uma coluna também feminina, a “Só para mulheres”, em que seria uma espécie de *ghost-writer* da atriz Ilka Soares, considerada a atriz mais bonita do cinema brasileiro. A imagem

¹⁷³ *Ibidem*, pp. 319-0.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p.314.

de Ilka estava associada à feminilidade e daí os assuntos específicos. Muitas vezes Clarice e Ilka se encontraram para conversar sobre receitas, moda e beleza, comportamento feminino.

Em março de 1960 é publicado o conto *A imitação da rosa* e, em abril, *O búfalo*, na *Senhor*. Em julho, Clarice consegue pôr fim às angústias relacionadas à falta de publicação. É com a Editora Francisco Alves que assina contrato e sai o livro de contos *Laços de família*.

A constância na mídia e o lançamento do livro devolvem a Clarice seu lugar nas livrarias e entre os leitores.

Termina a longa espera. *A maçã no escuro* vai sair pela Francisco Alves, em 1961, juntamente com a edição de *Laços de família*.

Clarice inicia o ano de 1961 com a publicação do conto *A legião estrangeira*, na revista *Senhor*. Entretanto, em fevereiro chega ao fim a coluna “Correio feminino - Feira de utilidades” do *Correio da Manhã* e, em março, o mesmo acontece com a página de Ilka Soares, pois o jornal *Diário da Noite* é fechado.

Depois de muitas tentativas de publicação sai o romance *A maçã no escuro*. A sessão de autógrafos foi em Copacabana, no Rio, na abertura do II Festival do Escritor Brasileiro. Entre o público leitor estava o compositor Tom Jobim.

O livro de contos *Laços de família*, muito bem acolhido pelo público e pela crítica, recebe o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

Em 1962, a revista *Senhor* passa por mudanças editoriais e Clarice ganha novo espaço. Passa a assinar uma coluna em que poderia não só publicar seus contos mas também crônicas e fragmentos.

Durante as férias escolares de julho, Clarice e os filhos viajam à Polônia para visitar Maury, então embaixador do Brasil naquele país. Em crônica de 1971, conta o que viveu neste lugar:

*Na Polônia eu estava a um passo da Rússia. Foi-me oferecida uma viagem à Rússia, se eu quisesse. Mas não quis. Naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregada no colo. Mas lembro-me de uma noite, na Polônia, na casa de um dos secretários da Embaixada, em que fui sozinha ao terraço: uma grande floresta negra apontava-me emocionalmente o caminho da Ucrânia. Senti o apelo. A Rússia me tinha também. Mas eu pertenceo ao Brasil*¹⁷⁵.

Clarice teve a oportunidade de tocar a terra onde nasceu, contudo escolheu manter-se apenas em seu colo.

De volta ao Brasil, Clarice ganha o Prêmio Carmem Dolores: *O prêmio Carmem Dolores Barbosa destinado ao melhor livro do ano publicado em 1961 foi dado, por unanimidade, ao romance A maçã no escuro, de Clarice Lispector, edição da Livraria Francisco Alves*¹⁷⁶. O prêmio, no valor de vinte cruzeiros, lhe é entregue no dia 19 de setembro de 1962 por Jânio Quadros, presidente da República que havia renunciado seu mandato no ano anterior. Ela comenta o evento de modo depreciativo: *Aí eu fui lá e recebi exatamente da mão do Jânio Quadros, depois de um discurso enorme dele. Recebi um envelope e dentro tinha vinte cruzeiros... (...)* *Eu fiquei boba*¹⁷⁷.

Clarice ganha reconhecimento, seus livros são traduzidos, reeditados e

175 LISPECTOR, Clarice (1971) "Falando em viagens". In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 353.

176 *Apud* GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p. 341.

177 *Ibidem*, pp. 341-2.

premiados. Em 1963 é convidada a dar uma conferência no XI Congresso Bienal do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, em Austin (Texas), nos Estados Unidos. Aceita o convite principalmente pelo fato de que seria remunerada e não teria gastos com a viagem, pagariam a passagem e hospedagem. Neste congresso conhece Gregory Rabassa, americano, que viria a traduzir *A maçã no escuro*.

Em 1963 é oficializada a separação e ocorre a divisão de bens do casal Gurgel Valente. Clarice consegue comprar um apartamento, ainda em construção, no Leme. A escritora vive em um período de muitas dificuldades, mesmo alcançando sucesso profissional. É com espanto que recebe a notícia de que seu ex-marido, Maury, casou-se novamente, com Isabel, filha do diplomata Vasco Leitão da Cunha. De acordo com Alceu Amoroso Lima, a separação foi uma das grandes dores da vida da amiga escritora.

Clarice investe na literatura. Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, é reeditado. Em pouco tempo um novo livro é concluído, o quinto, batizado de *A paixão segundo G.H.* É entregue a Fernando Sabino e Rubem Braga, proprietários da Editora do Autor.

A paixão segundo G.H. é publicado no primeiro semestre de 1964.

*É curioso, porque eu estava na pior das situações, tanto sentimental, quanto familiar, tudo complicado. E escrevi “A Paixão...” que não tem nada a ver com isso. E não reflete a minha vida porque eu não escrevo como catarse, para desabafar, não. Eu nunca desabafei num livro. Pra isso servem os amigos. Eu quero a coisa em si*¹⁷⁸.

A Editora do Autor também lança o livro de contos *A legião estrangeira*. E

178 Apud SANT’ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). “Dezembro sem Clarice”. *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.23.

por José Álvaro, Editor são reeditados *O lustre* e *A cidade sitiada*.

Enquanto escrevia o livro *A paixão segundo G.H.*, conforme o depoimento acima, (...) *estava na pior das situações* (...), além de ter sido dispensada da revista *Senhor*, estava preocupada com a educação e com o bem-estar dos filhos. De acordo com Teresa Cristina Ferreira, Clarice, em entrevista ao *Diário de Notícias*, disse que cada um dos filhos representava uma parte sua. *Pedro, com seu jeito indagador e reservado, seria sua parte mais triste. Paulinho seria sua parte alegre e comunicativa, tão levado como ela foi na infância* ¹⁷⁹. A parte mais triste a fazia mergulhar ainda mais no desconhecido, Pedro estava doente. Mais tarde, em carta a Paulo, desabafa: *Hoje Pedro foi almoçar com teu pai, felizmente. Eu estava ficando literalmente doente com o Pedro nesses últimos dias, pois ele agora fica em pé ou me seguindo e dizendo literalmente sem parar: mãe, mãe, mãe* ¹⁸⁰.

Em maio de 1965 Clarice muda-se para o apartamento que comprara em 63 na rua Gustavo Sampaio, no Leme.

A partir do quinto romance a produção literária de Clarice Lispector se torna intensa. O espaço clariceano vai se alargando, há maior divulgação da obra e importantes críticos começam a se debruçar sobre o universo ficcional e filosófico da escritora: Benedito Nunes publica um ensaio, no jornal *O Estado de S. Paulo*, chamado “A náusea em Clarice Lispector”; José Américo Motta Pesanha, “Itinerário da paixão” na revista *Cadernos Brasileiros*. Pela primeira vez os textos de Clarice são adaptados e encenados. No ano seguinte, Benedito Nunes publica *O mundo de*

179 FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 215.

180 *Ibidem*, p. 249.

Clarice Lispector, primeiro livro dedicado à obra dela.

Em meados de setembro de 1965 Clarice sofre um acidente. Em crônica de 21 de dezembro de 1968, conta:

*(...) houve o incêndio no meu quarto que me atingiu tão gravemente que fiquei alguns dias entre a vida e a morte. Meu quarto foi inteiramente queimado: o estuque das paredes e do teto caiu, os móveis foram reduzidos a pó, e os livros também. Não tento sequer explicar o que aconteceu: tudo se queimou, mas o missal ficou intacto, apenas com um leve chamuscado na capa*¹⁸¹.

Na noite de 14 de setembro de 1965, Clarice adormece com um cigarro aceso. Do outro lado da rua, uma vizinha vira a fumaça que saía do apartamento e imediatamente procurou ajuda. Clarice acorda e, desesperada, tenta apagar o fogo com as mãos, queria salvar alguns papéis do escritório mas não consegue. O quarto ficou completamente destruído e, pior, a escritora ficou gravemente queimada, sobretudo sua mão direita. As lesões em sua mão foram de terceiro grau. A indicação médica foi de amputação, mas graças à intervenção de uma das irmãs, que solicitou que esperassem mais um dia, fizeram enxerto de tecido e a salvaram.

Foram três dias sob o risco de morte e quase três meses hospitalizada. Nos primeiros dias, o médico responsável proibiu visitas porque a situação era bastante grave. Sobre este período, a escritora relata a visita de uma desconhecida: *Teresa, quando você me visitou no hospital, viu-me toda enfaixada e imobilizada. Hoje me veria mais imobilizada ainda. Hoje sou a parálitica muda. E se tento falar, sai um rugido de tristeza. Então não é cólera apenas? Não, é tristeza também*¹⁸².

181 LISPECTOR, Clarice (1968). "Meu Natal". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.159.

182 LISPECTOR, Clarice (1967). "Dies irae". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.38.

A recuperação de Clarice foi bastante dolorosa. Teve queimaduras em outras partes do corpo além da mão, sem contar os dolorosos procedimentos para a retirada de tecido usados nos enxertos. Quatro anos após o acidente, confessa: *Quando tiraram os pontos de minha mão operada, por entre os dedos, gritei. Dei gritos de dor, e de cólera, pois a dor parece uma ofensa à nossa integridade física. Mas não fui tola. Aproveitei e dei gritos pelo passado e pelo presente. Até pelo futuro gritei, meu Deus*¹⁸³.

Mesmo depois de receber alta precisava de cuidados especiais e contratou enfermeira. A própria Clarice entrevistou algumas candidatas e decidiu-se por Siléa Marchi. Mesmo depois da recuperação, a moça continuou trabalhando para a escritora. Clarice fez fisioterapia na Associação Brasileira Beneficente de Recuperação, onde encontrou seu querido amigo Lúcio Cardoso, que se tratava de seqüelas deixadas pelos sucessivos acidentes cardiovasculares. Seus amigos lhe dão todo o apoio. Rubem Braga, por exemplo, a visitava com freqüência e a levava para passear de carro.

Clarice é submetida a várias cirurgias plásticas, todas feitas por Ivo Pitanguy. Entretanto, ainda ficam profundas cicatrizes. Olga Borelli, amiga de Clarice, descreve como ficaram suas mãos:

*A mão esquerda era um milagre de elegância. Muito móvel, evolucionava no ar ou contornava os objetos com prazer. No trabalho, ágil e decidida, parecia procurar suprir as deficiências da outra, dura, com gestos mal controlados, de dedos queimados, retorcidos, com profundas cicatrizes*¹⁸⁴.

183 LISPECTOR, Clarice (1969). "A revolta". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 193-4.

184 BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 12.

Para a escritora foi muito difícil conviver com as marcas e com as dificuldades motoras. Clarice era vaidosa, preocupava-se em estar bem vestida e maquiada, valorizava sua aparência, e a elegância era uma exigência. Com as queimaduras passou à introspecção e, por sua vez, a um recolhimento maior.

Ainda que seu estado emocional estivesse alterado, sua vida profissional mantinha-se em movimento. A José Álvaro, Editor lhe propõe a publicação de seu livro infantil *O mistério do coelho pensante*. Segundo Clarice, quando este editor lhe perguntou se não gostaria de fazer um livro infantil, respondeu negativamente. O editor insistiu: *Você não tem nenhuma estória pronta, nenhum livro?* Clarice lhe respondeu: *Não*. De repente, lembrou da estória do coelho, que era só traduzir para o português. Mas, que estória é essa?

Bem, primeiro foi meu filho Paulo, em Washington, quando eu estava escrevendo “A Maçã no Escuro”. Ele chegou e disse para mim, em inglês, escrever uma história para ele. Eu respondi que agora não. Só depois. Ele insistiu: “Não, já!” Então tirei o papel da máquina e escrevi a estória do coelho pensante que era real, que ele conhecia. Escrevi em inglês para a empregada poder ler para ele (...) aí a estória ficou lá¹⁸⁵.

Em 1967 sai seu primeiro livro para crianças. É convidada a escrever uma coluna semanal para o *Jornal do Brasil* e, precisando de dinheiro, aceita. Essas publicações contribuem para ampliar a relação com os leitores, as crônicas abrem espaço para um novo público. O contato se modifica, torna-se mais vivo e presente, ao responder cartas, fazer comentários mais diretos com determinado leitor, relatar tanto conversas na rua como por telefone. Nasce deste trabalho *A descoberta do*

185 Apud SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). “Dezembro sem Clarice”. *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.22.

*mun*do, livro de crônicas.

No final desse ano, arranja nova atividade. Integra o Conselho Consultivo Nacional do Livro, órgão do Ministério da Educação e Cultura, em que contribuía para selecionar as obras a serem publicadas.

Em março de 1968 Clarice recebe o prêmio de melhor livro de história infantil do ano anterior com *O mistério do coelho pensante*, promovido pela Ordem Calunga.

A revista *Manchete* a contrata para entrevistar pessoas de destaque no cenário cultural e artístico. A *Diálogos possíveis com Clarice Lispector* abordava assuntos variados de pessoas de áreas diversas. Entrevistou escritores, músicos, jornalistas, economistas, humoristas, médicos, atores e atrizes, entre eles Pablo Neruda, Néilson Rodrigues, Millôr Fernandes, Benedito Nunes, Chico Buarque, Tom Jobim, Tônia Carrero, Oscar Niemeyer, Jacob David Azulay e muitos outros.

Além de escrever e de cuidar da família, se engaja politicamente. Em 22 de junho de 1968 a escritora, com um grupo de mais de trezentos intelectuais e artistas, participa de uma passeata contra a ditadura e, quatro dias depois, volta às ruas na “Passeata dos Cem Mil”.

Em crônica de 24 de setembro de 1968, Clarice escreve:

*Não, não quero mais gostar de ninguém porque dói. Não suporto mais nenhuma morte de ninguém que me é caro.
Meu mundo é feito de pessoas que são minhas – e eu não posso perdê-las sem me perder*¹⁸⁶.

Nesses dias haviam morrido seu querido amigo Lúcio Cardoso e também

186 LISPECTOR, Clarice (1968). “As dores da sobrevivência: Sérgio Porto”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro,: Rocco,1999, p.140.

Sérgio Porto (nome verdadeiro de Stanislaw Ponte Preta).

Sem pudor, com lágrimas nos olhos, choro a morte de Sérgio Porto. Ele criava alegria, ele se comunicava com o mundo e fazia esta terra infernal ficar mais suave: ele nos fazia sorrir e rir. Não pude deixar de pensar: ó Deus, por que não eu em lugar dele? (...)
*Sérgio Porto, perdoe eu não ter dito jamais que adorava o que você escrevia. Perdoe eu não ter procurado você para uma conversa entre amigos. Mas uma conversa mesmo: dessas em que as almas são expostas. Porque você tinha lágrimas também. Atrás do riso. Perdoe eu ter sobrevivido*¹⁸⁷.

Quanto a Lúcio, naqueles dias, não escreveu nada dirigido a ele.

Entretanto, mais tarde diz:

Lúcio, estou com saudade de você, corcel de fogo que você era, se limite para o seu galope.
 (...)
 Entrei no quarto e vi o Cristo morto. Seu rosto estava esverdeado como um personagem de El Greco. Havia a Beleza em seus traços. Antes, mudo, ele pelo menos me ouvia. E agora não ouviria nem que eu gritasse que ele fora a pessoa mais importante da minha vida durante a minha adolescência.
Naquela época ele me ensinava como se conhecem as pessoas atrás das máscaras, ensinava o melhor modo de olhar a lua.
 (...)
 *Não fui ao velório, nem ao enterro, nem à missa porque havia dentro de mim silêncio demais. Naqueles dias eu estava só, não podia ver gente: eu vira a morte*¹⁸⁸.

As dificuldades emocionais levaram Clarice a procurar ajuda. Iniciou análise com o psicanalista Jacob David Azulay. Em crônica de 1971, relata a ligação amorosa entre uma rosa cor-de-rosa e o analista:

O curioso é que uma paciente sua que freqüentava o consultório perguntou-lhe sem mais nem menos: “E aquela rosa?” Ele nem perguntou qual, sabia da que a paciente falava. Essa rosa, que viveu

187 *Ibidem*.

188 LISPECTOR, Clarice (1969). “Lúcio Cardoso”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.166.

*mais longamente por amor, era lembrada porque a paciente, tendo visto o modo como o médico olhava a flor, transmitindo-lhe em ondas a própria energia vital, intuía cegamente que algo se passava entre ele e a rosa. Esta – e deu-me vontade de chamá-la de “jóia da vida” – tinha tanto instinto de natureza que o médico e ela haviam podido se viverem um ao outro profundamente*¹⁸⁹.

Apesar do sofrimento Clarice pôde ser a rosa. A rosa não murchou, tornou-se *jóia da vida*. Como a flor, estava viva e isso se refletiu em seu trabalho: sua obra ganha espaço no campo universitário. Viaja a Belo Horizonte, pois havia sido convidada para fazer palestras na Universidade Federal de Minas Gerais e na Livraria do Estudante. Seu livro *A paixão segundo G.H.* é reeditado, desta vez pela Editora Sabiá, de propriedade de Rubem Braga e Fernando Sabino, que também publica o seu segundo livro infantil, *A mulher que matou os peixes*.

Este livro para crianças, como o *Mistério do coelho pensante*, também surgiu a partir de uma situação vivida com um dos filhos. Pedro encarregou a mãe de cuidar de seus peixes enquanto viajava. A incumbência era apenas alimentar os peixinhos vermelhos; no entanto, a encarregada esquece deles durante três dias e eles não resistem à falta da ração. Clarice sentiu-se muito culpada com seu descuido, mas não escreveu história nenhuma imediatamente após o episódio. Diante de indagações sobre quando escreveria novo livro infantil, chegou à conclusão de que se escrevesse várias histórias, iniciando com a dos peixinhos vermelhos, poderia livrar-se da sensação de culpa.

O lançamento do livro estava marcado para 17 de dezembro mas foi cancelado por causa da promulgação, no dia 13, do AI-5 (Ato Institucional número

189 LISPECTOR, Clarice (1971). “Bichos (conclusão)”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp.336-7.

5) e conseqüente fechamento do Congresso Nacional.

Com a publicação desse segundo livro infantil abre-se a possibilidade de novos contatos com os leitores. Recebia cartas de crianças culpando ou inocentando a personagem pelos assassinatos. Em entrevista dos anos 70, Clarice diz: *Hoje eu fui entrevistada por quatro menininhas de 11 anos, com fotografias e perguntas & perguntas & perguntas & perguntas, por causa da estória da mulher que matou os peixes. E se era verdade que eu gostava de bicho. Eu disse, é claro. Também sou bicho*¹⁹⁰.

A produção não pára, embora pouco fale do que está escrevendo. Seu filho Paulo parte para os Estados Unidos em intercâmbio cultural e Clarice lhe escreve. Além de discorrer sobre seus sentimentos e preocupações do cotidiano, diz:

*Hoje, dia de sua partida, domingo, ocupei-me o tempo todo para disfarçar a saudade. Acabei de copiar o resto do livro, e certamente amanhã mesmo telefono para a Editora Sabiá pedindo que mandem buscar. Se o livro é bom? Eu acho ele detestável e malfeito, mas as pessoas que o leram acham-no bom*¹⁹¹.

O livro que copiara recebeu o título de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Clarice, como contou ao filho, o entregou à Editora Sabiá, que reedita *Perto do coração selvagem* simultaneamente com a publicação de seu novo romance.

Mantém as crônicas no *Jornal do Brasil* e as entrevistas para a revista *Manchete*. A fim de entrevistar o escritor Jorge Amado, o escultor Mario Cravo e o tapeceiro Genaro, viaja à Bahia. Conta, em carta a Paulo:

190 *Apud* SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). "Dezembro sem Clarice". *Escrita*. São Paulo, n. 27, 1978, p.22.

191 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.261.

(...) adorei Salvador. Foram três dias e meio de sonho e agora só penso em voltar para lá e quem sabe, passar um mês trabalhando lá mesmo. Eu fui a convite do governador da Bahia que pôs à minha disposição um carro e um chofer, de modo que pude ver e sentir mil vezes mais do que se passasse tempo e procurando ruas. Nunca comi tanto azeite de dendê na minha vida ¹⁹².

Clarice vive a distância de Paulo, de quem a saudade é intensa, e a doença de Pedro. O filho mais velho está cada vez mais afetado. A internação é inevitável e ele fica um mês hospitalizado.

Ainda que a situação familiar fosse delicada, Clarice investe em seu trabalho. Seu livro infantil *A mulher que matou os peixes* foi adotado em várias escolas, o que significa mais vendas e, portanto, um pouco mais de dinheiro. Além disso, ocupa-se em reunir anotações para compor nova publicação. Por outro lado, não esquece os amigos, em carta enviada a Paulo (maio de 1969) comenta que irá prestigiar a posse de seu amigo João Cabral de Melo Neto na Academia Brasileira de Letras: *Hoje fui ao cabeleireiro e me enfeitei toda porque de noite vou à Academia Brasileira de Letras assistir à posse de João Cabral de Melo Neto* ¹⁹³. E brinca: *O pior, meu caro, são os discursos que terei de ouvir: vai ser o escândalo do século se eu adormecer na frente de todos* ¹⁹⁴.

A década de 70, depois de ter reunido antigas anotações, se inicia com a organização delas. Esses apontamentos darão origem ao romance denominado, inicialmente, *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*.

Neste ano, 1970, Clarice faz uma nova amiga, com quem vai conviver até o

192 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, pp.271-2.

193 *Ibidem*, p.270.

194 *Ibidem*.

seu último momento de vida: Olga Borelli.

Borelli relata que a primeira vez que viu Clarice foi quando assistia a um programa de televisão. Na época estava lendo *A paixão segundo G. H.* e decidiu conhecê-la pessoalmente. Borelli trabalhava como voluntária em um abrigo para menores abandonados e, pretexto ou não, procura Clarice para autografar os livros para as crianças da fundação. Assim descobriu o telefone da autora, ligou e marcou um encontro. Borelli foi até a casa de Clarice com o objetivo de fazer o convite, que de fato fez, mas a conversa se encaminhou para sua vida e de Olga. Clarice foi à fundação autografar seus livros e, no final, pediu que Olga a acompanhasse até em casa. Dois dias depois, 11 de dezembro, convida a nova amiga para um encontro e, neste, entrega a ela um pedido por escrito:

Eu achei, sim, uma nova amiga. Mas você sai perdendo. Sou uma pessoa insegura, indecisa, sem rumo na vida, sem leme para me guiar: na verdade não sei o que fazer comigo. Sou uma pessoa muito medrosa. Tenho problemas reais gravíssimos que depois lhe contarei. E outros problemas, esses de personalidade. Você me quer como amiga mesmo assim? Se quer, não me diga que não lhe avisei. Não tenho qualidades, só tenho fragilidades. Mas às vezes (...) tenho esperança. A passagem da vida para a morte me assusta: é igual como passar do ódio, que tem um objetivo e é limitado, para o amor que é ilimitado. Quando eu morrer (modo de dizer) espero que você esteja perto. Você me pareceu uma pessoa de enorme sensibilidade, mas forte.

Você foi o meu melhor presente de aniversário. Porque no dia 10, quinta-feira, era meu aniversário e ganhei de você o Menino Jesus que parece uma criança alegre brincando no seu berço tosco. Apesar de, sem você saber, ter me dado um presente de aniversário, continua achando que o meu presente de aniversário foi você mesma aparecer, numa hora tão difícil, de grande solidão¹⁹⁵.

Após este pedido, tornaram-se inseparáveis.

195 Apud GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, p. 396.

Mesmo trabalhando em seu novo romance, Clarice prepara-se para publicar um outro livro de contos, com textos já publicados e inéditos que relembram sua infância. Em 1971 é lançado *Felicidade clandestina*, pela Editora Sabiá.

O romance *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*, iniciado em 70 e concluído em 71, causou grande inquietação em Clarice, que não estava satisfeita com o que produzira, tanto que passou 1972 debruçada sobre ele. Com a colaboração de Olga, à medida que revê a evolução do romance, faz alterações, o chama de *Objeto gritante* e, depois, *Água viva*.

Depois de revisões e sugestões de amigos, *Água viva* é publicado em agosto de 1973. A Editora Artenova lança também uma antologia de contos. O quinto livro de contos é *A imitação da rosa*.

Clarice e Olga Borelli viajam para a Europa, onde permanecem cerca um mês. Visitam Londres, Paris, Roma, Zurique, Lausanne e, até mesmo, Berna. Borelli conta que era comum Clarice programar viagens; entretanto, eram imaginárias. Ela sonhava com uma determinada viagem e conseqüentemente os lugares se apresentavam e a povoavam de tal modo como se tivesse feito a viagem, então desistia.

Ligava para as agências de turismo, marcava entrevistas, idealizava roteiros e devaneava dias e dias sobre os lugares que visitaria: contemplava paisagens, ouvia o zumbido dos insetos nas tardes ensolaradas do verão da Itália; ou ficava em êxtase, vendo a neve cair e transformar com tons violáceos o que antes tremulava no amarelo-ouro do outono europeu. Via elevar-se a fumaça das chaminés e ouvia a chuva cair pesadamente nos telhados e rolar nas pedras da rua. Caminhava delicadamente pelos floridos jardins de Rosegarten, na Suíça, a caminho do museu com obras de Paul Klee...

*Tudo era tão real que, de repente, nada restava para ser visto ou vivido; sobrevinha-lhe uma inevitável preguiça ante a perspectiva de pôr seus sonhos em prática. Exausta, cancelava a viagem*¹⁹⁶.

Alberto Dines, amigo e responsável pela entrada de Clarice no *Jornal do Brasil*, é demitido no final de 1973. Em janeiro de 1974, Clarice recebe uma correspondência na qual é oficialmente dispensada de sua função e junto estavam as crônicas que seriam publicadas no jornal. A escritora contava com os pagamentos e precisou encontrar uma alternativa para complementar sua renda. A saída foi trabalhar como tradutora. A Ediouro encomendou a tradução de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde; a Artenova também a contratou, solicitando várias traduções, entre elas *A receita natural para ser bonita*, de Mary Ann Crenshaw.

Pela Artenova, Clarice lançou o sexto livro de contos – *Onde estivestes de noite*. Recebeu um poema de Carlos Drummond de Andrade (1974):

*Querida Clarice:
Que impressão me deixou o seu livro!
Tentei exprimi-la nestas palavras:*

*– Onde estivestes de noite
que de manhã regressais
com o ultramundo nas veias,
entre flores abissais?*

*– Estivemos no mais longe
que a letra pode alcançar
lendo o livro de Clarice,
mistério e chave do ar*¹⁹⁷.

A mesma editora lhe encomenda novo livro, mas agora com tema determinado. O volume deveria tratar de sexo. Clarice aceita e escreve 13 contos,

196 BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 42.

197 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.287.

resultando no título *A via crucis do corpo*.

Com exceção desse último livro de contos, nos outros era recorrente a presença de animais. Em crônica de 1971, escreve: *Não ter nascido bicho parece ser uma de minhas secretas nostalgias. Eles às vezes clamam do longe de muitas gerações e eu não posso responder senão ficando desassossegada*¹⁹⁸. E em sua vida os animais também estiveram presentes. Além do cachorro napolitano chamado Dilermando que teve quando viveu na Europa; nos Estados Unidos, Clarice teve o Jack; no Rio, seu companheiro era Ulisses. Borelli descreve como era seu cãozinho carioca: *Ulisses, mistura de algumas raças com vira-lata, era seu grande amigo. Havia entre eles uma autêntica simpatia, embora já a tivesse mordido duas vezes no lábio superior. Lambia-a quando acariciado e mordia-a quando obrigado a uma aproximação maior*¹⁹⁹.

Provavelmente, de acordo com a descrição de Borelli, Ulisses foi forçado a uma aproximação maior e isto resultou em um acidente: Ulisses mordeu Clarice no rosto, o que exigiu uma cirurgia plástica. O procedimento foi realizado por Ivo Pitanguy, cirurgião plástico que já cuidara das queimaduras decorrentes do incêndio.

Naquele ano de 1971, seu filho mais moço decide morar sozinho, muda-se para endereço próximo para continuar fazendo as refeições na casa da mãe. E Pedro mudara-se para Montevideú para viver com seu pai, onde era embaixador do Brasil. Em casa, Clarice convive com Siléa, que foi sua enfermeira, Geni, a cozinheira, e Ulisses.

Clarice havia recebido alta da análise e J.D. Azulay, seu psicanalista,

198 LISPECTOR, Clarice (1971). "Bichos (conclusão)". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.337.

199 BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.55.

tornara-se amigo. Deste modo, aproxima-se de Andréa Azulay, menina de 9 anos, que aspira à carreira de escritora, com quem começa a trocar cartas. Em uma delas,

Andréa lhe pergunta se podem se conhecer; Clarice responde:

*Quero lhe dizer, minha querida coleguinha, que a mais bela música do mundo é o silêncio interestrelar. E me desculpe: não posso ficar sozinha contigo porque senão nasce uma estrela no ar. Você precisa saber que já é uma escritora. Mas nem ligue, faça de conta que nem é. Eu lhe desejo que você seja conhecida e admirada só por um grupo delicado embora grande de pessoas espalhadas pelo mundo. Desejo-lhe que nunca atinja a cruel popularidade porque esta é ruim e invade a intimidade sagrada do coração da gente. Escreva sobre ovo que dá certo. Dá certo também escrever sobre estrela. E sobre a quentura que os bichos dão à gente. Cerque-se da proteção divina e humana, tenha sempre pai e mãe – escreva o que quiser sem ligar para ninguém. Você me entendeu?*²⁰⁰.

Elas estabelecem uma relação muito próxima, o encontro se dá através de cartas. Nessas a escritora é muito carinhosa e o tratamento é quase filial, a ponto de dizê-la filha espiritual tanto que guarda em sua carteira, junto com as fotografias dos filhos, a foto de Andréa. Em cada carta dá conselhos e sugestões à jovem escritora, sem contar que a presenteia a seu modo. Por exemplo, na carta de 27 de junho:

*(...) dou-lhe de presente este objeto. Espero que você goste dele. Seu nome é móbile. Mas eu lhe dei sete nomes. O primeiro: la donna é móbile qual piuma ao vento (a mulher é volúvel como pluma ao vento). O segundo nome é: vertigem. O terceiro é: ano 2000. O quarto é: sussurros delicadíssimos. O quinto é: suspiros. O sexto é: pássaro azul. O sétimo é: Andréa de Azulay*²⁰¹.

Em outra, de 28 de junho de 1974: *Vou lhe dar de presente uma coisa. É assim: borboleta é pétala que voa*²⁰². Clarice também é pétala que voa. Vai a

200 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 290.

201 *Ibidem*.

202 *Ibidem*, p. 291.

Brasília fazer conferência e utiliza o mesmo texto proferido no Texas. Em seguida viaja para Cali, na Colômbia, como convidada do IV Congresso da Nova Narrativa Hispano-Americana.

Ainda em 1974, a José Olympio Editora publica o terceiro livro infantil da escritora, *A vida íntima de Laura*. Desta vez, não se trata de um pedido ou episódio ocorrido em sua vida familiar, mas da intimidade de uma galinha, ave tão estimada por Clarice, chamada Laura.

Clarice, algumas vezes, na sua juventude optou em deixar seu ambiente familiar para conseguir escrever. O mesmo aconteceu em 1975. Deixou sua casa e se hospedou em hotel a fim de ficar sozinha e se entregar à escrita.

Além disso, Clarice estava muito envolvida com traduções. Dedicou longo tempo a esta antiga atividade. Traduziu para a Nova Fronteira livros policiais de Agatha Christie e *Luzes acesas*, de Bella Chagal; para a Imago, *A rendeira*, de Pascal Lainé; para a Artenova, *A yoga do amor*, de Jean Herbert. E durante a década de 70 trabalhou em adaptações de obras de escritores como Edgar Allan Poe, Júlio Verne, Walter Scott, Jonathan Swift e Jack London, bem como na peça *Hedda Gabler*, de Ibsen.

A escritora sempre surpreende. Desta vez trata-se de sua participação no I Congresso Mundial de Bruxaria em Bogotá, na Colômbia. Clarice vai acompanhada de Olga Borelli. Porém, o que mais lhe interessava era o passeio. Aproveitava para viajar, sobretudo se os anfitriões cuidassem de suas despesas.

Clarice estranha o clima da capital colombiana, talvez pela altitude, sente dores de cabeça e isto a deixa indisposta.

Havia preparado um texto para sua apresentação que dizia:

Eu tenho pouco a dizer sobre magia.

Na verdade eu acho que nosso contacto com o sobrenatural deve ser feito em silêncio e numa profunda meditação.

A inspiração, em todas as formas de arte, tem um toque de magia porque a criação é uma coisa absolutamente inexplicável. Ninguém sabe nada a propósito dela. Não creio que a inspiração venha de fora para dentro, de forças sobrenaturais. Suponho que ela emerge do mais profundo “eu” de uma pessoa, do mais profundo inconsciente individual, coletivo e cósmico²⁰³.

Em seguida propõe a leitura, em espanhol por uma terceira pessoa, do conto *O ovo e galinha* e o considera misterioso e com simbologia secreta. Antes da leitura, ainda observa: *Eu peço a vocês para não ouvirem só com o raciocínio porque, se vocês tentarem apenas raciocinar, tudo o que vai ser dito escapará ao entendimento*²⁰⁴. Além do conto, preparou o seguinte texto:

Magia

Para mim só existe mesmo é a magia. Os fenômenos naturais sobretudo é que são os mais mágicos. Não busco o mágico do sobrenatural. Mas eu me arrepio toda quando, como aconteceu um dia destes, eu estava angustiada e solitária e sem futuro – quando de repente sem aviso prévio, ao entardecer do dia, caiu uma chuva que veio descarregar toda a minha energia elétrica e me acalmar me fazendo dormir profundamente aliviada. A chuva e eu tivemos um relacionamento mágico. No dia seguinte li no jornal, com grande surpresa, que essa chuva que agiu em mim como magia branca, tivesse funcionado como magia negra com outras pessoas: o jornal dizia que a chuva fora de granizo, que destelhara casas, que impedira o vôo de aviões. Considero também mágico o inexplicável sol que aquece minhas entranhas. Mágico também é termos inventado Deus e por um milagre termos acertado. Pintei um quadro que uma amiga me aconselhou a não olhar porque me faria mal. Concordei. Porque neste quadro que se chama medo eu conseguiria pôr pra fora de mim, quem sabe se magicamente, todo o medo-pânico de um ser no mundo. É uma tela pintada de preto tendo mais ou menos ao centro uma mancha terrivelmente amarelo-escuro e no meio uma nervura vermelha, preta e amarelo-ouro. Parece uma boca sem dentes tentando gritar e não conseguindo. Perto dessa massa amarela, em

203 Apud GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, pp. 428-9.

204 *Ibidem*, p. 429.

*cima do preto, duas manchas totalmente brancas que são talvez a promessa de um alívio. Faz mal olhar este quadro. Eu não creio em nada. E contraditoriamente creio em tudo*²⁰⁵.

Na volta ao Brasil, retoma suas atividades e prepara novas publicações. Pela Francisco Alves é editado seu primeiro livro de crônicas, *Visão do esplendor*. Trata-se de um conjunto de textos já publicados na revista *Senhor* e no *Jornal do Brasil*. A Artenova lança *De corpo inteiro*, livro que traz algumas das entrevistas feitas para a revista *Manchete*. E ainda é lançado *Seleção de Clarice Lispector*, uma antologia, pela José Olympio e Instituto Nacional do Livro.

Em novembro, depois de ter voltado de Belo Horizonte, recebe a triste notícia da morte de seu amigo e compadre Érico Veríssimo. Clarice não consegue ir até Porto Alegre para a despedida de Érico, fica tão abalada que adoece. Em carta a sua comadre Mafalda, diz: *Eu também queria ver você para – por incrível que pareça a ilogicidade das coisas – , para me consolar com você*²⁰⁶. Em 1972, em crônica, escreveu: *Érico Veríssimo é um dos seres mais gostáveis que conheci: é pessoa humana de uma largueza extraordinária*²⁰⁷. Na mesma crônica, acrescenta que fez ninho na casa e na vida do casal Érico e Mafalda enquanto morava em Washington.

Durante este ano de 1975, como relatou no texto *Magia*, procurou se distrair com a pintura. Fez vários quadros, utilizando principalmente a madeira para

205 Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, pp. 56-7.

206 LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 310.

207 LISPECTOR, Clarice (1972). “Desculpem, mas não sou profundo”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 440.

pintar a óleo, entre os quais dois em frente e verso. Além disso, produz uma edição artesanal dos textos de pequena Andréa Azulay, chamado *Meus primeiros contos*, e Clarice, além de fazer a apresentação do livro, preocupa-se com a ilustração. É Sérgio Mata, ilustrador do livro *A vida íntima de Laura*, quem assina os desenhos. Envia o original e cinco cópias a Andréa, junto manda um bilhete dizendo que o livro demorou a vir à luz, mas finalmente estava editado seu livro de cinco cópias.

Em abril de 1976, Paulo se casa com Ilana Kauffmann. Neste dia, conversando com uma tia, Clarice é surpreendida ao descobrir que sua mãe, d. Marieta, mantinha um diário e escrevia poesias. Em entrevista a Júlio Lerner, para a TV-2 Cultura, declarou: *Bom... Eu soube, ultimamente, para minha enorme surpresa, que minha mãe escrevia. Não publicava, ela escrevia. (...) Eu soube por uma informação de uma tia: “Você sabe que sua mãe fazia um diário e escrevia poesia?” Eu fiquei boba*²⁰⁸.

Clarice viaja para Buenos Aires, acompanhada de Olga Borelli, para uma feira internacional de literatura. Sua obra já havia sido traduzida para o espanhol e o reconhecimento vem em forma de homenagens da comunidade literária.

Ainda em abril, depois de voltar da Argentina, vai a Brasília. A Fundação Cultural do Distrito Federal concede a Clarice um prêmio de Cr\$ 70 mil pelo conjunto de sua obra. Ficou, segundo Borelli, contentíssima e ao recebê-lo declara:

*Eu bem estava precisando desse dinheiro. Sinto-me um tanto humilde, por não merecer tanto. Disseram-me que quando nos conferem um prêmio, é porque já nos consideram aposentados. Mas eu não me aposentarei. Espero morrer escrevendo. O que eu não disse por falta de frieza ficará sempre no limbo*²⁰⁹.

208 Recurso audiovisual. Entrevista de Clarice Lispector concedida a TV Cultura, São Paulo, 1º de fevereiro de 1977.

209 Apud BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para uma possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 71.

Nesse meio tempo, a escritora está voltada para a elaboração da novela *A hora da estrela*. A amiga reúne as anotações e depois passa a limpo, à máquina, os manuscritos. Além disso, concomitante escreve fragmentos para o próximo romance intitulado *Um sopro de vida* e produz novos contos: *A bela e a fera* e *Um dia a menos*.

Vai a Porto Alegre e a Recife. O retorno à cidade de sua infância foi uma de suas últimas viagens. Na capital pernambucana visita a universidade, seus familiares e se hospeda em hotel na praça Maciel Pinheiro, onde reencontra a pequena Clarice:

Depois minha lembrança é a de – no andar ainda vazio de móveis – olhar pela varanda na praça Maciel Pinheiro, em Recife, e ter medo de cair: achei tudo alto demais. A casa se acabou? Mas o nome da praça continua o mesmo, segundo me informaram. É capaz do hotel localizar-se no lugar onde era a minha casa. Que acabou, acabou, acabou. Era pintada de cor-de-rosa. Uma cor acaba? se desvanece no ar, meu Deus²¹⁰.

No final de 1976, é contratada pela revista *Fatos e Fotos-Gente*, do mesmo grupo da *Manchete*, como entrevistadora e cronista, atividade em que permaneceria até outubro de 77.

Fevereiro de 1977, Clarice viaja a São Paulo para dar entrevista à TV Cultura, ao programa *Panorama especial*. Seria entrevistada por Júlio Lerner. Durante a gravação não ficou à vontade e o desencontro entre eles ficou evidente. O entrevistador tentou capturar a personalidade da escritora, o que provocou uma situação de impasse e de crescente tensão, com isso Júlio a perdeu de vista. Clarice se recolheu. Concluída a gravação, primeiro e único registro audiovisual da

210 *Apud* GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995, pp. 77-8.

escritora, fez o jornalista prometer que a entrevista só seria exibida após sua morte.

Clarice ainda nesta época escreve o quarto livro infantil *Quase de verdade*. Nesse, quem narra a história é um cão – Ulisses. Tudo gira em torno de uma figueira que anseia por riqueza e de galinhas que até perdem os dentes de tanto morder pirulitos.

É contratada pela fábrica de brinquedos Estrela para fazer um calendário de 1978. São 12 histórias, uma para cada mês, com elementos da cultura popular brasileira. Este conjunto é intitulado *Como nasceram as estrelas*, com o subtítulo “Doze lendas brasileiras”.

Em junho, parte, acompanhada de Olga Borelli, para a Europa. A previsão era de um mês de viagem, contudo Clarice sente-se muito angustiada e elas regressam ao Rio uma semana depois da partida.

A novela *A hora da estrela* fora entregue à José Olympio Editora e saiu em 1977. No mesmo ano, a Editora Ática reedita *A legião estrangeira*, mas apenas com os contos mais longos da edição de 64.

Em outubro, depois da publicação da vigésima sétima entrevista para a *Fatos e Fotos-Gente*, sua atividade na revista é interrompida. Clarice tem uma obstrução intestinal e é hospitalizada na Casa de Saúde São Sebastião, no Catete. É submetida a uma cirurgia, na qual se descobre um adenocarcinoma de ovário. O câncer era irreversível e em pouco tempo se alastra pelo corpo todo. Em meados de novembro Clarice foi transferida para o Hospital da Lagoa, que é público, onde fica em quarto individual. Mesmo com o avanço da doença os médicos indicaram quimio e radioterapia; entretanto, o tratamento foi paliativo, a metástase já tomava todo seu corpo.

Clarice não tomou conhecimento da gravidade da doença e escreveu até o fim. Durante esse período foi acompanhada pelas irmãs, por Olga Borelli, entre outros amigos, que procuravam não a deixar só.

Em 9 de dezembro, ditava a Olga Borelli suas últimas palavras:

*– Súbita falta de ar. Muito antes da metamorfose e meu mal-estar, eu já havia notado num quadro pintado em minha casa um começo. Eu, eu, se não me falha a memória, morrerei. É que você não sabe o quanto pesa uma pessoa que não tem força. Me dê sua mão, porque eu preciso apertá-la para que nada doa tanto*²¹¹.

Olga segurou com força a mão de Clarice, e ela continuou:

*Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito. Ele me criou igual ao que escrevi agora: ‘sou um objeto querido por Deus’ e ele gostou de me ter criado como eu gostei de ter criado a frase. E quanto mais espírito tiver o objeto humano mais Deus se satisfaz. Lírios brancos encostados à nudez do peito. Lírios que eu ofereço e ao que está doendo em você. Pois nós somos seres carentes. Mesmo porque certas coisas – se não forem dadas – fenecem. Por exemplo – junto ao calor de meu corpo as pétalas dos lírios se crestariam. Chamo a brisa leve para a minha morte futura. Terei de morrer senão minhas pétalas se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço. Inclusive eu já morri a morte dos outros. Mas agora morro de embriaguez de vida. E bendigo o calor do corpo vivo que murcha lírios brancos. O querer, não mais movido pela esperança, aquietar-se e nada anseia. Meu futuro é a noite escura e eterna. Mas vibrando em elétrons, prótons, nêutrons, mésons – e para mais não sei, porém, que é no perdão que eu me acho. Eu serei a impalpável substância que nem lembrança de ano anterior substância tem*²¹².

Era sexta-feira, 10h30 da noite, véspera de seu aniversário de Clarice. Olga segura a mão da amiga e sussurra devagar e delicadamente perto de seu ouvido, a palavra *paz*. Clarice Lispector acaba de morrer. A cerimônia de sepultamento ocorre

211 *Ibidem*, p. 61.

212 *Ibidem*, p. 62.

somente no domingo, em obediência às leis judaicas (*shabat*). O corpo de Clarice é sepultado no Cemitério Comunal Israelita, no Caju, Rio de Janeiro, um dia após a comemoração de seu nascimento; dois, de sua morte.

Em 28 de dezembro vai ao ar a entrevista concedida à TV Cultura. No final desta, Clarice havia dito: *Bem, eu agora morri... Vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta... Estou falando de meu túmulo...*²¹³.

No ano seguinte, são publicados *Um sopro de vida – Pulsações*, pela Nova Fronteira; *Quase de verdade*, pela Rocco; *Para não esquecer* (contos que também compunham a primeira edição de *A legião estrangeira*), pela Ática. A novela *A hora da estrela* é premiada como “Melhor Romance”. Em 1979, é publicado o livro de contos *A bela e a fera* pela Nova Fronteira. Sai em 1981, pela Abril Educação, *Clarice Lispector*, uma antologia organizada por Benjamin Abdala Jr. e Samira Y. Campedelli; em 1984 é lançado *A descoberta do mundo* pela Nova Fronteira; e em 1987, pela mesma editora, é publicado *Como nasceram as estrelas*. Em 1991 é lançado, pela Ática, *O primeiro beijo e outros contos, de Clarice Lispector* (antologia).

Fernando Sabino em 2001 publica, pela Record, cartas trocadas com Clarice *Cartas perto do coração*. No mesmo ano sai *Os melhores contos de Clarice Lispector*, organizado por Walnice Nogueira Galvão, pela Global. Em 2002 é publicado, pela Rocco, *Correspondências*. Pela mesma editora são lançados em 2004 *Aprendendo a viver – Imagens*; em 2005 *Outros escritos*; e em 2006 *Correio feminino*.

Muitos dos livros de Clarice são traduzidos. Há traduções para o alemão, dinamarquês, espanhol, francês, hebraico, holandês, inglês, italiano, norueguês, polonês, russo, sueco, tcheco, japonês e turco.

PARTE II

Da solidão de não pertencer à quarta dimensão

1 A solidão de não pertencer

Esta história começa em 10 de dezembro de 1920 em uma aldeia da Ucrânia chamada Tchechelnik. Neste dia nasceu uma menina que recebeu o nome de Haia Lispector. Haia é a terceira filha de Pinkouss e Mania.

Nesta época a família migrava na tentativa de fugir das conseqüências da Primeira Grande Guerra e da Revolução Bolchevique. A Rússia estava arrasada. Durante esse período milhares de homens foram mortos, outros sucumbiram às doenças. A situação era de desespero. Até mesmo as necessidades primárias estavam profundamente ameaçadas, os alimentos tornaram-se cada vez mais escassos. Nestas condições e depois de verem Isaac Krimgold, pai de Mania, ser fuzilado por bandidos, os Lispector resolvem deixar a Ucrânia.

Ficavam para trás a terra natal e o sofrimento experimentado no dia-a-dia daquele lugar, a fome, a violência. A família renunciou ao lugar que, no momento, perdera a qualidade de lar. Assim, desistir do país, exilar-se, era sinônimo de investir na vida, era o caminho para uma possível liberdade. É com tal expectativa que os Lispector arriscaram-se em meio às mais diversas dificuldades à procura de uma nova terra.

Não bastassem a terrível situação do país e a conseqüente necessidade de emigrar, havia ainda a doença de Mania. Mania sofria de paralisia progressiva, doença crônica que afeta o sistema neuromuscular. É difícil apontar a causa da paralisia progressiva, pois se trata de terminologia genérica que deixa muitas dúvidas acerca de sua nosologia e topografia. Entretanto, de acordo com

Harrison ²¹⁴, a partir da metade do século XIX passou-se a considerar como hipótese mais provável para a origem da doença um defeito genético que causa uma deficiência metabólica ou enzimática. Como não se sabe exatamente o tipo de paralisia que afetava Mania, a contaminação pela tuberculose ou pela sífilis, doenças bastante comuns na época, poderia ser uma hipótese, pois afecções neuromusculares também podem advir de bactérias ou de vírus. Contudo, de acordo com Ferreira ²¹⁵, a mulher sofria de uma afecção neurológica paralisante, provavelmente oriunda de um parkinsonismo. Portanto, pouco se pode afirmar sobre os pormenores da doença de Mania, as hipóteses servem apenas para refletir a respeito do intenso sofrimento dela e de seus familiares.

A missão

Na Ucrânia havia uma crença popular segundo a qual uma mulher doente poderia se salvar se tivesse um filho. Mania fez uma tentativa. Engravidou e nasceu Haia.

É a própria Clarice quem conta:

Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma determinada missão e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram por eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdôo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e

214 HARRISON, Tinsley Randolph. *Medicina interna*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984, vol 2.

215 FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

*curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido*²¹⁶.

Assim se inicia a história. Haia em hebraico significa “vida”²¹⁷, diz Ferreira, biógrafa de Clarice. Entre o sofrimento e a esperança está o começo da menina. Mesmo em meio às terríveis experiências vividas com o pós-guerra, os Lispector não esmoreceram, acreditaram em dias melhores e partiram. Entre diferentes lugares vai se desenhando uma nova vida. Uma vida que tem destino certo: vão ao encontro de parentes na América. Quer dizer, entre o pequeno povoado de Tchechelnik e a América uma menina foi, na voz da própria Clarice, *deliberadamente criada: com amor e esperança*²¹⁸.

É nesta perspectiva que Mania, gravemente doente, não perdera a vontade de viver, valeu-se da superstição e encomendou um novo bebê. Aqui se poderia percorrer as mais diversas interpretações, principalmente as psicanalíticas, para se pensar a situação; no entanto, vou considerar as palavras de Clarice: a esperança e a salvação.

É esperado que as pessoas adoentadas busquem a cura. Procuram terapêuticas que vão das mais às menos científicas na tentativa de recuperar a saúde. Essas ações indicam não só o desejo de cura, mas também a fé em alcançar uma sobrevida. Uma sobrevida que pode ser obtida, como no caso de Mania, com o nascimento de um bebê. Então, em expressão popular, se *está de esperança*.

216 LISPECTOR, Clarice (1968). “Pertencer”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 111.

217 FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

218 LISPECTOR, Clarice (1968). “Pertencer”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 111.

Nascimento que é esperança.

Estar de esperança, de acordo com o dicionário, é estar grávida. Dado que para a sra. Lispector é também salvação. Nesta história a esperança está intimamente ligada à salvação porque a esperança está no bebê e o bebê é a própria salvação – entre a esperança e a salvação está Haia, está a “Vida”.

É comum os pais atribuírem aos futuros bebês funções e desejos especiais. Há aqueles que desejam determinado *status* social e colocam sobre o filho a responsabilidade de alcançá-lo; outros esperam a garantia de um casamento, de um salário; etc. E outros, ainda, contam com milagres.

Dentro deste contexto, o bebê esperado parece não receber o estatuto daquele que é novo, que é recém-chegado à existência. Os pais não se entregaram à surpresa daquele que está por começar porque determinaram previamente o lugar do bebê na família. Assim, a tarefa desse indivíduo se iniciou mesmo antes de nascer.

De acordo com Safra um bebê ao nascer, além de trazer consigo o aparato biológico, é um acontecimento no mundo. Ao nascer o bebê é afetado (...) *pela história de seus ancestrais, pelo encontro com os contemporâneos, impulsionada em direção àqueles que virão*²¹⁹. E, para que este novo ser possa começar a sua marcha pela vida, para que venha a se constituir como ser humano, Safra afirma: (...) *necessita que alguém no mundo seja seu anfitrião e acolha seu gesto que constitui o início de si mesmo*²²⁰.

No início do si mesmo de Haia, estão Mania, Pinkouss, suas irmãs, a

219 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004, p. 103.

220 *Ibidem*, p. 104.

herança judaica, o momento histórico da Ucrânia, o exílio, uma missão e a esperança. Estas circunstâncias iluminam as palavras de Clarice: *Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança*. Para quê? Para a função especial de salvar uma vida. Salvar a vida daquela que lhe deu a vida. Seu destino estava traçado.

Safra diz: *O bebê que nasce em missão nasce um tanto quanto roubado da possibilidade de poder articular um destino próprio. Os elementos fundamentais de sua existência se encontram bastante definidos (...)*²²¹.

Esses elementos demarcados pela situação de missão obturam a possibilidade de o bebê, por si próprio, encontrar o lugar que lhe cabe na família, na comunidade, fixam o lugar deste bebê no mundo e o submetem ao posto. Nessa perspectiva, esses elementos conferem uma determinada configuração que, por sua vez, circunscreve o campo onde o indivíduo estará inserido.

Encerrado neste lugar, o indivíduo é condecorado pela missão, mas é condenado, usando as palavras de Clarice, a não-pertencer?

Pertencer

O que é pertencer? O verbo nos remete à idéia de *ser propriedade de*, então sugiro tomar em consideração a palavra *propriedade* e elevá-la à qualidade de *próprio*. Por sua vez, o que é próprio *pertence a*. Compreendendo deste modo, o pertencer ganha o atributo humano não somente de fazer parte de alguma coisa ou ser de alguém, mas ser em si.

²²¹ *Ibidem*, p. 105.

Tais afirmações acerca do pertencer se apresentam um tanto paradoxais, porque para se poder *ser em si* é necessário, antes, ter sido para alguém. Com tal espírito Clarice escreve:

Estou no âmago.

Ainda estou.

Estou no centro vivo e mole.

Ainda.

Tremeluz e é elástico. Como o andar de uma negra pantera lustrosa que vi e que andava macio, lento e perigoso. Mas enjaulada não – porque não quero (...) No âmago onde estou, no âmago do É, não faço perguntas. Porque quando é – é. Sou limitada apenas pela minha identidade. Eu, entidade elástica e separada de outros corpos.

(...)

Mas vou me seguindo. Elástica. É um tal mistério essa floresta onde sobrevivo para ser (...) Um dia eu disse infantilmente: eu posso tudo.

Era a antevisão de poder um dia me largar e cair num abandono de qualquer lei. Elástica. A profunda alegria: o êxtase secreto (...)

Nesse âmago tenho a estranha impressão de que não pertença ao gênero humano ²²².

De fato, neste estado de pertencimento total, estando no centro do ser, talvez a impressão realmente ultrapasse aquilo de humano que tem em pertencer a alguém ou a alguma coisa e apenas se *é*. *Ser em si* parece tão distante dos atributos humanos, parece inatingível aos olhos da razão e do conhecimento. Porém, *ser* é uma das tarefas que o homem quer realizar em sua passagem pela vida.

Nesta procura de *ser* a percepção da vida perde a fixidez da necessidade de encontrar uma resposta que garanta, que dê validade ao se *ser*. Na procura em *ser* abre-se interstícios para que o movimento reflexivo acerca da existência se pronuncie em nota musical maior. Assim, a canção da vida vai se fazendo em melodias que, em determinado momento, podem ser mais animadas e, em outras, mais tranqüilas, excitadas ou sofríveis, como as questões que emergem enquanto

222 LISPECTOR, Clarice (1973). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, pp. 32-3.

fundantes do *ser*, que são tão variadas quanto a combinação de notas que podem compor uma peça musical.

Não-pertencer

Como um sinal colocado no início de uma nova pauta, o pertencer surge como um anseio, como uma abertura para indicar a composição da canção de Clarice. Ela diz:

*Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer (...) eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.
Se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino*²²³.

É tamanha essa fome humana em pertencer que acaba sendo visitada pelo seu contrário. De acordo com as palavras de Clarice, ela *nasceu de graça*, nasceu gratuitamente, como se fosse guaxa. Nascer fora do ninho é também o tema da história infantil *O patinho feio*, uma das primeiras histórias lidas por Clarice. Em “Histórias intermináveis: guardiãs do segredo”, foi apontada a identificação da menina com o patinho feio, em que ambos experimentaram a sensação de serem adventícios no próprio berço. Esta condição de estrangeiro guarda, de certo modo, o segredo de não-pertencer. Do modo semelhante, *nascer de graça* sugere que não houve razão para o seu nascimento e, portanto, contraria a situação de missão. Neste instante cabe perguntar: será que são situações totalmente opostas? Impossível de coexistirem? Ou são interfaces de um mesmo começo?

Tanto na situação de missão quanto na gratuidade do nascimento o

223 LISPECTOR, Clarice (1968). “Pertencer”. *In A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 110.

indivíduo é impelido a escrever sua história sobre papel já escrito. Por um lado, há o impedimento, uma parada, os elementos que foram definidos pela missão e, por outro, a ausência deles, pela gratuidade. Portanto, o indivíduo é, ao mesmo tempo, totalmente cercado pelo destino posto e arremessado como uma *geléia viva*²²⁴ à existência. As duas condições convergem para o surgimento de uma experiência em que o indivíduo toma conhecimento de sua instabilidade no mundo: quer por enclausuramento, quer pelo lançamento no espaço sem-fim.

Clarice conta:

*Quando era criança, inesperadamente tinha a consciência de estar deitada numa cama que se achava na cidade que se achava na Terra que se achava no Mundo. Assim como em criança, tive então a noção precisa de que estava inteiramente sozinha numa casa, e que a casa era alta e solta no ar, e que esta casa tinha baratas invisíveis*²²⁵.

É a lucidez experimentada com o desvanecer. Render-se à amplidão infinita do mundo arremessa o indivíduo em uma espécie de vórtice, em uma realidade difícil de ser apreendida pelos sentidos. Mas Clarice, apesar da voragem, abre a *caixa de Pandora* e se depara com o desamparo desse lugar.

Em terreno descampado há um mundo bastante delicado, porém marcado pela densidade. Na perspectiva desse lugar apresentam-se, simultaneamente, três referências: um espaço que está pronto para ser povoado, um espaço saturado pela incumbência de salvaguardar uma vida e outro que é movimento.

Na época em que Haia nasceu, a família deixava seu país, a Ucrânia. Sem paradeiro definido, os Lispector seguiam rumo à América. E em meio à andança, a

224 LISPECTOR, Clarice (1968). "A geléia viva como placenta". In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 402.

225 ____ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2^a ed. Madrid; Paris, México; Buena Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996, p. 33.

pequena experimentou os primeiros sinais da errância: nasceu na Ucrânia a caminho da América, em Tchechelnik, ainda no país dos Lispector.

Por acaso Haia nasceu neste lugarejo, poderia ter sido outro qualquer na rota prevista por Pinkouss. Mas Mania entrou em trabalho de parto perto daquele povoado.

Clarice, em crônica de 14 de novembro de 1970, *Esclarecimentos – explicação de uma vez por todas*, conta:

*(...) nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem*²²⁶.

Durante a migração seria um tanto difícil pertencer a um país. A família não desejava se estabelecer em nenhum lugar por onde passava, não havia pouso, pernoitava aqui e ali de acordo com as condições e as necessidades. Os dias foram se seguindo entre diferentes terras, saindo da Rússia entraram na Europa e a atravessaram até o porto de Hamburgo, onde tomariam um navio em direção à América. Nesta travessia os Lispector eram estrangeiros. Nada lhes pertencia: nem casa, nem cidade, nem país; salvo a própria família. Eles se pertenciam, era somente a esperança o fio condutor nesta jornada .

Haia pertencia não pertencendo. Como uma peregrina que tem missão a cumprir, (...) *como estrangeiro em qualquer parte do mundo*²²⁷, vai se desenhando seu devir. Entre a missão, a gratuidade do nascimento, o exílio e a esperança

226 ____ (1968). “Esclarecimentos – explicação de uma vez por todas”. In *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 319-0.

227 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 55.

começam brotar os primeiros sinais daquilo que a pequena Haia, que Clarice, guardará como substrato de suas principais questões. Ela mesma explicita seu pertencer:

Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, por que nunca fiz parte de clubes ou de associações? Porque não é isso o que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencesse (...) ²²⁸.

Da missão à questão

A viagem dos Lispector para o exílio demora aproximadamente um ano e três meses, segundo os dados apresentados por Ferreira ²²⁹, apesar de Clarice dizer que chegou ao Brasil aos dois meses. Neste caso, é bom não esquecer que Clarice falseava a idade: nos documentos constava o nascimento em 10 de dezembro de 1920, mas ela gostava de dizer 1922, ano em que foi expedido o passaporte coletivo ²³⁰ e até mesmo 1925.

Durante o primeiro ano de Haia, não houve descanso para os Lispector. Depois de deixarem a Ucrânia, foram seguindo uma espécie de rota que os levaria à América. Desembarcam em Maceió. Parece que o exílio chegou ao fim e a promessa de uma nova vida estava se efetivando. Até os nomes são novos: Pinkouss vira Pedro; Mania, Marieta; Lea, Elisa; o de Tania se mantém; e Haia ganha o nome de Clarice. Entretanto, não são somente os prenomes que mudam: a permanência dos Lispector na capital alagoana dura apenas três anos, então se mudam para Recife.

228 ____ (1968). "Pertencer". *In A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 110.

229 FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

230 Cf. "Do Oriente ao Ocidente".

Como no princípio, entre vilarejos e cidades, entre cidades e países, entre terras e mares, Clarice vai se desenvolvendo. Mas é na capital pernambucana que Pedro decide fixar residência.

Temporariamente cessa a itinerância dos Lispector e começa emergir a vida assentada em determinado lugar – se inicia uma nova etapa para Clarice. Agora é tempo de brincar com a vida, tempo de jogar *essa casa é minha*, de roubar pitangas e rosas, de ver o porto e banhar-se no mar, é tempo de mãe doente e, como um termômetro quebrado, é tempo de se espalhar pelo mundo imaginário para encontrar, encontrar a essência do metal prateado.

Tempo de brincar. Segundo Winnicott, o brincar é uma experiência criativa ²³¹, uma ação que norteia a continuidade no tempo e no espaço, é uma forma de viver. Winnicott diz:

A importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle dos objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança ²³².

O sofrimento da mãe e as *águas oleosas* nos olhos do pai, figuras de fundamental confiança, reverberavam a dura realidade. Contudo, como toda criança, Clarice brincava.

Nesta atmosfera lúdica, a menina navega por entre mares à procura de uma outra realidade, uma realidade que a salve: *A precariedade da brincadeira está no*

231 A criatividade é entendida a partir dos pressupostos winnicottianos: processo em que o indivíduo busca encontrar e estabelecer o EU SOU. E ainda, complementada pela perspectiva safriana como uma ação que possibilita o acontecer e o aparecimento do singular de si mesmo, a partir de seu registro ontológico.

232 WINNICOTT, Donald W. (1971) "O brincar". *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 71.

*fato de que ela se acha sempre na linha teórica existente entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido*²³³. Deste modo, o brincar é *por si mesmo uma terapia*²³⁴ porque *é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)*²³⁵.

O brincar surge muito cedo na vida do indivíduo, começa no encontro entre o bebê e sua mãe. Inicialmente pertence a uma área intermediária denominada por Winnicott de transicional, que inclui objetos e fenômenos transicionais. À medida que o indivíduo amadurece, esse lugar se amplia para a brincadeira e depois para todo o campo cultural.

Assim acontece com Clarice. Ela descobre nos cenários imaginários um modo de lidar com as dificuldades. Em meio à doença da mãe e a iminência da morte, mesmo sem saber ler ou escrever, recorria à criação de histórias que não tivessem fim, criava, por assim dizer, a eternidade, como o chiclete que ganhara de Tania, sua irmã. Conta Clarice:

*Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta*²³⁶.

A menina acreditava que poderia transformar o impossível em possível, sua

233 *Ibidem*, p. 75.

234 *Ibidem*, p. 74.

235 *Ibidem*, p. 80.

236 LISPECTOR, Clarice (1970). 290 "O medo da eternidade". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 290.

esperança era livrar a mãe da morte: ordenaria ao Aladim, gênio da lâmpada, que realizasse seu desejo. Diz Winnicott que *o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde* ²³⁷. Era desta maneira que Clarice ia lidando com ausência da mãe, presa a uma cadeira de rodas. Apesar de sua mãe estar ali, não podia contar com o seu colo, nem com suas repreensões e nem brincar com ela, tentava uma vez ou outra roubar um sorriso com suas peraltices, mas a tristeza inundava os olhos de Marieta, a dor a consumia, então pouco a menina podia fazer.

A dor de Marieta também acompanhava Clarice, mas para a menina ainda se somava à impotência. As incumbências que, possivelmente, lhe foram delegadas potencializaram a de responsabilidade. Desde muito cedo Clarice via a mãe impossibilitada de andar e, durante certo tempo, se culpou pela paralisia. Mais tarde, veio a saber que a mãe era paraplégica mesmo antes de ela nascer. E que o seu nascimento fora uma esperança.

As duas situações apresentadas possivelmente tenham marcado de maneira significativa a vida de Clarice. Quanto à primeira, a menina se fez causadora de um mal, seu surgimento paralisara o viver de sua mãe. Dentro desta perspectiva, ela deve ter, do mesmo modo que a mãe, experimentado o impedimento. Todavia, a sentença se modificou, houve uma retomada da história inicial de Clarice: nasceu incumbida.

Gilberto Safra (2004) aponta três grandes situações que podem ocorrer com o bebê ao entrar no mundo humano: (...) *o bebê pode encontrar em seu berço uma missão, um enigma ou uma questão* ²³⁸. Safra explica: *Cada uma dessas*

237 WINNICOTT, Donald W. (1971). "O brincar". *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 63.

238 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p. 105.

*possibilidades estabelece de modo distinto a situação originária do bebê e influencia, decisivamente e de forma singular, aquele que será o percurso dessa criança pela sua existência*²³⁹. Sob este ponto de vista, na origem de Clarice não se estabelece uma situação de enigma e sim uma missão.

A situação de enigma, denominada por Safra, implica: (...) *um atordoamento enlouquecedor originário que coloca o bebê em uma suspensão de si, em uma origem que se inicia num estado de perplexidade. O enigma é aquilo que não pode ser formulado e, deste modo, não pode ser destinado. Assim sendo, a situação enigmática suspende a possibilidade de um devir*²⁴⁰.

Neste caso, o indivíduo presente que algo lhe foi ocultado acerca de sua origem, de sua história. É uma situação em que não se guarda a presença do rosto humano, não há acolhimento nem palavras – é o encontro com o horror.

Enquanto na situação de missão o devir é impedido, como um obstáculo entre o indivíduo e a realização de seus anseios; no enigma, o devir é, de acordo com Safra, posto em suspensão, e o sofrimento se faz sem palavra, sem rosto.

A outra possibilidade apresentada por Safra é a situação de *questão*. O autor traz nesta acepção as seguintes questões: da precariedade humana, do imponderável, da solidão essencial, da sexualidade, da vida e da morte. O sofrimento, nesta possibilidade, *coloca-se em direção à, ou em outras palavras, em um destinar-se*²⁴¹. Desse modo, a situação de questão leva o indivíduo a apropriar-se de sua questão original, de seu porvir.

239 *Ibidem*.

240 *Ibidem*, p. 106.

241 *Ibidem*, p. 111.

Daquele lugar de missão, apesar de ser esperança para os Lispector, Clarice gostaria de sumir, desertar:

*Raízes semoventes que não estão plantadas ou a raiz de um dente?
Pois também eu solto as minhas amarras: mato o que me perturba e o bom e o ruim me perturbam, e vou definitivamente ao encontro de um mundo que está dentro de mim, eu que escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma*²⁴².

Às vezes conseguia. Depois de ter aprendido a ler e escrever, nova transformação ocorreu na vida da menina: entre letras criou mundos, neste universo tudo era possível. Através das letras, surgiu a possibilidade de, nas palavras de Safra, colocar em trânsito suas principais questões, (...) *portar sua questão, seu gesto a coloca em direção ao porvir*²⁴³. Portanto, pela escrita Clarice põe a situação de missão em questão, ou melhor, a situação de missão se transforma em situação de *questão*.

242 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, pp. 15-6.

243 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p.112.

2 Atrás do pensamento

(...) no decorrer desse dia até a hora de dormir tive umas três vezes um súbito reconhecimento de mim mesma e do mundo que me assombrou e me faz mergulhar em profundezas obscuras de onde saí para uma luz de ouro. Era o encontro do eu com o eu. A solidão é um luxo²⁴⁴.

Entre o pertencer e o não-pertencer, entre a missão e a questão, entre pessoas e seus mistérios, entre mundos, brota a solidão. Clarice não gostava muito de ficar dentro de casa, gostava de andar saltitando pelas ruas de Recife, de sentar em frente a sua casa e esperar que alguém passasse e aceitasse o convite para brincar. Além disso, não dispensava, sob hipótese alguma, o encontro com outros amigos, aqueles do mundo animal. Adorava a companhia deles, caso não tivesse nenhum, satisfazia-se com as formigas que em algum lugar trabalhavam. Entre amigos e bichos ela ia tomando conta do mundo:

Antes de dormir tomo conta do mundo e vejo se o céu da noite está estrelado e azul-marinho porque em certas noites em vez de negro o céu parece azul-marinho intenso, cor que já pintei em vitral. Gosto de intensidades. Tomo conta do menino que tem nove anos de idade e que está vestindo trapos e magérrimo. Terá tuberculose, se é que já não a tem. No Jardim Botânico, então, fico exaurida. Tenho que tomar conta com o olhar de milhares de plantas e árvores e sobretudo da vitória-régia. Ela está lá. E eu a olho.

(...)

Se tomar conta do mundo dá muito trabalho? Sim. Por exemplo: obriga-me a me lembrar do rosto inexpressivo e por isso assustados da mulher que vi na rua. Com os olhos tomo conta da miséria dos que vivem encosta acima.

244 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 65.

Você há de me perguntar por que tomo conta do mundo. É que nasci incumbida.

*Tomei em criança conta de uma fileira de formigas: elas andam em fila indiana carregando um mínimo de folha. O que não impede que cada uma comunique alguma coisa à que vier em direção oposta*²⁴⁵.

Clarice tomava conta do mundo e isto lhe dava a sensação que o mundo todo a pertencia. *Como explicar que me sinto a mãe do mundo?*²⁴⁶, perguntava Clarice. Ser a mãe do mundo, na imanência do mundo, é uma condição que jamais alguém pode invalidar, é estar sempre acompanhada pelo fluxo da vida. Ao mesmo tempo, o mundo vai, em torno de seu eixo, realizando sua grande volta e nem percebe que alguém vela seu giro. Parece que *ser a mãe do mundo* a colocava em uma posição bastante longínqua daquilo que chamamos de solidão, ou é sob esta condição que se presente a essencialidade da solidão?

Winnicott argumenta que no princípio da existência de um ser humano há uma solidão que é fundante, denominada *solidão essencial*.

O ser humano no princípio encontra-se mergulhado em profundezas abissais, em um estado, segundo Winnicott, caracterizado pelo não-estar-vivo (mas não significa estar morto). O ser humano ainda não começou a *ser*, quer dizer, está no interior do *não-ser*. Contudo, em um minuto pode sair de onde estava submerso e chegar ao lume do existir. Paradoxalmente, afirma Winnicott, *no princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo, tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima. Aqui, neste início, a continuidade do ser do novo indivíduo é destituída de qualquer conhecimento sobre*

245 ____ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 66.

246 ____ (1968). “Adeus, vou-me embora”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 96.

*a existência do ambiente e do amor nele contido (...)*²⁴⁷. Quer dizer, neste estado o bebê depende totalmente da mãe, entretanto não reconhece esta necessidade. Portanto, se estabelece, para esta questão, o paradoxo: o estado de solidão é pré-primitivo, anterior a qualquer reconhecimento de dependência e, ao mesmo tempo, depende vitalmente da presença de um outro que acolha de modo devotado o recém-chegado.

A solidão é uma velha conhecida, companheira dos primeiros momentos de vida de qualquer ser humano. Em vez de Winnicott é Clarice quem descreve:

*Sou um coração batendo no mundo.
Você que me lê que me ajude a nascer.
Espere: está ficando escuro. Mais.
Mais escuro.
O instante é de um escuro total.
Continua.*

Espere: começo a vislumbrar uma coisa. Uma forma luminescente. Barriga leitosa com um umbigo? Espere – pois sairei desta escuridão onde tenho medo, escuridão e êxtase. Sou o coração na treva.

(...)

Agora as trevas vão se dissipando.

Nasci.

Pausa.

Maravilhoso escândalo: nasço.

Estou de olhos fechados. Sou pura inconsciência. Já cortaram o cordão umbilical: estou solta no universo. Não penso mas sinto o it. Com olhos fechados procuro cegamente o peito: quero leite grosso. Ninguém me ensinou a querer. Mas eu já quero. Fico deitada com os olhos abertos a ver o teto. Por dentro é a obscuridade. Um eu que pulsa já se forma. Há girassóis. Há trigo alto. Eu é.

(...)

Ainda não estou pronta para falar em “ele” ou “ela”.

*Demonstro “aquilo”*²⁴⁸.

(...) estou entrando sorratamente em contato com uma

247 WINNICOTT, Donald D. (1954) “Um estado primário do ser: os estágios pré-primitivos”. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 154.

248 LISPECTOR, Clarice (1973) *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, pp. 41-2.

*realidade nova para mim que ainda não tem pensamentos correspondentes e muito menos ainda alguma palavra que a signifique: é uma sensação atrás do pensamento*²⁴⁹.

Como foi dito, neste estado ainda não há um outro, há apenas o ser que acabou de chegar à existência. Não há, ao modo de Clarice, pensamentos tampouco palavras para descrever sua natureza. É pela obscuridade, ou quem sabe pela falta de clareza, de pensamentos, de palavras... que se forma o núcleo do segredo, do mistério, do que está por detrás do pensamento.

Para Safra o conceito de “solidão essencial” assinala que há em cada ser humano um cerne que jamais chega à comunicação, sendo a solidão o ponto de partida do acontecer humano²⁵⁰. É um estado muito próximo das construções feitas por Clarice quando se refere ao que fica *atrás do pensamento*:

*Atrás do pensamento atinjo um estado. Recuso-me a dividi-lo em palavras – e o que não posso e não quero exprimir fica sendo o mais secreto dos meus segredos. Sei que tenho medo de momentos nos quais não uso o pensamento e é um momentâneo estado difícil de ser alcançado, e que, todo secreto, não usa mais palavras com que se produzem pensamentos*²⁵¹.

Para Clarice *atrás do pensamento* é algo que ainda não se pensou, é uma espécie de guia e se liga intimamente à sua muda inconsciência, é em preto-e-branco, é um descampado – lugar onde ainda não há palavras, aqui o ser humano está começando. *Atrás do pensamento – mais atrás ainda – está o teto que eu olhava enquanto infante. De repente chorava. Já era amor. Ou nem mesmo chorava. Ficava à espreita. A perscrutar o teto. O instante é o vasto ovo de vísceras*

249 *Ibidem*, pp. 52-3.

250 SAFRA, Gilberto. *Apo-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p.24.

251 LISPECTOR, Clarice (1973) *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, pp.76-7.

*mornas*²⁵². O que está atrás do pensamento está bem guardado e comumente não se conta a ninguém, porque este é o lugar do segredo. E segredo é diálogo entre eu e... eu, é aquele olhar que aparentemente está longe, mas está longe apenas daquele que vê o olhar, porque aquele que olha está à espreita de si, às vezes, a *perscrutar o teto*. Neste momento, se está só e (...) *não há palavras: é-se*²⁵³, como uma história de amor que se escreve aos 8 anos e que se esconde atrás de uma estante²⁵⁴, atrás do pensamento.

Este estado não carrega consigo nenhum tipo de dor, de sofrimento, de nostalgia porque ainda não se reconhece a necessidade da presença do outro e, segundo Winnicott, (...) *não haverá jamais uma reprodução exata desta solidão fundamental e inerente. Apesar disso, pela vida afora do indivíduo continua a haver uma solidão fundamental, inerente e inalterável*²⁵⁵. Esta solidão é fundamentalmente caracterizada pela suavidade e pela quietude na qual se pode perceber, segundo Clarice, o *it*²⁵⁶ do mundo.

Paradoxalmente, como disse Winnicott, enquanto se está vivendo o estado de solidão se está continuamente acompanhado pelo cuidado materno. Nesta época, a mãe está totalmente voltada para o bebê: enquanto está amamentando ou trocando a roupa de seu bebê ela conversa, cantarola, toca a solidão do bebê com o seu amor. Porém, se o bebê se entrega a este conforto e adormece, a mãe se silencia e deixa a tranquilidade embalar o sono do bebê. Deste modo, o *holding* ofertado pela mãe vai

252 LISPECTOR, Clarice (1973) *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 47.

253 *Ibidem*, p. 33.

254 Cf. A procura de não-ser.

255 WINNICOTT, Donald D. (1954). "Um estado primário do ser: os estágios pré-primitivos". *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 154.

256 LISPECTOR, Clarice (1973) *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

indicando ao bebê que ele pode confiar em sua contínua presença, no cuidado-amor que está recebendo. Mais tarde, essa confiança se tornará a base para a capacidade de estar só e acompanhará o indivíduo até sua morte.

Neste estado de solidão essencial ainda não há uma consciência, uma mente para articular pensamentos. O bebê é totalmente dependente, mas não sabe disso. Ainda não estabeleceu uma relação com o outro, ainda é único e só, está no início do processo do viver.

No início do processo de viver está a solidão fundamental, todas as experiências que compõem aquilo que é, de acordo com Clarice, *atrás do pensamento*. No início de tudo está a solidão, que é totalmente acompanhada. Portanto, é solidão-presença.

A solidão-presença é a que Françoise Dolto chamou de *solidão feliz*. A solidão feliz está no sono reparador, em lugares da natureza que são matizados pela paz, pela beleza, pela serenidade que apazigua o coração, entre pessoas e entre animais que se aproximam do coração selvagem da vida e o tranqüilizam. A solidão feliz se compara a um estado de graça. Dolto diz:

*Esses momentos de graça do fenômeno humano – que somos também para nós mesmos –, todos conhecemos desde a infância, quando a solidão não sentida como amarga rejeição de nosso desejo pelo desejo dos outros, mas quando, cansados de nos exercitarmos até que seja dada a nossa melhor expressão, na vigília, num trabalho, ou em nossos contatos com os outros, até o limite de nosso desejo e de nosso poder, mergulhamos deliciosamente no sono reparador. Pois o homem, depois dos jogos do desejo, deve voltar para seu corpo numa solidão recuperadora de seu ser no mundo, no ritmo de sua respiração, no esquecimento de seus pensamentos, de seus gestos, de seus sentimentos, de si mesmo e dos seres que lhe sejam caros ou inimigos, no mergulho em seu anonimato reassumido*²⁵⁷.

257 DOLTO, Françoise (1985). *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 401.

A solidão-presença é lugar de sonho, de graça.

O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe. Nesse estado, além da tranqüila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve. É uma lucidez de quem não adivinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe.

(...)

E há uma bem-aventurança física que a nada se compara.

(...)

É apenas o estado de graça de uma pessoa comum que de súbito se torna totalmente real porque é comum e humana e reconhecível.

As descobertas nesse estado são indizíveis e incomunicáveis.

(...)

*é como se o anjo da vida viesse me anunciar o mundo*²⁵⁸.

O estado de graça anuncia o mundo e este emerge da solidão: *Eu nasci amalgamada com a solidão deste exato instante e que se prolonga tanto, e tão funda é, que já não é minha solidão mas a Solidão de Deus*²⁵⁹. A partir deste lugar, da solidão-presença, daquilo que está *atrás do pensamento* surge a possibilidade de *ser*. Safra afirma:

*Partindo da solidão essencial, o ser humano entra no mundo na condição de exilado surpreendido, acolhido no abraço e no olhar de alguém para que um lugar se estabeleça e um iniciar-se possa acontecer. Esse é um lugar que se constitui no horizonte da existência, onde se preserva a fronteira de mundos e de possibilidades de estar*²⁶⁰.

Clarice gostava de estar acompanhada. Tinha amiguinhos com quem se aventurava a roubar rosas e pitangas, com que compartilhava a invenção de jogos como *essa casa é minha*, ou de histórias que não acabavam nunca. Mas se por acaso nenhum desses amiguinhos estivesse por perto e sentia que precisava povoar sua

258 LISPECTOR, Clarice (1968). "Estado de graça - trecho". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 91-2. Também publicado em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* e em *Água viva*.

259 ____ (1978). Um sopro de vida: pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 33.

260 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p. 24.

solidão, enfrentava sua timidez, se enchia de ousadia e ia ao encontro de alguém que com ela quisesse brincar.

Por outro lado, encontrava na solidão a sua adorável gata, ou o susto das galinhas que reclamavam porque foram interrompidas em seu eterno devaneio, ou os banhos de mar. O pé de acácia, o jardim botânico, seu cão napolitano chamado Dilermando ou o carioquinha Ulisses retiravam de Clarice a dor e a perplexidade:

*Ter contato com a vida animal é indispensável à minha saúde psíquica. Meu cão me revigora toda. Sem falar que dorme às vezes aos meus pés enchendo o quarto de cálida vida úmida. O meu cão me ensina a viver. Ele só fica “sendo”. “Ser” é a sua atividade. E ser é a minha mais profunda intimidade*²⁶¹.

O estado de solidão dá sentido aos encontros e faz com que se acentue a necessidade do outro. Diante do desenvolvimento emocional pode-se perceber que em determinado momento o bebê se percebe sozinho. Winnicott considera esse despertar intimamente relacionado com o reagir, com uma quebra na continuidade de ser. Isto significa que o ambiente, a mãe-ambiente, não consegue manter-se totalmente dedicada às necessidades do bebê. Em outras palavras, há uma falha na adaptação materna. É claro que à medida que o bebê se desenvolve a mãe precisa gradualmente proporcionar uma desadaptação. Porém, se esse desafinamento ocorrer prematuramente o bebê ver-se-á obrigado a reagir contra a quebra da continuidade. Essa reação, de acordo com Winnicott, contribui para a formação da mente, do intelecto. Mas se a reação for ainda mais intensa a saída será a psicopatologia.

Formação da mente e psicopatologia não são temas deste trabalho, portanto

261 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 57.

são citados apenas como outras formas de reação do ser humano perante a ruptura da continuidade de ser.

Caso a tranquilidade do bebê seja rompida e ele venha a se sentir ameaçado, a solidão se tornará um padrão. E o padrão será manter-se isolado, incomunicável, apenas eu-comigo-mesmo. Deste modo, a solidão será uma solidão-daquela-que-é-esquecido-pelo-outro-e-de-quem-também-esqueceu. Neste caso, a solidão poderá ser de fato traduzida como angústia, desassossego, tristeza, incompreensão e tantos outros nomes podem ser associados a este estado.

Esta solidão passa a ser nomeada, ganha palavras, pode ser desenhada, quase medida e, portanto, perde a qualidade de estado e recebe, conforme os pressupostos winnicottianos, uma função: a solidão passa a ser pensada, pesada.

*Quando eu penso, estrago tudo. É por isso que evito pensar: só vou mesmo é indo. E sem perguntas por que e para quê. Se eu penso, uma coisa não se faz, não acontece. Uma coisa que na certa é livre de ir enquanto não for aprisionada pelo pensamento*²⁶².

E Clarice diz mais:

*Outra coisa que não parece ser entendida pelos outros é quando me chamam de intelectual e eu digo que não sou. Ser intelectual é usar sobretudo a inteligência, o que eu não faço: uso a intuição, o instinto. Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana e animal*²⁶³.

Clarice sentia-se incomodada e perplexa ao ser qualificada como intelectual. Quando percebia o excessivo movimento em seu entorno sentia-se

²⁶² *Ibidem*, p. 35.

²⁶³ ____ (1968). "Intelectual? Não". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 149.

invadida e de algum modo mitificada:

*Uma das coisas que me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado: os outros me temem à toa, e a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que eu sou de trato muito simples, mesmo que alma seja complexa*²⁶⁴.

Portanto, a solidão que perde de vista o encontro com o outro se transforma em solidão agônica, de morte. De acordo com Winnicott, sem o encontro com o outro o indivíduo sofre uma queda no não-ser, uma queda sem fim²⁶⁵, uma agonia impensável. Safra aponta a gravidade desta condição e afirma: *O sofrimento do não-ser emerge como agonia do não existir e como um grito sem eco*²⁶⁶.

A partir dessas considerações é essencial apresentar a solidão sob o vértice da criatividade, de uma perspectiva ontológica. Diz Safra:

*É fundamental a experiência do Outro para que se alcance a experiência da solidão, pois a solidão implica referência a um Outro. É preciso que haja a presença do Outro para que o não-ser seja possibilidade de liberdade. Sem o Outro, a possível liberdade é espaço sem fim, a solidão é não existir, facetas da agonia impensável. O fato de o homem estar entre o ser e o não-ser faz com ele não seja derivado das necessidades, mas seu aparecimento é surpresa em meio às necessidades*²⁶⁷.

Logo, a solidão acompanhada é uma experiência – antes, chamada de um estado – que dá a possibilidade de se criar o outro, é uma experiência que sustenta o devir. Caso contrário, a solidão sem o outro, diz Safra (2004), é *solidão absoluta*

264 ____ (1975). *De corpo inteiro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975, p. 81.

265 WINNICOTT, Donald W. (1957). “Sobre a contribuição da observação direta da criança para a psicanálise”. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 105.

266 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p. 40.

267 *Ibidem*, p.62.

e significa que a pessoa

(...) se singulariza a partir da experiência de solidão, que é o que o constitui. Uma pessoa que viveu este tipo de experiência não experimenta o sentimento de solidão, ela é solidão. Do ponto de vista clínico, não basta trabalhar essa solidão como se fosse decorrente de uma angústia de separação, de exclusão da cena primária ou de um ataque ao objeto. Essa solidão é anterior a qualquer uma dessas experiências psíquicas. Ela foi constitutiva²⁶⁸.

A solidão clariceana é aquela que está *atrás do pensamento*, que encontrou no toque, nas palavras, no cheiro, no balanço o acolhimento do outro, é aquela que tem uma dimensão estética, experiencial, mas também a ultrapassa. Esta é a solidão com a qual Clarice nasceu amalgamada, é a solidão-presença, é a experiência que ancora a instabilidade, a precariedade e a faz mergulhar nas profundezas da alma, é uma solidão que se faz abertura, nas palavras de Safra, uma *solidão ontológica*²⁶⁹.

É a partir desta abertura, desta profunda lucidez a respeito do sofrimento que ela pode dizer de onde vem, pode dizer que emerge da escuridão: *Escuridão pululante, lava de úmido vulcão em fogo intenso. Escuridão cheia de vermes e borboletas, ratos e estrelas*²⁷⁰. Escuridão que germina em luz e se faz vida. Então, diz Clarice: *Pergunto-te em que reino estiveste de noite. E a resposta é: estive no reino do que é livre, respirei a magna solidão do escuro e debrucei-me à beira da lua*²⁷¹.

Entretanto, isso não significa que Clarice não experimentasse a solidão da falta do outro, é claro que experimentava, todos experimentamos. Ela diz:

268 *Ibidem*, p. 131.

269 SAFRA, Gilberto. *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, p. 71.

270 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 72.

271 *Ibidem*, p. 105.

E o que se passa na luz acesa da sala? Pensa-se uma escuridão. Não, não se pensa. Sente-se. Sente-se uma coisa que só tem um nome: solidão. Ler? Jamais. Escrever? Jamais. Passa-se um tempo, olha-se o relógio, quem sabe se são cinco horas. Nem quatro chegaram. Quem estará acordado agora? E nem posso pedir que me telefonem no meio da noite pois posso estar dormindo e não perdoar. Tomar uma pílula para dormir? Mas e o vício que nos espreita? Ninguém me perdoaria o vício. Então fico sentada na sala, sentindo. Sentindo o quê? O nada ²⁷².

Mas, por outro lado:

De repente no meio da noite e ter essa coisa rara: solidão. Quase nenhum ruído. Só o das ondas do mar batendo na praia. E tomo café com gosto, toda sozinha no mundo. Ninguém me interrompe o nada. É um nada a um tempo vazio e rico. O mar é meu, o sol é meu, a terra é minha ²⁷³.

Assim, experimentando solidões, Clarice foi caminhando entre a escuridão e a luz, entre o Oriente e o Ocidente, entre a missão e liberdade. Ela mesma diz: *vivo à beira* ²⁷⁴, *vivo por um fio* ²⁷⁵: (...) *entre a palavra e o pensamento existe o meu ser* ²⁷⁶. Às vezes, talvez muitas, caminhando no limite:

Agora sei: sou só. Eu e minha liberdade que não sei usar. Grande responsabilidade da solidão. Quem não é perdido não conhece a liberdade e não a ama. Quanto a mim, assumo a minha solidão. Que às vezes se extasia como diante de fogos de artifício. Sou só e tenho que viver uma certa glória íntima que na solidão pode se tornar dor. E a dor, silêncio. Guardo o seu nome em segredo. Preciso de segredos para viver ²⁷⁷.

272 ___ (1968) “Insônia infeliz e feliz”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 69.

273 *Ibidem*.

274 ___ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 16.

275 ___ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 30.

276 ___ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 48.

277 ___ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 77.

3 No Rosto, o silêncio

*Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio*²⁷⁸.

Clarice sempre foi dada a brincadeiras, a invenções. Tanto que até aprendeu a criar o silêncio: *É assim: ligo o rádio bem alto – então de súbito desligo. E assim capto o silêncio. Silêncio estelar. O silêncio de lua muda. Pára tudo: criei o silêncio. No silêncio é que mais se ouvem os ruídos*²⁷⁹.

Como alguém pode querer criar o silêncio? Ela queria.

Clarice consegue transitar pelo silêncio. O silêncio para ela é plenitude e pode ser altamente temível. Safra explica: *porque o silêncio é a possibilidade que o indivíduo pode vir a ter, de estar posto em si na vida, de maneira a pôr entre parênteses – e esquecer – tudo aquilo que o define social e psicologicamente*²⁸⁰. O silêncio ganha, portanto, uma qualidade posicional.

O silêncio, como a solidão, é originalmente uma experiência estética, fruto do encontro com outro ser humano que lhe é devotado. Safra afirma que é através de uma forma sensorial privilegiada que se abre no indivíduo o processo de

278 ____ (1968). “Anonimato”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.76. Também publicado em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973, p. 74.

279 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 52.

280 *Apud* PERDIGÃO, Andréa Bomfim. “Experiência de lugar”. *Sobre o silêncio*. São José dos Campos, SP: Pulso, 2005, p. 113.

constituição da subjetividade e do estilo de ser. De modo que ultrapassa o que comumente se entende por silêncio – estado livre de sons, de ruídos.

A sonoridade é um dos elementos que marcam a presença da mãe. Mas não é somente a fala, canções ou melodias que avisam ao bebê que está acompanhado, o cheiro, a respiração, eventuais espirros também vão assinalando que há alguém por perto. O manejo do corpo do bebê para mamar, para ser trocado ou, simplesmente, para ser acolhido nos braços também vai apresentando formas sensoriais que indicam presença. Porém, há algo que acontece *entre* esses encontros e que coloca o bebê em determinada posição, em *expectativa*: o silêncio.

O mundo do bebê, em seu começo, é muito simples um campo aberto a experiências. Se o bebê está acordado e não há qualquer vestígio de mãe, ele aguarda um tempinho para “ver” o que acontece. Este tempinho enquanto aguarda é o seu silêncio. É o seu silêncio de ser, é o encontro consigo mesmo em expectativa de.

O silêncio se rompe quando alguém aparece e oferece um afago, uma nova fralda, um seio, um olhar. O silêncio ganha a marca humana e torna-se pleno. *O silêncio espaçoso me interrompe, me deixa o corpo num feixe de atenção intensa e muda. Fico à espreita de nada. O silêncio não é o vazio, é a plenitude*²⁸¹.

O silêncio-plenitude é realização. É uma experiência que vai além da questão estética, da corporeidade e se dirige para um novo lugar, para uma nova dimensão. De acordo com Safra o silêncio é uma experiência de lugar. Este novo lugar não é nem dentro e nem fora do indivíduo, mas é entre o bebê e a mãe, é entre

281 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 53.

ser e não-ser, é lugar da precariedade, da instabilidade, é um lugar que não ocupa um espaço, é potência, é mistério. Assim, conta Clarice:

*Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir – nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio*²⁸².

Nos interstícios da vida, para Clarice, está o silêncio. O silêncio ao mesmo tempo é pleno e pleno de possibilidades. É um lugar que contém em si o paradoxo. Diz Safra: *Somente o paradoxo contempla a condição humana como ser no mundo e sempre para além dele*²⁸³. Esta faceta paradoxal do silêncio apresenta ao indivíduo a sua contingência, que é pré-existente e que o acompanhará sempre.

Nesta perspectiva, o silêncio se coloca como um aspecto da condição ontológica do ser humano. De acordo com Safra: *O homem, no cerne de si mesmo, carrega o silêncio. Nas fraturas éticas, freqüentemente, o homem experimenta terror ao vislumbrar a sua condição ontológica e, em consequência disso, não pode viver o silêncio como serenidade*²⁸⁴.

Se o silêncio se coloca no indivíduo como uma experiência, um lugar ou como presença do outro então é experimentado como apaziguamento, como lugar em que o ser repousa na presença da quietude. Por outro lado, se o silêncio foi

282___ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2^a ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996, p. 64.

283 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p. 44.

284 SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, p. 33.

vivido desacompanhado, então será experimentado como algo temível, terrível, ameaçador, conseqüência da experiência da solidão sem o outro.

Silêncios. Que silêncios serão estes? Safra define alguns:

Silêncio-temor: surge (...) *quando as pessoas temem a solidão. A solidão que é temida não é a possibilidade de se estar só, mas o horror vivido, decorrente de a pessoa se sentir abandonada, esquecida por alguém; ficar em silêncio pode significar estar abandonado, o que é muito complicado*²⁸⁵.

Silêncio-do-estranho-em-si: nesta posição o indivíduo é atravessado por alguns afetos e sentimentos que não se constituíram como experiência de si mesmo. *No momento em que o silêncio emerge nesse registro, aquilo que a pessoa carrega em si é estranho – é um outro em si – e tende a ganhar visibilidade, expressão. Isso causa um outro tipo de temor que já não é só o da solidão, mas o estranho em si*²⁸⁶.

Silêncio-mistério: neste, o silêncio revela à pessoa sua condição humana, é expectativa, é pré-anúncio. *Aí o silêncio a informa da sua incompletude, da sua precariedade; do fato de que ela é um buraco aberto para o outro, aberto para o seu futuro – que é alguma coisa que ela não sabe o que é. Ela pode até datar “nasci desses pais e nessa situação”, mas sua vida é um mistério*²⁸⁷.

Clarice, no texto usado como epígrafe deste capítulo, diz haver dentro dela há um *grande silêncio*, silêncio que é a *fonte de suas palavras*. O silêncio clariceano não pode ser localizável, de modo concreto, em sua biografia. Nos

285 *Apud* PERDIGÃO, Andréa Bomfim. “A experiência de lugar”. *Sobre o silêncio*. São José dos Campos, SP: Pulso, 2005, p. 115.

286 *Ibidem*.

287 *Ibidem*.

registros é possível encontrar os mais diversos sofrimentos enfrentados por ela ao longo de sua história, indicando de alguma maneira como sua singularidade foi afetada. Tanto a solidão como o silêncio se apresentaram na vida de Clarice apontando a contingência da condição humana.

Através de Lóri, protagonista do romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, é possível presenciar o silêncio clariceano. A jovem escreve:

“É tão vasta a noite na montanha. Tão despovoada. A noite espanhola tem o perfume e o eco duro do sapateado da dança, a italiana tem o mar cálido mesmo se ausente. Mas a noite de Berna tem o silêncio.

Tenta-se em vão ler para não ouvi-lo, pensar depressa para disfarçá-lo, inventar um programa, frágil ponte nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. Montanhas tão altas que o desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo possível. Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio? Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te abençoar” ²⁸⁸.

Lóri diz mais:

É um silêncio, Ulisses, que não dorme: é insone: imóvel mas insone e sem fantasmas. É terrível – sem nenhum fantasma. Inútil querer povoá-lo com a possibilidade de uma porta que se abra rangendo, de uma cortina que se abra e “diga” alguma coisa. Ele é vazio e sem promessa. Como eu, Ulisses? Mas este silêncio não deixa provas. Não se pode falar do silêncio como se fala da neve. O silêncio é a profunda noite secreta do mundo ²⁸⁹.

Mas há um momento em que do corpo descansado se ergue o espírito atento, e da Terra e da Lua. Então ele, o silêncio, aparece. E o coração bate ao reconhecê-lo: pois ele é o de dentro da gente. Pode-se depressa pensar no dia que passou. Ou nos amigos que passaram e para sempre se perderam. Mas é inútil esquivar-se: há o silêncio. Mesmo o sofrimento pior, o da amizade perdida, é apenas

288 LISPECTOR, Clarice (1969). *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973, pp.33-4.

Aqui há uma alusão ao poema de João Cabral de Melo Neto “Tecendo a manhã”: “Um galo sozinho não tece uma manhã:/ ele precisará sempre de outros galos”. Clarice e J. Cabral eram amigos e “pernambucanos”. NETO, João Cabral de Melo. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 345.

289 *Ibidem*, p. 34.

*fuga. Pois se no começo o silêncio parece aguardar uma resposta – como arde, Ulisses, por ser chamada e responder – cedo se descobre que de ti ele nada exige, talvez apenas o teu silêncio*²⁹⁰.

O silêncio em Clarice parece apresentar nuances de uma experiência em que não há presença do outro. Não se trata disso. Este silêncio registrado pela autora é um silêncio dolorido porque experimenta, no momento, a falta do encontro, a falta da presença do outro. Então, se é possível experimentar a falta é porque o outro já esteve presente. É uma presença esperada. A presença reclamada é aquela que está assentada na corporeidade, no registro estético do encontro. Todavia, à medida que o silêncio se integra ao eu do sujeito como um lugar, então, *ele é o de dentro da gente*.

Para Clarice, o silêncio *de dentro* é aquele revelador, é constitutivo de uma posição diante da existência, é aquele que anuncia o mistério:

*Mas – como era antes o meu silêncio, é que eu não sei e nunca soube. Às vezes, olhando um instantâneo tirado na praia ou numa festa, percebia com leve apreensão irônica o que aquele rosto sorridente e escurecido me revelava: um silêncio. Um silêncio e um destino que me escapavam, eu, fragmento hieroglífico de um império morto ou vivo. Ao olhar o retrato eu via o mistério. Não. Vou perder o resto do medo do mau gosto, vou começar meu exercício de coragem, viver não é coragem, saber que se vive é coragem – e eu vou dizer que na minha fotografia eu via O Mistério. A surpresa me tomava de leve, só agora eu estou sabendo que era uma surpresa o que eu tomava: é que nos olhos sorridentes havia um silêncio como só vi em lagos, e como só vi no silêncio mesmo*²⁹¹.

Não se trata apenas de um aspecto expressivo registrado na fotografia, o que se contempla é um rosto que traduz a face do silêncio, do silêncio de ser.

290 *Ibidem*, p. 35.

291 ____ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2^a ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996, p. 18.

Segundo Safra ser um *Rosto* é uma das possibilidades de existir no mundo humano: *O Rosto assinala a pessoa que, mesmo estando no mundo humano, está sempre para além dele. Possibilidade para aqueles que puderam integrar sua condição de instabilidade por meio do gesto criativo frente ao Outro*²⁹². O silêncio, em Clarice, é *Rosto*.

*E o primeiro verdadeiro silêncio começou a soprar. O que eu havia visto de tão tranqüilo e vasto e estrangeiro nas minhas fotografias escuras e sorridentes – aquilo estava pela primeira vez fora de mim e ao meu inteiro alcance, incompreensível mas ao meu alcance*²⁹³.

Neste lugar em que se encontra o si mesmo também emerge o não-eu de Clarice, dentro deste território matizado pelo paradoxo. Como diz Safra: (...) *para falar de um ser humano é preciso utilizar-se não de conceitos, mas sim de uma linguagem que acolha o paradoxo que é o homem: poesia e literatura*²⁹⁴.

292 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p. 66.

293 ____ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2^a ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996, p. 42.

294 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, p. 66.

4 A palavra, quarta dimensão

*Eu escrevo como se fosse
para salvar a vida de alguém.
Provavelmente
a minha própria vida*²⁹⁵.

A escrita visitou Clarice, como foi visto, nos quintais de sua infância, antes mesmo de ela aprender a ler e escrever. Sem conhecer a escrita propriamente dita, Clarice inventava suas histórias na tentativa de driblar o difícil cotidiano: fazia da imaginação sua salvação.

Diante das condições de seu nascimento, das dificuldades do dia-a-dia, da doença e morte da mãe, o sofrimento foi companheiro inseparável. Clarice, diferentemente da maioria das outras crianças, não pôde contar com a mobilidade do corpo da mãe, era parálitica. É certo que a menina sentiu, através da mãe, o torpor em seu próprio corpo. Por outro lado, experimentou sua presença constante. O contato direto com esta realidade contribuiu para que, desde muito cedo, conhecesse a fundo a precariedade do viver.

Esse contato tão direto com as dores do mundo potencializou sua compreensão do sofrimento humano a ponto de dizer: *Eu agüento porque comi minha própria placenta*²⁹⁶. E a escrita foi um modo de sobreviver e, ao mesmo tempo, um lugar para onde podia ir encontrar amparo, segurança. *Eu me refugiei em*

295 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p.11.

296 ____ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.40.

*escrever*²⁹⁷. *Refugio-me nas rosas, nas palavras. Pobre consolação*²⁹⁸.

Provavelmente, tudo começou com as *histórias que não acabavam nunca*, depois escreveu uma história em quatro páginas, *Pobre menina rica*, e tentou publicar outras que narravam sensações no caderno infantil do jornal de Recife. Mas é por volta dos treze ou quatorze anos que Clarice toma, conforme suas palavras, *posse de um destino, da vontade de escrever*²⁹⁹. Na época escrevia pequenos contos. Esses foram reunidos e publicados postumamente no livro *A bela e a fera*.

Desde menina era uma devoradora de livros, escolhia os títulos seguindo sua intuição. À medida que foi criando seu universo diante das letras, foi se encaminhando para a grande literatura, *Herman Hesse, Fiódor Dostoievski, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Katherine Mansfield*. Esses autores, principalmente Hesse e Mansfield, bem como a sua história pessoal e seu cotidiano, mostraram à mocinha seu rosto. Entre as palavras dos autores, e o que não compreendia em si, Clarice foi se reconhecendo.

Influenciada pelas leituras e perplexa com suas descobertas ficou um tanto confusa: escrevia, escrevia, escrevia, e os papéis se amontoavam, e a história continuava, sem fim – estava em uma espécie de vórtice – *vórtice que é se pôr em estado de criação*³⁰⁰. Neste estado não poderia permanecer. A interrupção era necessária. Rasgou os papéis e os jogou fora.

No entanto, o destino é implacável. A escrita era o caminho, e era,

297 ____ . *De corpo inteiro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975, p. 80.

298 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 53.

299 ____ (1970). “Escrever”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 286.

300 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p.72.

inclusive, o beco: *Eu escrevo para fazer existir e para existir-me. Desde criança procuro o sopro da palavra que dá vida aos sussurros*³⁰¹. Assim, as palavras começaram a visitá-la e as frases, aparentemente, descompromissadas espocavam reluzindo em sua alma. A escrita não parecia ser um ato deliberado. Parecia emergir desta espécie de vórtice, resultado de sua extrema lucidez a respeito das questões que conhecia, que via ao vivo.

Sua escrita foi se compondo a partir de experiências que, de algum modo, comunicavam a contingência da existência e que reclamava pela essência, pela sua própria essência:

*E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras apenas dos instantes-já*³⁰².

A escrita não era apenas profissão para Clarice. As palavras contribuía para mediar suas angústias, tanto que ela própria afirmou: *Eu não agüento o cotidiano. Deve ser por isso que escrevo*³⁰³. E diz mais: (...) *eu que escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma*³⁰⁴.

O ato de escrever a levava ao âmago de si mesma, isto justificava a sua “incapacidade” de escrever *sob encomenda*. Não era possível marcar o papel sem se comprometer, se entregar, se delatar pelo menos um pouco. Embora afirmasse que

301 ___ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 94.

302 ___ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 15.

303 ___ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 17.

304 *Ibidem*, p.16.

sua obra não era autobiográfica, Clarice contava de si em sua escritura, deixava transparecer que tinha a intenção de se aproximar cada vez mais de seu eu, mesmo que tocasse naquilo que desconhecia ou que mexesse na face oculta de si. Afinal (...) *equilibro-me como posso entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus*³⁰⁵.

Como uma malabarista, Clarice vai captando uma nova dimensão de si. Sobre a corda, seu estado é delicado e a sensação de risco é maior. Sobre a corda e dedicada a “ver” os dois lados, a queda pode, como diz, arrancar sangue:

*Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo*³⁰⁶.

O escrever é perigoso e, além disso, difícil (...) *porque toca nas raias do impossível*³⁰⁷. Para a autora o perigo está em revelar aquilo que deve ser mantido em segredo, em formular uma pergunta que não tem resposta. O perigo é justamente encontrar uma resposta. O perigo é trazer à tona o indizível, o ininteligível. É deixar que o oculto impetuosamente surja das profundezas abissais e mostre o “outro lado”. Assim, o encontro com a *barata*³⁰⁷, fio condutor em *A paixão segundo G.H.*, é inevitável.

Eu me pergunto: se eu olhar a escuridão com uma lente, verei mais

305 *Ibidem*, p.85.

306 *Ibidem*, p. 13.

307 *Ibidem*, p. 62.

308 ____ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2^a ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996.

que a escuridão? a lente não devassa a escuridão, apenas a revela ainda mais. E se eu olhar a claridade com uma lente, com um choque verei apenas a claridade maior. Enxerguei mas estou tão cega quanto antes porque enxerguei um triângulo incompreensível. A menos que eu também me transforme no triângulo que reconhecerá no incompreensível triângulo a minha própria fonte e repetição ³⁰⁹.

Apesar de pressentir o perigo, Clarice não se esquivava. Se uma inspiração lhe batesse à porta, ela respondia:

(...) morro de medo porque sei que de novo vou viajar e sozinho num mundo que me repele. Mas meus personagens não têm culpa disso e eu os trato o melhor possível. Eles vêm de lugar nenhum. São a inspiração. Inspiração não é loucura. É Deus. Meu problema é o medo de ficar louco ³¹⁰.

Se por um lado, o escrever tinha a face assustadora de desvelar o âmago do desassossego; por outro, se fazia sonho. *No ato de escrever eu atinjo aqui e agora o sonho mais secreto, aquele que eu não me lembro dele ao acordar. No que escrevo só me interessa encontrar meu timbre* ³¹¹.

É nesta atmosfera de sonho que procurava atingir sua realidade (...) *com a vida pobre eu me salvo dela através de meu imaginário. Só que meu imaginário não se faz através de ações e sim através do sentir-pensar que na verdade é sonho* ³¹². O sentir-pensar se materializa em palavras e dele brota a frase, que brota uma história interminável, que brota um conto, que brota um livro, que brota *Perto do coração selvagem* e que brotou toda sua obra:

Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha nascente é obscura.

309 *Ibidem*, p. 15.

310 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 15.

311 *Ibidem*, p. 73.

312 *Ibidem*, p. 73.

Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com o meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia. Meu pensamento, com a enunciação das palavras mentalmente brotando, sem depois eu falar ou escrever – esse meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão, sem palavras, do pensamento – palavra que se seguirá, quase imediatamente – diferença espacial de menos que um milímetro³¹³.

Antes, bem antes, antes do começo, antes de encontrar a barata *Eu estava habituada somente a transcender. Esperança para mim era adiamento. Eu nunca havia deixado a minha alma livre, e me havia organizado depressa em pessoa porque é arriscado demais perder-se a forma*³¹⁴, lembra G.H.³¹⁵. Depois do encontro (...) *para mim mesmo acabou-se a minha inocência e estou mais em face de uma obscura realidade que eu quase, quase, pego na mão. É uma verdade secreta, sigilosa, e eu às vezes me perco no que ela tem de fugidia*³¹⁶.

A quarta dimensão se faz palavra última e esta se faz salvação que *aprofunda e alarga o tempo*³¹⁷. Clarice diz: *Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever*³¹⁸.

E escrever:

(...) é uma maldição. (...) mas uma maldição que salva. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. É uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir

313 *Ibidem*, p. 16.

314 ____ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador.^a 2^a ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996, p. 94.

315 G.H. protagonista de *A paixão segundo G.H.*

316 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 36.

317 ____ (1968) “Aprofundamento das horas”. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 152

318 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 15.

*até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e
sufocador. Escrever é também abençoar a vida que não foi abençoada*
319 .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as questões que norteiam este estudo, derivadas da idéia central:

Como é possível apreender a singularidade de determinada pessoa sem aprisioná-la? A singularidade que é formada por elementos que dão matiz inédito à pessoa. Como encontrar esses elementos que compõem o modo de ser? Na mesma senda, dialogando com Clarice Lispector, é possível apreender os aspectos mais fundamentais que acompanham sua marcha pela vida?

Na reflexão acerca das principais questões que constituem o modo de ser de determinada pessoa contei com a companhia de Clarice Lispector, sustentada epistemologicamente pelas concepções psicanalíticas de Gilberto Safra.

Este estudo se iniciou com a história pessoal de Clarice. Não para satisfazer curiosidades, ou para compor uma anamnese, mas para testemunhar um percurso. Uma história para apontar o pessoal que, entrelinhas, torna-se impessoal, porque conta a vida de muitos: a minha, a tua, a nossa. História que se faz “Vida” no berço até as flores-de-lis sobre o peito.

Para Safra o ser humano acontece entre dois pólos: a dimensão do originário e o fim último. A questão originária emerge como uma questão, enquanto o fim se coloca como resposta. O autor afirma que esta questão não muda ao longo da vida da pessoa, mas é re-posicionada a cada momento de sua existência.

Cada ser humano está singularizado por uma pergunta, que está sempre presente em seu berço. Ela esboça desde os primeiros gestos da criança, no movimento que faz em direção ao Outro, nos sentidos que se descortinam. O modo como a questão é encontrada por ela dá a ela seu lugar na vida familiar. As famílias organizam-se ao redor de mitos e estes são constituídos pelas formulações que, através de gerações, foram feitas por elas, para que seus membros possam lidar com as questões fundamentais que marcaram a história familiar. O bebê constitui-se nesse campo. Ele porta essas questões enraizadas na organização mítica que caracteriza sua família e que se estende à comunidade e que, por sua vez, relacionam-se, ontologicamente, às grandes questões de toda a humanidade³²⁰.

Safra afirma que existe um momento em que a pessoa se acolhe e se assenta nesta questão originária, apropriando-se de seu modo de ser. *É nesse ponto que o ser humano se apossa de sua vocação e insere o inédito, decorrente da sua forma de ser, na história humana³²¹.*

Clarice Lispector no seu começo foi Haia, a esperança de “Vida”. Depois virou Clarice. *Me deram um nome e me alienaram de mim³²²*. Ao lhe darem um nome, o seu eu passou a ser pessoal, retiraram a total impessoalidade que até o momento possuía. Mas, como vimos, ela guardou para si alguns elementos que podem sustentar seu *it*:

Mas há também o mistério do impessoal que é o “it”: eu tenho o impessoal dentro de mim e não me é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de carço seco e germinativo³²³.

Podemos através da história de vida e de sua vocação vislumbrar a relação do pessoal com o impessoal, ver como foram se articulando os elementos

320 SAFRA, Gilberto. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, pp. 69-0.

321 *Ibidem.*, p. 83.

322 ____ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 15.

323 ____ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 34.

que compunham a questão fundamental de Clarice. Safra afirma:

(...) o ser humano tem em seu modo de ser a possibilidade de mover-se continuamente em meio aos acontecimentos de sua vida ao longo do tempo (registro ôntico), ao mesmo tempo em que sua própria questão originária lhe revela os fundamentos de si mesmo (registro ontológico). Desse modo, o ser humano pode ser visto como um ente ontico-ontológico cujo cerne é uma questão e uma pré-compreensão do ser ³²⁴.

Em Clarice podemos acompanhar de modo claro as assertivas de Safra. A dimensão ôntica se faz pelas experiências que podem facilmente ser contadas. No decorrer deste estudo procurei tecer os fios da biografia de Clarice. Maneira de conhecer um pouco mais sobre o registro ôntico, que é, segundo Safra, *uma situação ou experiência que ocorre no espaço e tempo, na existência, isto é, na biografia de uma pessoa* ³²⁵.

A dimensão ontológica se coloca como um conhecimento que não encontra sustentação na razão e ultrapassa os registros representacionais. Safra afirma que o registro ontológico está presente antes mesmo de se ser, (...) *é pré-existente e fundante, contendo o homem desde sempre* ³²⁶. E diz mais:

(...) a condição ontológica do ser humano é compreensão antes que se possa acessar algo mentalmente. Isto é fundamental: o ser humano, de antemão é pré-compreensão, ou seja, é ontologicamente aberto ao sentido, possui um saber do qual nem sempre lhe é possível se apropriar. Isto é o que faz do ser humano um hermeneuta ³²⁷.

Essa dimensão se manifesta como aquele que vê por trás da retina, como

324 SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, p.22.

325 *Ibidem*, p.27.

326 *Ibidem*.

327 *Ibidem*, p.84.

aquele que está *atrás do pensamento – mais atrás ainda* ³²⁸. É a dimensão do impessoal, do “it” que acompanha todas as pessoas, que contém *homem desde sempre*, é o ser que se revela pela poesia.

De acordo com Safra, os registros ônticos e ontológicos de maneira concomitante acompanham a caminhada do ser humano pela existência. Então, se andam juntos, conseqüentemente, um afeta o outro e vice-versa, são as interfaces do percurso humano. Diz o autor:

De fato, os dois registros de experiência caminham juntos. Embora estejamos continuamente atravessados pelos acontecimentos biográficos (ônticos), eles nos abrem continuamente para as questões ontológicas. Há um fluir no homem que acontece em meio a estes dois registros: ôntico e ontológico. Esse aspecto do ser humano faz com que o homem, em sua estrutura fundamental, seja paradoxo. Como ser paradoxal, o homem é finito que anseia o infinito, limitado que vive o ilimitado, criatura que anseia por um criador. É um ser que vive entre agonias impensáveis e o terror do totalmente pensado ³²⁹.

Esses registros são formados por elementos que vão matizando a singularidade da pessoa. Vimos em “*Da solidão de não pertencer à quarta dimensão*” o registro ôntico, gradualmente, perdendo sua força para deixar surgirem elementos que revelam uma outra faceta.

A missão: Clarice nasce para cumprir a tarefa de salvar a mãe. Esta situação é pré-existente ao nascimento e define aquele que está por vir: (...) *eu sofro (...) porque estou preso dentro de uma estreita gaiola de forçada higiene mental. Sofro mais porque não digo porque sofro* ³³⁰. A missão impede a pessoa que ela, por si só,

328 ____ (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 47.

329 SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, p. 27.

330 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 40.

encontre os elementos que lhe dão a medida de quem *é*, que localize o seu lugar na família, na comunidade. No entanto, a pessoa submetida a uma situação de missão pode se recolocar diante da existência se outros elementos surgirem para resgatá-la, mas fica como uma marca indelével, que lhe foi posto antes do nascimento e se manterá até a morte.

A missão, como vimos, fixa elementos dando à pessoa a sensação de ser estranha para si mesma. É uma solidão de não pertencer. Uma solidão de não pertencer a si própria. Na missão se obtura o inédito porque já estão presentes alguns elementos que definem o ser, em uma linguagem winnicottiana poderíamos dizer que já está definido o objeto subjetivo ³³¹. A partir da missão encontramos o elemento do não pertencer e o anseio de pertencer. O não pertencer vai se expressando como elemento ôntico. Por exemplo, Clarice sentia que havia nascido de graça; ou que havia provocado a paralisia na mãe; ou ainda, uma vida marcada pela itinerância. Por outro lado, vai norteando a dimensão ontológica de Clarice à medida que se torna abertura e a faz se encontrar com as questões que são suas, mas que também acolhem o sofrimento do outro.

Atrás do pensamento: Neste capítulo, tentamos chegar à solidão, através de reflexões que legitimassem o lugar de experiência constitutiva. A solidão também tem sua dimensão ôntica, se coloca a todo o momento em nossa vida, como vimos ela também se pôs ao lado de Clarice. Porém, a solidão clariceana vai se fazendo, de modo claro, experiência ontológica: aquela que está *atrás do pensamento* é solidão-presença, é a experiência que ancora a instabilidade e a faz mergulhar

331 O objeto subjetivo é o primeiro objeto do ser humano, onde não diferenciação entre o bebê e o mundo, entre o bebê e a mãe, entre o eu e o não-eu. entretanto, é com ele que se começa a existir e se começa o processo do sentido de si mesmo .

nas profundezas da alma, depois emergindo, tomada pela lucidez

No Rosto, o silêncio: O silêncio é essencialmente uma experiência ontológica, que às vezes se apresenta como estética. É uma experiência concebida como lugar que acolhe o *entre*, o entre ser e não-ser, que acolhe a precariedade, que acolhe o mistério e, por isso se faz, ao mesmo tempo, pleno e aberto.

Esta faceta paradoxal do silêncio apresenta ao indivíduo a sua contingência, que é pré-existente e que o acompanhará até a morte. Nesta perspectiva, o silêncio se coloca como um elemento originário da condição ontológica do ser. Segundo Safra o silêncio pode ser registrado da seguinte maneira:

Silêncio-temor: a experiência do abandono;

Silêncio-do-estranho-em-si: experiência do atravessamento por elementos que não fazem parte de si;

Silêncio-mistério: experiência de expectativa, de revelação da condição humana.

O silêncio clariceano não pode ser localizável e tocado pela razão. É uma presença esperada que anuncia o mistério e que revela o Rosto da contingência humana.

Por esses elementos fundamentais que compõem o modo de ser de Clarice – não pertencer, solidão e silêncio – refletimos sobre os registros ôntico-ontológico que acompanham o ser humano durante a vida. Porém, há ainda, conforme as concepções de Safra, um terceiro registro: a ontologia. Ontologia é, para ele,

*(...) todo sistema representacional que uma pessoa ou um grupo de pessoas cria por meio do discurso e das imagens, procurando abordar uma concepção sobre a origem de si e/ou do mundo. A ontologia emerge em decorrência da condição fundamental do ser humano de estar sempre aberto ao ser, ao mesmo tempo em que se encontra em meio aos acontecimentos do mundo*³³².

A ontologia é uma construção que a pessoa faz e que está relacionada tanto com a história pessoal quanto com as experiências ontológicas. Safra diz:

*O sofrimento decorrente da biografia de uma pessoa revela os aspectos fundamentais, ontológicos, de sua condição humana. O sofrimento é a esperança! A apropriação desse saber, proporcionada pelo encontro com o outro, lhe permite que o seu gesto re-posicione as questões fundamentais sobre o destino humano, recriando o sentido de sua existência*³³³.

A palavra: sua quarta dimensão: Clarice desde muito cedo tentou re-posicionar suas questões, abrindo espaços para *recriar o sentido de sua existência*, e o fez via escrita. A ontologia de Clarice foi se revelando pela palavra – *A última palavra será a quarta dimensão*³³⁴. Na palavra encontrou a salvação. E da salvação fez seu fim último.

Safra reuniu os principais aspectos que revelam o *ser* e o denominou de *idioma pessoal*. Idioma pessoal é (...) *a maneira pela qual o modo de ser de alguém se apresenta no seu gesto, no seu mundo, na sua linguagem*³³⁵. Safra afirma que encontramos três grandes *modos de ser* na atualidade. São eles: bidimensionais, tridimensionais e os abismais.

332 SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, pp. 27-8.

333 *Ibidem*, p. 30.

334 LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 22.

335 SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006, p. 82.

Bidimensionais: (...) *é o modo de ser de pessoas que vivem reduzidas à mera imagem estética midiaticizada ou mero signo social*³³⁶.

Tridimensionais: (...) *tem um modo de ser que se enraíza em sua interioridade. A sua constituição é dialógica. O Outro é referência fundamental em seu modo de ser*³³⁷.

Abismais:

*São pessoas que, em decorrência das questões que a visitaram em seu berço ou pelo fato de terem sido atravessadas por acontecimentos em sua história, dizem o inédito. Elas são profundamente lúcidas em relação ao registro ontológico da condição humana (...) estão continuamente conscientes da condição ontológica do ser humano. O que pode ser complicado, dependendo do destino que elas consigam dar a esta lucidez que as constitui*³³⁸.

Safra ressalta que os abismais são, na maioria das vezes, (...) *pessoas lúcidas que tiveram um encontro humano significativo e que têm a possibilidade de falar o originário, de assinalar aquilo que é fundamental na experiência humana. O maior drama para essas pessoas, no mundo contemporâneo, é isto ser compreendido como loucura*³³⁹.

No jardim da vida de Clarice foram semeadas muitas sementes. Algumas puderam ser reconhecidas: rosas, cravos, girassóis, violetas, margaridas, orquídeas, acácias, gerânios; outras, permanecerão escondidas, ocultas, afinal como ela mesma dizia:

*Sou uma pergunta*³⁴⁰.

336 *Ibidem*, p. 58.

337 *Ibidem*, p. 59.

338 *Ibidem*, pp. 59-0.

339 *Ibidem*, p. 61.

340 LISPECTOR, Clarice (1971). "Sou uma pergunta". *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 367.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, José Rosa de. *A experimentação do grotesco em Clarice Lispector*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.134
- BORELLI, Olga. “A difícil definição”. In. LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*; Edição crítica; Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996, p.XXI-II.
- BOSI, Alfredo (1970). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. “Uma tentativa de renovação”. In. *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANDIDO, Antonio. “No começo era de fato o verbo”. In. *A paixão segundo G.H.*; Edição crítica; Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996, p.XIX.
- DOLTO, Françoise (1985). *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 401
- FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- GOTLIB, Nádía Battella, MIS, Equipe. “A descoberta do mundo”. *Cadernos de literatura brasileira: Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, ed. especial, n 17 e 18, 2004.

HARRISON, Tinsley Randolph. *Medicina interna*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984, vol 2.

JÚNIOR , Benjamin Abdala; CAMPEDELLI, Samira Youssef . “Vozes da crítica”. In. LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2a.ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996.

KANAAN, Dany Al-Behy. *Á escuta de Clarice Lispector: entre o biográfico e o literário, uma ficção possível*. São Paulo: EDUC, 2003.

KANAAN, Dany Al-Behy. *Escuta e subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector*. São Paulo: Casa do Psicólogo; EDUC, 2002.

LISPECTOR, Clarice (1943). *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

___ (1946). *O lustre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

___ (1949). *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

___ (1960). *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

___ (1961). *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

___ (1964). *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1987.

___ (1964). *A paixão segundo G.H.* Edição Crítica, Benedito Nunes, coordenador. 2a.ed. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX/ Edusp, 1996.

___ (1967). *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro: Rocco, 1971.

___ (1968). *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

___ (1969). *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

- ___ (1971). *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.
- ___ (1973). *A imitação da rosa*. Rio de Janeiro: Artanova, 1973.
- ___ (1973). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- ___ (1974). *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- ___ (1974). *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Artanova, 1974.
- ___ (1974). *A vida íntima de Laura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- ___ (1975). *Visão do esplendor: impressões leves*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- ___ (1975). *De corpo inteiro*. Rio de Janeiro: Artanova, 1975.
- ___ (1977). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ___ (1978). *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ___ (1978). *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- ___ (1978). *Quase de verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.
- ___ (1979). *A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- ___ (1984) *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ___ (1987). *Como nasceram as estrelas*. Doze lendas brasileiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- ___ (1991). *O primeiro beijo e outros contos* (Antologia). São Paulo: Ática, 1999.
- ___ . *Correspondências*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- ___ . *Aprendendo a viver – Imagens*. Edição de texto: Teresa Montero; edição de fotografia: Luiz Ferreira. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- ___ . *Outros escritos*. Org. Teresa Montero e Lícia Mauzo. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

- _____. *Correio feminino*. Org. Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. *Cartas perto do coração*. Org. Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. *As vigas de um heroísmo vago (três estudos sobre A maçã no escuro)*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira - FFLCH-USP, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, v.5, 1989, p.457.
- NETO, João Cabral de Melo. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 345.
- NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.
- NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.
- PERDIGÃO, Andréa Bomfim. *Sobre o silêncio*. São José dos Campos, SP: Pulso, 2005.
- PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- PONTIERI, Regina (Org). *Leitores e leituras de Clarice Lispector*. São Paulo: Hedra, 2004.
- _____. *Clarice Lispector: Uma poética do olhar*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 1999.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 1999.

- SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco, 1999.
- _____. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.
- _____. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.
- _____. *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.
- SALLES, Instituto Moreira. *Cadernos de literatura brasileira: Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, Edição especial, n.17 e 18, 2004.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de; COLASANTI, Marina (1976). "Dezembro sem Clarice". *Escrita*, ano III, n 27, 1978.
- SEM ASSINATURA. "Clarice Lispector". *Revista Textura*. São Paulo: Letras/Universidade de São Paulo, maio de 1974.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino- português*. Porto (Portugal): Gráficos Reunidos LDA, 1942.
- VARIN, Claire. *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. Trad. Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.
- WALDMAN, Berta. *A paixão segundo Clarice Lispector*. São Paulo: Escuta, 1993.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanete Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 63.
- _____. *Natureza Humana*. Trad. Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

—. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

ANEXOS

Obras de Clarice Lispector: primeiras edições

Perto do coração selvagem. Rio de Janeiro: A Noite, 1943.

O lustre. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

A cidade sitiada. Rio de Janeiro: A Noite, 1949.

Alguns contos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

Laços de família. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

A maçã no escuro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1961.

A legião estrangeira. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

O mistério do coelho pensante. Rio de Janeiro: José Álvaro: 1967.

A mulher que matou os peixes. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.

A imitação da rosa. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

Água viva. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

Onde estivestes de noite. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

A via crucis do corpo. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

A vida íntima de Laura. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

Visão do esplendor: impressões leves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

De corpo inteiro. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

A hora da estrela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Para não esquecer. São Paulo: Ática, 1978.

Um sopro de vida: pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Quase de verdade. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

A bela e a fera. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Como nasceram as estrelas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

Outros escritos. Rio de Janeiro: 2005.

Correio feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Antologias

Seleção de Clarice Lispector. Org. Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/ Instituto Nacional do Livro, 1975.

Clarice Lispector. Org. Benjamin Abdala Júnior e Samira Youssef Campedelli. São Paulo: Abril Educação, 1981.

O primeiro beijo e outros contos, de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1991.

Os melhores contos de Clarice Lispector. Org. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Global, 2001.

Correspondências

Cartas perto do coração. Org. Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Correspondências – Clarice Lispector. Org. Teresa Cristina Montero Ferreira. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Imagens/ citações

Aprendendo a viver – imagens . Rio de Janeiro: Rocco, 2004.